

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Larissa Rafaela Galatti

PEDAGOGIA DO ESPORTE :
O livro didático como um mediador no
processo de ensino e aprendizagem dos
jogos esportivos coletivos

Campinas
2006

Larissa Rafaela Galatti

PEDAGOGIA DO ESPORTE:
O livro didático como um mediador no
processo de ensino e aprendizagem dos
jogos esportivos coletivos

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes

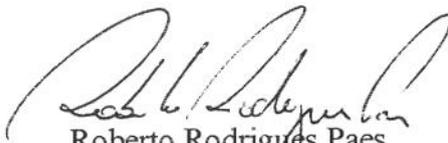
Campinas
2006

Larissa Rafaela Galatti

PEDAGOGIA DO ESPORTE :

o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Larissa Rafaela Galatti e aprovada pela Comissão julgadora em: 14/12/2006.



Roberto Rodrigues Paes
Orientador

Campinas
2006

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
CÉSAR LATTES
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

UNIDADE BC
Nº CHAMADA UNICAMP
0131p
V EX
TOMBO BC 72536
PROC 16.145.07
C D
PREÇO 11,00
DATA 16-05/07
Bib. id. 410842

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

G131p Galatti, Larissa Rafaela.
Pedagogia do esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos / Larissa Rafaela Galatti. - Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes.
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Pedagogia. 2. Esporte. 3. Jogos em grupo. 4. Material didático. I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: Sport Pedagogy: the didactic book as a partner on team sports learning.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Sports Pedagogy; Team sports; Didactic book.

Área de Concentração: Ciências do Desporto.

Titulação: Mestrado em Educação Física

Banca Examinadora: Jocimar Daolio. Roxana Helena Rodrigues Rojo. Roberto Rodrigues Paes.

Data da defesa: 14/12/2006.

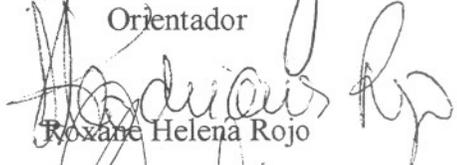
dicatória

COMISSÃO JULGADORA

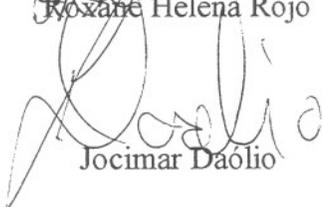


Roberto Rodrigues Paes

Orientador



Roxane Helena Rojo



Jocimar Daolio

Dedicatória

FAMÍLIA. SEMPRE.

Agradecimentos

Agradecer. Que privilégio um momento para isso em um trabalho acadêmico! Nada mais justo, afinal, foram tantos que contribuíram para que este se concretizasse... E nada mais fácil para mim, que nem sempre sei expressar o quanto as pessoas me são importantes... Vamos lá!

Tudo começou com o Vicente e a Marta, que desde antes de eu nascer vêm me dando exemplos de coragem, empenho, dedicação. Mais, exemplos de amor. Foram viver no sertão do Bahia com meu irmão (Rodrigo) ainda bebê. E foi por lá que dei meus primeiros passos!!! Três anos depois voltamos para São Paulo, já com a minha irmã (Letícia) de carona na barriga da mamãe! Minha mãe que foi cursar a faculdade com os três filhos ainda crianças. Uma vitoriosa!!! E meu pai, um companheiro, dando força para que tudo se faça possível, sempre. Obrigada pelas lições e, mais que isso, pelos exemplos, porque são estes que falam mais alto no final. Obrigada, professora Marta, “mamis”, pelos livrinhos desde a infância... parece que valeram a pena, né... gosto de livros até hoje e, se justamente hoje estou me aventurando a propor um livro para crianças, é porque quando criança você me mostrou o quanto eles podem fazer a diferença.

Obrigada ao meu pai, Troncus, por ser mais que presente, ser um amigo. Perfeito!!! Dizem que sou seu xeróx e eu morro de orgulho disso!

Ao Rodrigo, meu irmão que também sempre foi um exemplo e um amigo. À minha irmã Letícia, cada dia mais que uma amiga, a minha grande amiga!!! De tabela e também de coração, ao Marcelo e Aline, pelo convívio nesta grande família.

Com a “italianada” toda da família, que não pára de crescer, escolhi um representante do lado dos Galatti e outro do lado dos Peria para simbolizar o carinho por todos: minhas madrinhas Ângela e Ermide. Minha tia Ângela, por quem eu sempre tive verdadeira adoração e a Vó Mide, a quem sempre como uma grande leitora e grande avó, pensando em todos, netos, filhos e agora bisneta. Sabemos que está sempre torcendo por nós!!!

Para completar a família, falta a pessoa que eu escolhi para compô-la, Mauro Breda. Lutador, professor, aluno. LUTADOR. Depois de alguns anos longe dos estudos encarou o recomeço e hoje finaliza a faculdade de Educação Física. Quanto orgulho!!! Eu também tento seguir seus passos e me dar bem como atleta... mas está difícil... hahaha! Mas vou me realizando com os atletas da nossa academia. Obrigada por existir e por termos nos escolhido!!!

Ao pessoal do Toshin F.C., mais do que um C.T. de Lutas, temos visto muitos meninos se transformarem em homens, não apenas por conquistas nos tatames e ringues, mas pelo o dia-a-dia com o Esporte. Obrigada ao meu Sensei, Mauro Breda. Ao pessoal do tênis do CFC, por me possibilitarem continuar nos esportes de quadra, quando ficou difícil reunir 10 garotas para jogar basquetebol. Valeu Samuel e toda galera!!!

Deixo um abraço especial para todos os meus amigos que desde a infância estamos descobrindo o mundo juntos... não é simples crescer, mais difícil é manter os laços depois de escolhas profissionais diferentes. Mas nós conseguimos! Valeu Paula, Tati e Nathalia!!!

Um abraço especial para o Henrique, pelos caminhos em comum, pelos pensamentos e formas de se organizar nem sempre iguais, o que é ótimo, nos faz crescer. Mas especialmente pela pessoa que você é, fantástico! Seu coração um dia vai para o Guinness como um dos maiores do mundo!

Ao Artur, simplesmente porque gosto muito de você companheiro!!!

Ao Hermes, pela amizade, confiança e tantas portas que tem me aberto. Muito obrigada Profetzor!!!

Na Educação Física tem muita gente para agradecer, vou citar alguns nomes, mas com certeza vai ter gente fundamental faltando aqui... Inicialmente deixo o meu muito obrigada ao Chinês e ao Julis, pelas lições no dia-a-dia no basquete, desde meus 14 anos... Conviver com vocês foi um privilégio, as primeiras grandes lições para a profissão. Espero revê-los logo e com mais frequência!

Na FEF-UNICAMP a lista não teria fim...

- Ao pessoal da turma 99D, pelos 4 anos descobrindo a profissão juntos;
- Aos colegas, amigos e alunos do Projeto Basquetebol Unicamp. Devo muito aos momentos vividos ali. Como valeram!!!;
- Aos times de basquete da FEF e da UNICAMP;
- Ao pessoal do GEPEAMA- DVs, das antigas e de hoje. Queria muito estar mais perto... confesso que tenho uma pontinha de ciúme e até inveja quando rolam os programinhas do pessoal do grupo e já não consigo acompanhá-los... se longe dos olhos, não tem problema, neste grupo o mais importante é enxergar com o coração e vocês já habitam o meu há muito tempo; grande beijo para a Máfia!;
- Ao companheiros do GEPESP, pelo hoje!;
- Aos amigos ou companheiro da pós que nas aulas, conversas de corredor e textos que escrevem sempre me mostram algo diferente, que eu não conseguiria ver sozinha! Obrigada ao Hermes, Henrique, Wilton, Ylane, Vêi, Regina, Mari, Serginho, André, Miro, Laurita, Catanho, Ciro, Artur e tantos companheiros de disciplinas!!!!
- Aos funcionários, sempre muito atenciosos e imprescindíveis ao longo de todo percurso.

Tenho que agradecer muito, também, pelas oportunidades que tenho tido no ensino superior, no IASP, FAJ e UNIPINHAL. Tem sido fantástico! Muito obrigada aos coordenadores pela confiança, mesmo eu estando disfarçada de aluna algumas vezes!!! Aos colegas por tudo que me ensinam no dia a dia. Tenho trabalhado ao lado de pessoas muito competentes!

Às pessoas do Cosmopolitano Futebol Clube e Tênis Clube de Campinas, experiências inesquecíveis.

Aos alunos. Não há o que discutir, é na quadra que a gente se entende e é lá que vocês me mostram os grandes desafios de ser pedagoga do esporte, me ensinando grandes lições!!!

Aos mestres!

Ao Prof. Gavião, único!

Ao Prof. Alcides Scaglia, com quem tenho o orgulho de trabalhar junto e que me deu a honra de ler este estudo. Muito obrigada!

Ao Prof. Paulo César Montagner, o Cesinha, pai do João Vitor! Sem dúvida um exemplo. Esse cara sabe por um tênis e dar Aula, sempre com disposição, preocupado em ser atencioso com todos. Obrigada por todas as conversas, pelos ensinamentos, pelo convívio. Pelo exemplo.

Ao Prof. Jocimar Daólio, por balizar para sempre meu conceito de cultura. Por me apresentar aos autores dos Jogos Esportivos Coletivos. Certamente este estudo tem uma raiz em suas disciplinas. Obrigada pelas ponderações desde a qualificação, elas tem me feito refletir sobre o estudo e sobre o Esporte de forma geral. É gratificante tê-lo em minha banca, pelos ensinamentos durante a graduação e pós-graduação e pela atenção e carinho com que vem lendo este estudo.

À Prof. Roxane Rojo. Me caiu como uma luva!!! Jamais este estudo teria a consistência atual sem a sua colaboração e de sua disciplina. Muito obrigada por ter compreendido o que eu queria fazer, logo em nossas primeiras conversas e ter me indicado caminhos tão precisos. Espero que nosso contato não termine com esta dissertação. Conto com você em meus próximos passos!

Ao Prof. Roberto Rodrigues Paes. Em primeiro lugar, pela confiança que sempre me transmitiu, desde o Projeto Basquetebol Unicamp, na conclusão da Graduação, ao longo do curso de Especialização e agora como orientador no Mestrado. Mais do que isso, um orientador na minha vida, com o seu exemplo diário. O Pedagogo. Toda minha admiração, amizade e alegria de poder conviver com você!!! Lembro-me de uma das aulas na pós, estava sentada ao lado da Ylane, quando ela disse: “Poxa, não é bom a gente concordar com tudo o que uma pessoa diz, mas quando assisto as palestras do Robertão discordar parece impossível!” Obrigada pela palavras mágicas!!!

Ao Esporte, um parceiro!!!

GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do Esporte**: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem de jogos esportivos coletivos. 2006. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RESUMO

A partir da concepção do Esporte enquanto um fenômeno sócio-cultural de múltiplas manifestações, este estudo tem por objetivo contribuir para o processo de ensino e aprendizagem em Jogos Esportivos Coletivos (JECs), tendo como foco crianças e adolescentes inseridos em ambientes de educação formal ou não-formal. Para tal, propomos a elaboração de um Livro Didático que trate dos JECs tanto em seus aspectos práticos como teóricos. Para tal, esta dissertação está organizada em três momentos: (1) a elaboração de um suporte teórico envolvendo quatro eixos centrais, sendo eles: a concepção fenomênica do esporte; as contribuições da pedagogia do esporte no processo de iniciação esportiva; os jogos esportivos coletivos (JECs) e um olhar a partir da ciência contemporânea sobre os temas tratados. Este capítulo tende a sustentar teoricamente o estudo e seu prosseguimento; (2) Livro Didático: Neste momento nos preocupamos em conceituar LD e trazer para a Educação Física conhecimentos ainda não explorados pela área que nos subsidie e indiquem procedimentos para a elaboração de um livro didático em Educação Física, assim como a justificativa por optarmos por este recurso e por termos selecionado como conteúdo os jogos esportivos coletivos. Ainda neste capítulo, trataremos da importância e qual a necessidade deste tipo de material para a área; (3) Na expectativa de avançar em relação a outros estudos que tratem dos JECs e esporte na infância, sugeriremos neste capítulo um livro didático sobre esportes com foco nos JECs, com uma linguagem adequada a este público. Para tal, utilizaremos o conceito de Sequência Didática proposto por Dolz, J.; M. Noverraz & B. Schneuwly (2004), a fim de selecionarmos os conteúdos de forma adequada aos objetivos deste LD, que é contribuir para a compreensão dos JECs por parte de crianças e adolescentes que praticam os mesmos, tanto no âmbito da educação formal como não-formal.

Palavras-Chaves: Pedagogia do Esporte, Jogos Esportivos Coletivos, Livro Didático

GALATTI, Larissa Rafaela. **Sport Pedagogy: the Didactic Book as a Partner on Team Sports Learning**. 2006. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ABSTRACT

From the conception of Sport as a social-cultural phenomenon of multiple manifestations, this study has the objective of contributing for the process of education and learning in Team Sports, having as focus children and adolescents in environments of formal or non-formal education. For such, we consider the elaboration of a Didactic Book as a partner on Team Games learning in its practical aspects as theoreticians. Being thus, this study is organized at three parts: (1) conceptions about Sport; the contributions of Sport's Pedagogy; Team Sports; and a look of contemporary Science on the treated subjects. (2) a conception about Didactic Book, bringing to the Physical Education knowledge not yet explored by the area that subsidizes them and indicates procedures for the elaboration of a Didactic Book in Physical Education. Still in this chapter, we will deal with the importance and which the necessity of this type of pedagogical resource for the area, as well as the justification for opting to this resource and terms selected as content Sport Games. (3) In the expectation to advance in relation to other studies that deal with the Sport Games in infancy, we suggest in this chapter a didactic book on Sports with focus in the Games, with an adequate language to this public. For such, we will use the concept of Didactic Sequence, in order to select the contents and adequate form to the objectives of this didactic book, that converge in contributing to the understanding of the Sport Games on the part of children and adolescents who practice the same ones, considering in such a way its aspects technician-tacticians as social-educational.

Keywords: Sports Pedagogy, Team sports, Didactic Book

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Esporte: cenários, personagens e significados.....	26
Figura 2 -	Modelo Pendular.....	57
Figura 3 -	Esquema de Sequência Didática.....	96
Figura 4 -	LD: Capa do Livro Didático em JECs.....	100
Figura 5 -	LD: iniciando o jogo.....	101
Figura 6 -	LD: apresentando o esporte.....	102
Figura 7 -	LD: expansão e personagens do esporte.....	103
Figura 8 -	LD: Capa do módulo 1.....	109
Figura 9 -	LD: JECs e suas proximidades.....	110
Figura 10 -	LD: criando JECs.....	111
Figura 11	LD: princípios operacionais defensivos e ofensivos.....	112
Figura 12	LD: transição defensiva e ofensiva.....	113
Figura 13	LD: regras de ação.....	114
Figura 14	LD: controle de corpo – parte 1.....	115
Figura 15	LD: controle de corpo – parte 2.....	116
Figura 16	LD: passe – parte 1.....	117
Figura 17	LD: passe – parte 2.....	118
Figura 18	LD: capa módulo 2.....	120
Figura 19	LD: capa Basquetebol.....	121
Figura 20	LD: conhecendo o basquetebol.....	122
Figura 21	LD: história do basquetebol.....	123
Figura 22	LD: regras do basquetebol.....	124
Figura 23	LD: refletindo acerca de valores através do esporte.....	127
Figura 24	LD: produção final.....	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Possíveis Conteúdos para a prática com Jogos Esportivos Coletivos.....	68
Quadro 2 - Módulos, Temas e Elementos de Apoio do Livro Didático em Jogos Esportivos Coletivos.....	97
Quadro 3 - Apresentação da Situação.....	98
Quadro 4 - Módulo 1.....	106
Quadro 5 - Módulo 2.....	119
Quadro 6 - Elementos de apoio e potenciais de potencial valor sócio-educativo	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Características do Futsal, Handebol, Basquetebol e Voleibol.....	52
-------------------	--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FEF	Faculdade de Educação Física
JECs	Jogos Esportivos Coletivos
JDC	Jogos Desportivos Coletivos
LD	Livro Didático
SD	Seqüência Didática
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

Introdução	17
Capítulo 1 – PEDAGOGIA DO ESPORTE E JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS	21
1.1 O Fenômeno Sócio-Cultural Esporte	22
1.2 Esporte: fenômeno de múltiplas manifestações	25
1.2.1 O contexto do Esporte Profissional.....	27
1.2.2 Contextos do pára-esporte.....	27
1.2.3 O contexto do esporte escolar.....	28
1.2.4 O contexto da iniciação esportiva.....	29
1.2.5 Contexto do Esporte e Idoso.....	29
1.2.6 O contexto do Esporte com o significado do lazer.....	30
1.3. Esporte: Movimento, Pensamento e Sentimento	31
1.4. Pedagogia do Esporte.....	34
1.4.1 <i>Pedagogia e Esporte.....</i>	34
1.4.2 <i>Definindo a Pedagogia do Esporte.....</i>	36
1.4.3. <i>Considerações sobre Educação e Infância.....</i>	39
1.5 Jogos Esportivos Coletivos.....	42
1.5.1 <i>Aspectos Técnico-Táticos.....</i>	48
1.5.2 <i>Modalidades Formais: Características Gerais do Futsal, Handebol, Basquetebol e Voleibol.....</i>	51
1.6 Métodos de Ensino e Sequências Didáticas no ensino de JECs.....	54
1.7 Pedagogia do Esporte e Jogos Esportivos Coletivos: Contribuições da ciência contemporânea.....	60
1.7.1 <i>Ciência Tradicional.....</i>	60
1.7.2 <i>Uma Visão de Ciência Contemporânea acerca dos JECs.....</i>	64
1.8 Prática Pedagógica com JECs.....	67
Capítulo 2 - LIVRO DIDÁTICO: UM MEDIADOR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS.....	73

2.1 Livro Didático: surgimento, percurso e definição.....	76
2.2 Livro Didático: do professor para o aluno ao professor-aluno.....	80
2.3 A concepção de livros didáticos e a importância da Universidade.....	83
2.4 Livro Didático em Educação Física: Justificativa e concepção.....	85
CAPÍTULO 3: O LIVRO DIDÁTICO SOBRE JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS.....	93
3.1 A apresentação da situação.....	97
3.2 A primeira produção.....	104
3.3 Os módulos.....	105
<i>3.3.1 Módulo 1.....</i>	<i>106</i>
<i>3.3.2 Módulo 2.....</i>	<i>119</i>
3.4 Elementos de Apoio e de potencial valor sócio-educativo.....	125
3.5 A produção final.....	128
Considerações Finais	131
Referências Bibliográficas	135

Introdução

O esporte deve ser compreendido como um fenômeno sócio-cultural e encontra na contemporaneidade um momento de valorização, manifestando-se em diversos cenários, envolvendo diferentes personagens, que lhe designam variados significados. Considerando sua pluralidade, identificamos como contextos de manifestação do esporte o profissional, o esporte como opção de lazer, o esporte infantil, o para-esporte, o esporte para terceira idade, o escolar, dentre outros. Como personagens, destacamos atletas profissionais, espectadores ou praticantes do esporte em seu tempo livre do trabalho, crianças, jovens e adultos que buscam aprender o esporte ou jovens e adultos que buscam especializar-se no esporte (sendo ou não necessárias adaptações para estes diferentes personagens). Na esfera dos significados, faz-se necessário adentrarmos ao campo da subjetividade, uma vez que as pessoas ou grupos que praticam ou promovem o esporte designam a ele significados a partir de valores e princípios provenientes de uma construção cultural que é pública, justamente por serem públicos os significados (GEERTZ, 1989, p.22).

A partir da concepção de esporte sinalizada acima, este estudo busca contribuir para que crianças e adolescentes, quando em contato com o mesmo em um ambiente educacional institucionalizado – formal ou não-formal¹ –, tenham acesso a um programa esportivo que contemple além da prática, estimulando-os a compreender integralmente o esporte, como destaca Paes (2001, p.40),

(...) o esporte, como conteúdo da Educação Física na escola, deverá ser oferecido de forma que o aluno possa compreendê-lo integralmente, conhecendo suas diferentes modalidades; seu ensino deverá abranger conhecimentos teóricos e práticos, dando oportunidade ao aluno de aprender e vivenciar seus fundamentos, compreender suas regras, bem como conhecer sua história e evolução.

¹ Segundo Demartini e Lang (1985), podemos entender a educação em três níveis:

- Educação formal: que se realiza em agências tecnicamente orientadas para esse fim, as escolas;
- Educação não formal: qualquer atividade educacional organizada e sistemática, fora do sistema formal, visando fornecer tipos selecionados de conhecimentos a grupos particulares da população;
- Educação informal: processo de socialização que se dá ao longo de toda a vida do sujeito e que não é especificamente organizada para propostas de aprendizado.

Aos apontamentos de Paes, somamos as possibilidades de aprendizagem social por meio do esporte, uma vez que o convívio humano que se estabelece na prática esportiva pode ser apontado como uma metáfora do convívio humano em outros contextos sociais (BALBINO, 2001). Apontamos, ainda, que a necessidade de compreensão integral do Esporte não se restringe ao contexto escolar, devendo estender-se a outros cenários onde o esporte insere-se, em especial no momento da iniciação esportiva.

Buscando contribuir para a otimização do processo de ensino e aprendizagem do esporte, este estudo tem como objetivo a elaboração de um mediador pedagógico pouco presente na Educação Física: o livro didático (LD) – propondo um modelo para sua construção e apontando possibilidades de utilização do mesmo de forma agregada ao projeto de trabalho e plano de aula do professor de Educação Física que lida com o tema esporte.

No Brasil, Livro Didático pode ser entendido como um material editorial elaborado para a utilização em situações de ensino e aprendizagem, que é legitimado por sistematizar o conhecimento a ser estudado em uma situação de aprendizado coletivo e orientado por um professor. Neste estudo, não nos ateremos às preocupações editoriais, mas sim em apontar conteúdos relevantes para um LD em Educação Física, sugerindo que o mesmo seja utilizado no ensino do esporte, em paralelo à prática esportiva.

Cabe ressaltar a importância do professor ao longo do processo, como nos aponta Munakata (1999, p.579) a relação professor-aluno no uso do LD é tão peculiar que “se um aparecer sem o outro pode-se até mesmo dizer que o livro didático deixa de sê-lo”. Por sua vez, Batista (2000, p. 544) nos traz que a adoção do LD propõe um “contrato” entre o professor que escolhe o livro e aluno que usufrui deste. Estes contratos, continua o autor, “estão relacionados às funções que os textos impressos procuram atribuir a sua leitura ou utilização”.

Na França, Chopin² (1992), enumera as funções mais frequentes que os LDs assumem, sendo estes divididas em quatro tipos, sendo que utilizamos elementos de três tipos de LDs para construir o nosso: os manuais, as obras de referência e os paraescolares.

Tendo sido identificado o tipo de livro didático que elaboraríamos, coube-nos selecionar os conteúdos do mesmo. A opção enquanto tema geral foi o esporte, em função da proximidade da autora e seu orientador com a temática, o que lhes permitiu maiores possibilidades de dar um tratamento pedagógico adequado a este estudo. Sabe-se, entretanto, que a Educação Física

² apud BATISTA 2000, p.544

contempla outros conteúdos – tais quais o jogo, a ginástica, as lutas e a dança, apontados por Soares et al (1992), dentre outros autores que buscam organizar os conteúdos da Educação Física – que poderiam igualmente ser tema profícuo para um LD e espera-se que isto aconteça num futuro próximo.

Entretanto, como apontamos inicialmente neste estudo, o esporte é um fenômeno complexo, de múltiplas manifestações. Assim, a fim de contemplarmos com profundidade uma temática, optou-se pelo foco nos jogos esportivos coletivos (JECs), que segundo Teodorescu (1984, p.23):

representam uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico, na qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva) – relação determinada pela disputa através de luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou de outro objeto de jogo) manobrada de acordo com regras pré-estabelecidas.

Diversos autores têm se dedicado ao estudo dos JECs, como Garganta (1995), que aponta a cooperação e a inteligência como características fundamentais dos JECs, destacando também a importância da comunicação entre as pessoas envolvidas em sua prática. Bayer (1994), por sua vez, apontou a possibilidade de “transfert”, ou transferência de conteúdos e aprendizagens entre os JECs a partir de suas características comuns. Um outro ponto em destaque nos estudos recentes ligados aos JECs são as possibilidades de intervenção no meio sócio-cultural a partir do esporte, como abordam Paes (2001) e Balbino (2001).

Entretanto, os autores supra citados têm uma inserção relativamente recente na prática pedagógica com o esporte e com os JECs. Até as décadas de 1970, na Europa e 1980, 1990 no Brasil, os JECs vinham sendo analisados e estudados à luz das teorias para modalidades individuais. Somente após este período é que as modalidades coletivas passaram a ser objeto específico de estudo, o que nos aponta para uma necessidade ainda atual de que as teorias apontadas sejam disseminadas com mais força entre os professores que atuam com JECs, em especial na escola e no momento da iniciação esportiva infantil, que apresenta peculiaridades em relação a outras manifestações do esporte, como o Profissional.

Desta forma, neste estudo apontamos o livro didático como uma proposta pedagógica para otimizar as aulas de Educação Física ao tratar dos JECs, buscando responder aos questionamentos de Paes (2002, p.90):

Ao estruturar-se uma proposta pedagógica para ensinar esporte, são necessários alguns questionamentos: Qual a modalidade a ser ensinada? Em que cenário? Quais os personagens dessa prática? E, por fim, quais os seus significados? Somente a partir dessas respostas será possível dar um tratamento pedagógico ao esporte.

Para responder a tantos questionamentos, esta dissertação está organizada em três capítulos:

(1) a elaboração de um suporte teórico envolvendo quatro eixos centrais, sendo eles: a concepção fenomênica do esporte; as contribuições da pedagogia do esporte no processo de iniciação esportiva; os jogos esportivos coletivos (JECs) e um olhar a partir da ciência contemporânea sobre os temas tratados. Este capítulo tende a sustentar teoricamente o estudo e seu prosseguimento.

(2) Livro Didático: Neste momento nos preocupamos em conceituar LD e trazer para a Educação Física conhecimentos ainda não explorados pela área que nos subsidie e indiquem procedimentos para a elaboração de um livro didático em Educação Física, assim como a justificativa por optarmos por este recurso e por termos selecionado como conteúdo os jogos esportivos coletivos. Ainda neste capítulo, trataremos da importância e qual a necessidade deste tipo de material para a área .

(3) Na expectativa de avançar em relação a outros estudos que tratem dos JECs e esporte na infância, sugeriremos neste capítulo um livro didático sobre esportes com foco nos JECs, com uma linguagem adequada a este público. Para tal, utilizaremos o conceito de Sequência Didática proposto por Dolz, J.; M. Noverraz & B. Schneuwly (2004), como eixo condutor para organização dos conteúdos de forma adequada aos objetivos deste LD, que é contribuir para a compreensão dos JECs por parte de crianças e adolescentes que praticam os mesmos, tanto no âmbito da educação formal como não-formal.

Capítulo 1

Pedagogia do Esporte e Jogos Esportivos Coletivos

Certamente o esporte é um dos maiores fenômenos da atualidade, envolvendo cada vez mais pessoas, seja em sua prática, como observadores, espectadores, tele-espectadores, estudiosos, cientistas e profissionais de diversos segmentos, o que faz com que seja praticado, estudado, debatido e ensinado em diversos contextos, se manifestado na sociedade de diversas maneiras, gerando também uma pluralidade de significados para os envolvidos. Bento (1991, p.17) afirma que sua imagem atual de pluralidade nos dirige à sua caracterização como “um fenômeno sociocultural que representa, promove e disponibiliza formas muito distintas, mas todas especificamente socioculturais e historicamente datadas, de lidar com a corporalidade”.

Em outro estudo, o mesmo autor nos atenta para uma transposição de significado e valor social do esporte:

A um passado ligado à afirmação e difusão de um modelo uniformizado em torno de estereótipos de masculinidade, juventude, força outras referências afins, sucedem um presente e um futuro de configuração de uma pluralidade de práticas, diversificadas sob o primado de princípios subsidiários da qualidade e excelência da vida e do homem de todas as idades e condições. De um desporto de entretenimento e espetáculo do fim de semana evoluiu-se para uma cultura do cotidiano. (BENTO, 1999, p.51).

1.1 O FENÔMENO SÓCIO-CULTURAL ESPORTE

Para ilustrarmos o alcance e aceitação do esporte ao redor do mundo na atualidade, como também de sua relevância na cultura dos povos, o Comitê Olímpico Internacional (COI), através do Movimento Olímpico, agrega 203 Comitês Olímpicos Nacionais. A ONU (Organização das Nações Unidas), órgão internacional de cunho político institucional tem 192 filiados.

A inserção social do esporte que hoje lhe dá a grandeza de fenômeno tem uma trajetória que, de acordo com Tubino (1987), em sua forma institucionalizada, teve início na Inglaterra no final do século XIX e início do século XX balizado em dois pilares complementares: o fornecimento do prazer para quem joga e para os espectadores, e a oportunidade da formação moral. Betti (1991, p. 45) nos traz que:

As tradicionais Escolas Públicas (...), as Universidades e a classe média emergente da Revolução Industrial tiveram participação fundamental nesse processo (...) A Inglaterra foi também pioneira em aceitar e utilizar o esporte como meio de educação. (...) A “capacidade de governar outros e controlar a si próprio, a atitude de combinar liberdade com ordem” (Comissão Real das Escolas Públicas, citado por McIntosh, 1973, p. 119) era o modelo aceito da Educação Física nas Escolas Públicas.

Havia, entretanto, um ponto essencial para o fortalecimento, crescimento e expansão do esporte: as regras dos jogos, que precisavam ser padronizadas. A este respeito, escreve Scaglia, 2005 (p.19):

Se os filhos da elite inglesa aprendiam jogos na escola e cada escola tinha regras particulares e jogos próprios, significativas apenas ao pequeno grupo de estudantes, logo posso deduzir que quando esses chegavam às universidades – reunindo-se com alunos de várias outras escolas e localidades -, para que pudessem continuar a jogar seus jogos era preciso combinar novamente as regras. Frutos dessa necessidade é que entrevejo mais uma condição favorável ao surgimento dos esportes (...).

Anos mais tarde, aparece como grande marco da configuração do Esporte Moderno a retomada dos Jogos Olímpicos e os ideais a ele ligados. O francês Pierre de Coubertin instituiu os Jogos Olímpicos da Era Moderna, internacionalizando o esporte a partir de ideais comuns, sendo necessária, também, uma internacionalização das regras, massificando e aproximando o esporte, seus promotores, praticantes e espectadores por todo o mundo. Quanto a esta padronização, nos remetemos a Scaglia (2005, p.7):

Essa universalização e padronização das regras para abranger um contingente maior de interessados em praticá-lo, pode ser vista como a principal característica do esporte, colaborando com sua emancipação, ou seja, desvinculando-o das brincadeiras, das quais se originaram. Nesse momento, os jogos/brincadeiras passam de processo – entendido enquanto meio para ressignificações -, para produto. E como produto, desencadeia um novo processo, em que passa a servir como conteúdo para futuras ressignificações.

Buscando uma abordagem mais conceitual do esporte hoje, recorreremos a Betti (1991, p.24), que nos indica que:

O Esporte tem sido conceituado como uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente.

À conceituação de Betti agregamos a abordagem sócio-educativa que Paes (1998, p.112) faz do esporte, tratando-o como:

(...) uma representação simbólica da vida, de natureza educacional, podendo promover no praticante modificações tanto na compreensão de valores como nos costumes e modo de comportamento, interferindo no desenvolvimento individual, aproximando

peças que tem, neste fenômeno, um meio para estabelecer e manter um melhor relacionamento social.

A partir dos autores, podemos apontar o esporte como um fenômeno sócio-cultural de grande impacto na contemporaneidade, presente na vida cotidiana das pessoas a partir de diferentes formas de manifestação. Paes (2002) aponta que o esporte deve ser tratado a partir de dois referenciais: um ligado às questões técnico-táticas e outro às sócio-educativas.

O referencial técnico-tático diz respeito aos seguintes temas:

- Métodos de ensino e aprendizagem;
- Planejamento ao longo do período (mês, bimestre, semestre, ano...);
- Organização de cada aula/treino;
- Adequação da proposta ao grupo de trabalho;
- Aspectos Técnicos;
- Aspectos Táticos;
- Aspectos Físicos.

O referencial sócio-educativo, por sua vez, relaciona-se aos seguintes objetivos:

- Promover a discussão de princípios, valores e modos de comportamento;
- Propor a troca de papéis (colocar-se no lugar do outro);
- Promover a participação, inclusão, diversificação, a co-educação e a autonomia;
- Construir um ambiente favorável para desenvolvimento de relações intrapessoais e interpessoais (coletivas);
- Estabelecer relações entre o que acontece na aula de esportes com a vida em comunidade.

Observa-se, assim, a pluralidade de possibilidades educacionais do esporte, seja a fim de difundir suas técnicas e modalidades ou com o intuito de promover e discutir valores, como destaca Paes (2002, p.94):

Para estruturar metodologicamente a pedagogia visando ao ensino dos jogos coletivos é preciso ter o conhecimento (...) promovendo intervenções com graus crescentes de dificuldade. Entretanto, para efetivamente estruturar uma pedagogia do esporte, com o objetivo de contribuir com o processo educacional (...), é preciso avançar em outra direção. Nesse contexto, o referencial socioeducativo constitui-se um ponto sustentador (...) Esse referencial será contemplado na medida em que, além do enfoque técnico-tático, importante na pedagogia do esporte, também se levará em conta princípios indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade da criança e do jovem. Destacam-se: cooperação, participação, convivência, emancipação e co-educação.

Nessa perspectiva, estar atento para o contexto sócio-cultural no qual o esporte se manifesta faz-se importante, já que irá determinar quais os valores embutidos na prática esportiva, como esclarece Bento (1999, p.56) ao tratar da natureza do Esporte:

O desporto é receitado e recomendado para tudo e para nada, como se na sua prática medrasse espontaneamente tudo o que há de mais positivo. Este entendimento é, obviamente, questionável. No desporto, como noutras práticas e como em tudo na vida, há lugar para a ambivalência: tanto se podem realizar valores de sinal positivo como valores de sinal negativo.

Observamos, assim, que o esporte influencia diversos setores da sociedade e é também influenciado por estes, de forma a manifestar-se em diversos contextos: profissional, lazer, para deficientes, idosos, escolar, iniciação, entre outros. Certamente, a cada um destes contextos cabe estabelecer um cenário, destacando os personagens que os constroem e os significados que se evidenciam acerca do esporte. É a isto que nos prenderemos a seguir.

1.2. ESPORTE: FENÔMENO DE MÚLTIPLAS MANIFESTAÇÕES³

O esporte está presente em diversos segmentos da sociedade e da ciência, existindo hoje a medicina esportiva, a engenharia para ambientes e equipamentos esportivos, a computação e tecnologia a serviço do esporte, a estatística, a publicidade, propaganda e marketing, a economia, a sociologia do esporte, entre outros. É também um dos negócios mais rentáveis do mundo, gerando milhares de empregos e movimentando bilhões de dólares ao redor do planeta. O esporte é reconhecido, ainda, pelo seu caráter educacional, sendo conteúdo constante em escolas e ambientes de ensino não-formal.

Sendo o esporte um fenômeno absorvido socialmente para tantas finalidades, são também variados os cenários onde a prática, estudo, venda e consumo se dão, como os complexos esportivos destinados a grandes espetáculos, sejam ginásios, estádios, complexos aquáticos, dentre outros; os clubes, que abrigam o esporte tanto em sua estrutura profissional quanto o esporte de lazer e iniciação; as escolas e Universidades; nas ruas as pessoas praticam esportes; as academias, que tratam mais do exercício físico, mas também têm implantado modalidades esportivas; Organizações Não Governamentais (ONGs) utilizam-se do esporte para diferentes

³ Os tópicos relacionados ao Esporte e Pedagogia do Esporte tem como importante referência as aulas expositivas da disciplina Pedagogia do Esporte, ministrada pelo professor Roberto Rodrigues Paes, na pós-graduação da FEF-UNICAMP.

fins; e até centros de reabilitação utilizam o esporte no processo de recuperação de diversos tipos de problemas ligados à saúde. Em cada um destes cenários aparecem diferentes personagens a praticar o esporte, que dão ao fenômeno diferentes significados. Sendo assim, faz-se necessário abordarmos alguns destes diferentes contextos onde o esporte se manifesta, nos quais se relacionam variados personagens em um cenário específico, designando inúmeros significados a esta prática.

No diagrama que se segue é possível observar uma síntese de alguns cenários, personagens e significados possíveis para a constituição de diferentes contextos de manifestação esportiva, sempre considerando que outros poderiam ser contemplados. Na seqüência, abordaremos alguns destes contextos, focalizando como personagens os praticantes do esporte, mas ressaltando que outros personagens também compõem cada um destes contextos – como dirigentes, pais, professores, investidores – que não serão necessariamente abordados neste estudo.



Figura 1: Esporte: Cenários, personagens e significados. O significado educacional do esporte está em destaque por considerarmos que este sempre está presente. O círculo com pontos em vermelho simboliza possíveis cenários em que o Esporte se manifesta e que não tenham sido abordados neste estudo.

1.2.1 O Contexto do Esporte Profissional

O esporte profissional caracteriza-se pelo alto nível de rendimento obrigatório, a fim de confrontar resultados para determinar o campeão ou atingir a melhor marca ou índice; tem entre suas componentes o espetáculo e como objetivo a obtenção ou multiplicação de finanças. Embora entendido como um problema para algumas vertentes de estudo da Educação Física, não o entendemos como tal, mas sim como mais uma opção profissional, que envolve não apenas a área da Educação Física em suas várias ramificações, mas também outras linhas de estudos acadêmicos e de absorção de profissionais de diversas áreas, tais quais a Biologia, Psicologia, Medicina, Nutrição, Biofísica, Engenharia, Advocacia, Publicidade e Propaganda, Jornalismo, entre outras.

Compreende-se, assim, que o esporte profissional envolve uma equipe multidisciplinar, realizando um trabalho interdisciplinar (ou até transdisciplinar), a fim de potencializar as capacidades biopsicossociais do atleta, para que este atinja sua máxima performance, de acordo com as exigências da modalidade praticada, respondendo aos seus objetivos pessoais de conquistar marcas expressivas que o tornem bem sucedido em sua profissão com conseqüente valorização financeira e social, assim como atender aos interesses das empresas financiadoras deste atleta, marcas associadas ao seu nome ou à sua equipe e aos interesses da imprensa esportiva, dentro da ética que rege esta profissão.

1.2.2 Contexto do Para-esporte

Aqui, o esporte é voltado para pessoas com algum tipo de deficiência. É bastante comum o uso do termo “esporte adaptado” para esta prática, o que não faremos neste estudo, uma vez que a adaptação está presente em todos os níveis do esporte, afinal, faz-se necessário modificá-lo para apropriá-lo à criança, ao adolescente, ao adulto em seu momento de lazer e muitas vezes até no esporte profissional, para que o técnico atinja determinado objetivo em um treinamento.

O para-esporte pode ter diversos significados, pode ser para a reabilitação, para lazer ou ser praticado profissionalmente, já que são inúmeros os atletas portadores de deficiência que

optam pelo esporte profissional, com as mesmas cargas psicofísicas dos atletas não portadores de deficiência e com renumeração financeira.

Um exemplo da dimensão que o pára-esporte vem tomando na atualidade é que, além das pessoas com deficiência praticarem ou competirem modalidades adaptadas de práticas comuns entre as pessoas não portadoras de deficiência, vem surgindo modalidades diretamente desenvolvidas para pessoas com deficiência, que posteriormente foram adotadas também por não deficientes, como o Goalball, que surgiu na Alemanha para a reabilitação de pessoas cegas e hoje é um esporte para-olímpico praticado também por pessoas com visão perfeita, como se tem visto em campeonatos universitários de Goalball emergentes na UNICAMP e que vem se difundindo pela região de Campinas.

1.2.3 O Contexto do Esporte Escolar

Este desdobramento do fenômeno esporte será aqui entendido em duas vertentes, que não são necessariamente excludentes e que podem ser complementares: o esporte NA escola, enquanto instituição educacional dotada de uma programação extracurricular e o esporte DA escola enquanto conteúdo da disciplina de Educação Física. Na primeira, a escola pode constituir-se em cenário para qualquer manifestação do esporte, inclusive do esporte profissional, desde que em atividades extra-curriculares; na segunda, o esporte passa a ser mais um conteúdo da disciplina educação física - ao lado da ginástica, dança, jogo e lutas (SOARES et.al, 1992) - e apresenta foco nos valores educacionais e formação cidadã tal qual o esporte de iniciação, prepara para o esporte como opção de lazer e sofre adaptações para atender a grupos heterogêneos de alunos.

Em relação à recorrente discussão acadêmica acerca de o esporte presente no ambiente formal ser o “Esporte na Escola” ou o “Esporte da Escola”, consideramos as duas perspectivas importantes e necessárias, sendo praticado na escola um Esporte adequado aos alunos e aos objetivos de formação cidadã do ambiente escolar, mas também debatendo as demais manifestações do fenômeno, justamente na perspectiva de completar esta formação.

Também as Universidades, em muitos países, aglomeram um grande número de praticantes do esporte, inicialmente pelos seus aspectos educacionais e hoje também no aspecto mercadológico. No Brasil, o esporte universitário se dá em diferentes níveis: prática de lazer entre os universitários, práticas buscando aptidão física, equipes de competição representativas e

equipes de competição profissionais, já que o esporte tem se mostrado um importante meio de divulgação de uma marca, ou instituição.

1.2.4 O Contexto da Iniciação Esportiva fora do Ambiente Escolar

A iniciação esportiva é o primeiro momento de contato do aluno com a prática específica do esporte, caracterizando-se pelo objetivo educacional, de formação integral do ser humano a fim de contribuir para o seu desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social. Apresenta em sua prática o retorno à sua origem, ou seja, ao jogo, onde as regras deixam de ser pré-determinadas e passam a ser flexíveis, podendo ser construídas em cada grupo onde determinado jogo é praticado. Preocupa-se em oferecer ao aluno o máximo de estímulos possíveis em um ambiente aberto à experimentação e vivência tanto de movimentos como de relações inter-pessoais, com valores para o convívio em sociedade e relações intra-pessoais, envolvendo a autonomia, tomada de decisão e auto-estima.

Embora não seja possível determinar a probabilidade de um iniciante no esporte tornar-se um profissional, mesmo com os diversos testes e avaliações propostos e validados na busca do talento esportivo, é muito comum que técnicos e professores mantenham no momento da iniciação esportiva o foco apenas no referencial técnico-tático, em detrimento dos aspectos ligados ao referencial sócio-educativo, igualmente importante, em especial neste momento (PAES; 1997 e MONTAGNER, 1993); este é um problema que ganha dimensões mais sérias quando observamos, empiricamente, que a maioria dos iniciantes em esportes é constituída por crianças, muitas vezes sujeitas a métodos e procedimentos pedagógicos que seriam mais adequados a adultos profissionais.

Em geral, os profissionais que trabalham com a iniciação esportiva não contam com uma equipe multidisciplinar, concentrando-se no técnico/professor as funções de organizar, planejar, aplicar e avaliar o processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista mais do que a formação do atleta, o desenvolvimento do ser integral.

1.2.5 Contexto do Esporte e Idoso

As conquistas trabalhistas e avanços da medicina, entre outros aspectos, têm resultado em uma maior expectativa de vida da população. Em 2000, 7,9% da população brasileira tinha mais de 60 anos, o que representa cerca de 14 milhões de pessoas (IBGE, 2001); estima-se que em

2020 a população nesta faixa etária represente 14,7% dos brasileiros, algo em torno de 31 milhões de pessoa. A prática esportiva neste cenário tem sido uma constante em grande parte desta população, em diferentes cenários e significados: para socialização, lazer, participação em competições, entre outros; no estado de São Paulo, por exemplo, são realizados anualmente os Jogos Regionais dos Idosos, que acontecem em sedes distribuídas em 7 municípios do Estado, podendo participar somente atletas a partir dos 60 anos de idade; os melhores classificados participam dos Jogos Estaduais dos Idosos, que reúnem cerca de 2500 atletas anualmente, disputando 11 modalidades esportivas: coreografia, atletismo, natação, voleibol, dança de salão, bocha, malha, buraco, dama, dominó e truco (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2006).

O esporte praticado por idosos pode constituir-se em uma prática que aumenta a expectativa de vida a partir de hábitos adquiridos desde a infância e juventude, assim como pode contribuir para uma velhice bem sucedida, tanto no que diz respeito à saúde quanto a possibilidade de relações sociais que o esporte pode facilitar.

1.2.6 O Contexto do Esporte no momento de lazer

O esporte na perspectiva do lazer apresenta-se como uma opção de ocupação do tempo livre, podendo a pessoa ser tanto praticante como espectadora; sendo assim, este pode acontecer em qualquer cenário onde o fenômeno se manifeste, desde complexos esportivos onde as pessoas participam como espectadoras do esporte profissional, como em uma rua, em um jogo improvisado entre amigos.

Espera-se que, ao optar pelo esporte em seu momento de lazer, o indivíduo possa usufruir conhecimentos acerca do tema adquiridos ao longo de sua vida escolar, esportiva ou de atleta profissional, a fim de praticar o esporte com o desempenho mínimo exigido e/ou assistir a espetáculos esportivos com conhecimentos básicos das regras, capacidade de análise de jogadas e postura crítica quanto às atitudes morais dos atletas, técnicos, dirigentes, imprensa e demais envolvidos.

1.3. ESPORTE: MOVIMENTO, PENSAMENTO E SENTIMENTO

Partindo da constatação de que o esporte se manifesta em diferentes contextos, observamos que este apresenta inúmeras modalidades (tais quais o atletismo, o futebol, o tênis, a natação, entre outras já existentes ou que vem sendo construídas), em uma pluralidade de cenários (locais de prática), onde ainda mais personagens interagem (as pessoas que jogam, assim como aquelas que dirigem os jogos, tais como professores, técnicos, árbitros, dirigentes) e dão a ele uma infinidade de significados (por que se joga), nos dando, assim, a dimensão do esporte como fenômeno sócio-cultural, objetivo de estudo da Pedagogia do Esporte, linha de pesquisa das Ciências do Esporte em que este estudo se contempla.

Tendo em vista esta pluralidade de contextos nos quais o esporte insere-se, trataremos de cinco aspectos constituintes do sistema esporte, em sua abordagem fenomênica, considerando a pessoa que o pratica como figura central desta concepção, não apenas como alguém que se movimenta, mas também pensa e desenvolve laços afetivos com os companheiros de prática. São eles: *o movimento, a inteligência e os fatores psicológicos, filosóficos e sociais*. Certamente, estes não se apresentam em momentos estanques da prática esportiva, mas sim de forma sistêmica, em que um aspecto interfere no outro e faz parte do outro, em uma inter-relação constante, sendo ao mesmo tempo em que integrante do próprio esporte, alvo de intervenção através deste.

Damos ao nome *movimento* o conjunto de capacidades físicas e habilidades motoras presentes na prática esportiva. Quanto às capacidades físicas, segundo Weineck (1999), se dividem em força, velocidade, resistência, flexibilidade e coordenativas; já as habilidades motoras podem agrupar-se em básicas, que são locomoção, manipulação e estabilidade ou específicas, que variam dentro das modalidades esportivas ou atividades da vida comum (GALLAHUE, 2001). Certamente as questões ligadas ao movimento não podem ser ignoradas no trato do esporte, até porque são elementos constituintes obrigatórios do mesmo. Entretanto, também não podem ser entendidas como suficientes para a compreensão deste complexo fenômeno, nem único foco de intervenção do técnico-professor, pois desta forma estaríamos considerando uma única esfera do ser humano, e não sua globalidade que, segundo Gallahue (2001) contempla o físico, cognitivo, afetivo, social e espiritual. Assim, a fim de tratarmos do cognitivo, abordaremos a inteligência.

Neste estudo, consideraremos a **inteligência** como passível de manifestar-se em diferentes competências de domínio humano. Howard Gardner, no início da década de 80, observou em populações com as quais trabalhava que para determinadas tarefas algumas pessoas tinham extrema habilidade, enquanto para outras pareciam incapazes; a partir daí, propôs o fim da idéia de pessoas mais ou menos inteligentes, mostrando que os indivíduos podem vir a ter maior ou menor acesso a determinados estímulos, os quais as possibilitariam desenvolver melhor algumas competências que outras. A partir dessa perspectiva, o autor apresenta a idéia da existência de várias inteligências, ao contrário do modelo até hoje mais conhecido e disseminado de uma única inteligência, pautada nas competências verbal-lingüística e lógico-matemática. O autor propõe que as pessoas possuem potenciais e talentos inatos que podem ser identificados em diferentes locais do cérebro, constituindo a existência de oito diferentes inteligências autônomas, mas que ao resolver problemas, dificilmente atuam sozinhas. São elas: verbal-lingüística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésico-corporal, naturalista, intrapessoal e interpessoal. O próprio Gardner (2000) admite a possibilidade de existirem outras inteligências, como a espiritual ou existencialista, assim como outros autores sugerem novas inteligências.

Esta abordagem nos permite compreender as diversas capacidades de que nossos alunos são dotados e nos levam a refletir o como todas elas podem ser estimuladas na prática esportiva, talvez com uma riqueza maior que em outras práticas culturais sistematizadas. Tomemos como exemplo um jogo esportivo coletivo, no qual o jogador manifestará a inteligência corporal-cinestésica para deslocar-se e executar as jogadas, lógica-matemática e espacial para desenvolver taticamente o jogo e lidar com os limites da quadra, a verbal-lingüística para se comunicar, a interpessoal para relacionar-se com os colegas e adversários, a intrapessoal para lidar com suas próprias emoções a longo da partida, a musical, que envolve os ritmos e a naturalista no que diz respeito às alterações biológicas de seu organismo. As mesmas relações acontecem também em um pega-pega, exercício de drible, jogo pré-desportivo ou qualquer outra estratégia do técnico-professor; cabe a ele identificar qual a estratégia de intervenção que possibilitará ao aluno a manifestação de um maior número de competências.

A teoria das inteligências múltiplas quando aplicada ao esporte, por sua complexidade, pode colaborar também para a compreensão do conjunto de possibilidades de intervenção do técnico-professor, como nos aspectos **psicológicos**, dentre os quais destacamos a autoconfiança, a auto-estima e a consciência de grupo. Ainda que conceitos como a autoconfiança e auto-estima

sejam processados pelo próprio indivíduo e não por mediadores, certamente as experiências vividas no ambiente esportivo contribuirão de forma positiva ou negativa para o auto-conceito do aluno.

Já os princípios que permeiam a prática pedagógica podem ser abordados pela esfera **filosófica** do esporte; tendo em vista que o tratamento pedagógico do esporte trata com o contexto (pessoas relacionando em um determinado ambiente) a fim de possibilitar experiências significantes para a vida dos praticantes, com a predominância de experiências agradáveis e de êxito, ressaltamos aqui condutas ligadas a princípios como a cooperação, participação, co-educação, emancipação, autonomia e convivência.

Vale destacar que o técnico-professor, enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, tem seu próprio conjunto de valores, que certamente regem sua prática e determinam suas escolhas, inclusive no que diz respeito ao método de trabalho e maneiras de relacionar-se com os alunos, atletas, dirigentes, torcedores, imprensa, etc. Sendo assim, faz-se necessário que o técnico-professor esteja em um constante processo de auto-avaliação de suas escolhas metodológicas e condutas morais.

Chegamos, assim, à quinta possibilidade de intervenção através do esporte, que se refere ao aspecto **social**; bastante explícito nos jogos esportivos coletivos, está presente também em modalidades individuais, sendo o momento da competição um espaço rico para vivência de valores de grupo socialmente desejáveis, tais como a convivência e o reconhecimento do outro enquanto um ser dotado de desejos, expectativas e méritos, tanto quanto o eu. Assim, o vencer ou o perder passam a ser menos importantes e o lidar com a vitória ou a derrota e, mais que isso, lidar com os vencedores e os derrotados torna-se o foco da ação pedagógica.

Ainda quanto ao aspecto social, destacamos as relações do praticante do esporte com os pais e parentes, que especialmente do esporte de iniciação aspiram nas crianças e jovens um futuro de melhores condições econômicas, tais quais dos grandes atletas do esporte profissional. Certamente trata-se de um tema delicado, mais um amplo campo de estudos para a pedagogia do esporte.

Ao tratarmos do esporte a partir de considerações acerca do movimento, da inteligência, do psicológico, do filosófico e do social, reafirmamos aqui sua abrangência, tanto de inserção social como de possibilidades de contribuição para a formação do ser humano, considerando-o a partir do movimento, mas também do pensamento e sentimento envolvidos em suas ações.

1.4. PEDAGOGIA DO ESPORTE

Abordamos, até aqui, o esporte como fenômeno sócio-cultural, com diferentes ambientes de manifestação, possibilitando diversos focos de intervenção, tendo em vista aquele que é ponto central de nossa abordagem: as relações desenvolvidas, a partir do esporte, pela pessoa que joga, salta, lança, arremessa, nada, luta.... As Ciências do Esporte, considerando mais uma vez a pluralidade do fenômeno, abarca hoje uma linha de estudos que busca compreendê-lo em sua complexidade: a Pedagogia do Esporte.

Para tal, uma vez que nos dedicamos até aqui ao estudo do esporte, vale retomarmos o que é Pedagogia, já avançando na direção da Pedagogia do Esporte.

1.4.1 Pedagogia e Esporte

A Pedagogia, em seu significado literal, seria “condução da criança”, já que na Grécia Antiga era função do escravo levar a criança de sua casa até o local onde seria educada (GHIRALDELLI Jr., 1991)

A este escravo não cabia instruir a criança ou jovem, apenas conduzi-la, levá-la até o preceptor. Com a dominação romana, os próprios gregos foram escravizados e assumiram a função de “escravo pedagogo”, agora não apenas conduzindo a criança, mas também sendo seu preceptor.

Para Ghiraldelli Jr. (1991, pp. 9 e 10), a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao como ensinar, a o que ensinar e, também, ao quando ensinar e para quem ensinar:

Ora, no âmbito da didática, o como ensinar, o que ensinar, o quando ensinar e o para quem ensinar se consubstanciam em motivações para que o educador, sob a luz da concepção de mundo que orienta sua pedagogia, procure os instrumentos e as técnicas necessárias para que a prática educativa ocorra com sucesso.

Temos apontado a dimensão de Fenômeno que o esporte ostenta na contemporaneidade, afirmando que este está em ininterrupto processo de mudança e transformação, devendo ser constantemente observado e analisado para que se possa atender as sempre novas necessidades de quem o usufrui. Neste sentido, nos remetemos a Bento (1999, p.30):

A Pedagogia é um exemplo de processos de diferenciação dinamizados pela preocupação de reagir a alterações e problemas da práxis da vida humana. Desdobra-se

em várias pedagogias especiais, considerando todas elas os fenômenos da educação, da formação, do ensino e da aprendizagem, porém sob uma óptica particular, inerente à problemática do domínio em que se inscrevem.

Assim, Bento relaciona a Pedagogia com a missão de educar o homem, considerando e construindo a cultura e o contexto, ou seja, considerando o homem situado: “(...) Pedagogia é, sobretudo, um apelo para que penetremos na profundidade dos problemas da educação. Um apelo a uma *pedagogia profunda*, que renove a pergunta do homem. E que renove as razões de o educar. De o educar e formar desta ou daquela maneira, neste ou naquele sentido” (BENTO, 1999, p.24).

O mesmo autor afirma que “O ensinar bem – escorado em técnicas e estratégias – deverá ceder o lugar ao ensinar para o bem: do aluno, da sociedade, do desporto e também do professor” (BENTO, 1999, p.24). Pela frase do autor, podemos notar a ênfase nas possibilidades educacionais do esporte, tendo em vista mais do que a formação de atletas, a construção de valores; salientamos, apenas, que ensinar para o bem não deve diminuir a importância em se ensinar bem o esporte.

Para o autor, “educar” constitui o objeto do pedagogo e o tema da pedagogia. Por sua vez, Paes (2002) aponta que à Pedagogia do Esporte cabe organizar, sistematizar, aplicar e avaliar procedimentos pedagógicos.

Aproximando a contribuição dos autores ao pesquisador do tema JECs Júlio Garganta (1995), para quem os JECs apresentam dois traços fundamentais, a inteligência e a cooperação, poderíamos apontar que à Pedagogia do Esporte, quando no trato com modalidades coletivas, cabe organizar, sistematizar, aplicar e avaliar procedimentos pedagógicos a fim de formar jogadores inteligentes, ou seja, capazes de lidar com os problemas do jogo; e cooperativos, assim como exige um jogo esportivo coletivo, estimulando ainda a transcendência dos conteúdos e atitudes tomadas da quadra para além desta, através de um processo educacional para e pelo o esporte, como destaca Gonçalves (2004, p.10):

Se é certo que os pais transmitem aos filhos, de acordo com as leis genéticas, determinadas características e traços identificadores, não é menos de que os valores, os princípios, as atitudes e os comportamentos não são transmissíveis de acordo com estas leis. O que implica a “obrigatoriedade” do seu ensino e fundamentalmente sua prática. (...) A educação (para os valores) é algo que se constrói!

Entretanto, da mesma forma que o esporte pode ser ensinado à luz de uma pedagogia que prime pelo ser humano melhor, que busca superar limites, que reconheça suas imperfeições, que preocupa-se com a ética e fraternidade, o esporte também pode ser o palco para a formação de homens egoístas, antiéticos, que pautam a sua vida em valores individuais, sem preocupar-se em

engrandecer-se moralmente e socialmente. Por isso a necessidade e relevância de que os estudos em Pedagogia do Esporte se renovem, como aponta Bento (1999), a fim de que a Academia possa contribuir para que o Esporte, um fenômeno de tanta presença e relevância na vida do homem contemporâneo, possa contribuir para a educação de homens que primem por uma sociedade melhor para todos.

1.4.2 Definindo a Pedagogia do Esporte

Bento (1999, p.31) atenta para a necessidade de questionamentos permanentes em relação aos objetivos, sentidos e valores, das condições e possibilidades, das normas e razões da educação e formação no e através do esporte.

Ao aproximarem a Pedagogia ao Esporte, os autores têm expandido a pedagogia para além das questões metodológicas, avançando também para procedimentos pedagógicos ao longo da prática. Notamos que para lidar com os desafios que o trato com o esporte apresenta de forma clara e para trabalhar o esporte em sua totalidade alguns autores têm discutido aspectos que sinalizam para novos procedimentos pertinentes à Pedagogia do Esporte.

Broto (1999) discute uma pedagogia do esporte que seja capaz de refletir e transgredir e que provoque continuamente uma transformação da filosofia que permeia o esporte. Já Marques (2001) aponta uma pedagogia que entende o esporte como patrimônio da humanidade, centrada no homem, a partir da compreensão da pluralidade deste fenômeno. Bayer (1994), através da chamada Pedagogia das Intenções, incentiva o aluno à inteligência tática, que garantirá um acesso ao conhecimento de forma crítica e autônoma. Paes (2001) e Bento (1999) demonstram um olhar ainda mais amplo para o esporte. Preocupam-se em atribuir ao fenômeno uma função educativa visando ao desenvolvimento integral do ser humano, tendo o jogo como instrumento facilitador desse processo, assim como Ferreira, Galatti e Paes (2005).

Para Bento (1999, p.31 e 32):

A questão do entendimento do desporto, ultrapassando o problema da modelação didáctica da introdução numa técnica cultural, a questão de desnudar o significado e o valor do desporto para aqueles que o praticam, a questão de saber como organizar tal prática para que se realizem os valores humanos pretendidos – eis hoje a questão central para cuja resposta se deve orientar e mobilizar a totalidade das Ciências do Desporto. Os seus especialistas não podem quedar-se numa atitude de exterioridade; devem submeter-se a uma ética de co-responsabilização pela organização e condução

humanista das práticas desportivas, fazendo jus à preocupação de um correcto equilíbrio entre responsabilidade humana e pretensão científica.

A linha de estudos das Ciências do Esporte que lida com tais problemáticas é a Pedagogia do Esporte, sob a qual nos remetemos novamente a Bento (1999, p.30):

(...) a pedagogia do Desporto ostenta uma dupla proveniência: enquanto pedagogia especial e aplicada e enquanto área de conhecimento das Ciências do Desporto. É expressão tanto do interesse, da especialização e aplicação da Pedagogia no Desporto como do espaço e aceitação que as questões pedagógicas usufruem no contexto das Ciências do Desporto.

Nesta dissertação, sob a luz da Pedagogia do Esporte, buscaremos deixar nossa contribuição para o trato pedagógico com os Jogos Esportivos Coletivos (JECs), tendo em vista suas vastas possibilidades educacionais em termos coletivos e da inserção em larga escala destas modalidades na cultura esportiva brasileira na atualidade.

Entretanto, cabe considerar aqui um legado proveniente de uma concepção mais tradicional de Ciência a ser superada também pela Pedagogia do Esporte:

As diversas disciplinas científicas, na busca de compreensão do universo e para compreender o funcionamento de seus objetos de estudo, elegem trabalhar com situações estáveis e permanentes, com sistemas que admitem um estado de equilíbrio. Esses sistemas são concebidos como sistemas simples, como agregados mecanicistas de partes em relações causais separadas umas das outras. Admitindo que as supostas forças estão interagindo aos pares, o cientista vai variando, um de cada vez, os supostos fatores causais do fenômeno que quer entender, a fim de encontrar as leis simples de funcionamento deste sistema. (BENTO, 1999, p.76)

Considerando o esporte como complexo – ou seja, algo que não pode ser reduzido a formas simples, ou que não pode ser compreendido apenas a partir do entendimento de partes – agregamos à citação de Bento as palavras de Santana (2005, p.3):

[...] o esporte pretendeu, e em muitos casos pretende, educar as pessoas a partir de um paradigma reducionista: ou para que sejam mais saudáveis, ou para que sejam mais bem preparadas para um determinado fim, ou para desenvolver capacidades físicas, ou para competirem, ou para se tornarem atletas olímpicos. Não que essas coisas não tenham relevância, mas não podem ser vistas de forma isolada, imperativa e, sobretudo, disjuntas de necessidades e possibilidades da maior parte das pessoas.

De fato, a observação do fenômeno esporte tem um histórico ao longo do qual visões reducionistas do fenômeno e da própria ciência vêm imperando, mesmo com o esporte sendo alvo

de diferentes campos de estudo, como a medicina, a física, a fisioterapia, a nutrição, a sociologia, dentre outras. Este olhar de várias disciplinas sobre o esporte se deu, inicialmente, por meio de uma concepção multidisciplinar, ou seja, diversas disciplinas do conhecimento se apropriaram do esporte e contribuíram com avanços em seu campo específico de atuação.

Entretanto, esta concepção multidisciplinar não se adequa à concepção de Pedagogia do Esporte que se pretende construir aqui, já que esta se propõe a enxergar o fenômeno Esporte em sua complexidade e não a partir do olhar especializado de uma única disciplina. Desta forma, há um avanço para um olhar interdisciplinar sobre o Esporte.

Segundo Thadei (2006), a interdisciplinaridade trata da relação entre disciplinas e a não linearidade do conhecimento. Assim, diferentes especialistas estudam em conjunto um determinado objeto e cada um contribui com os conhecimentos de sua especialidade para a construção do conhecimento. Entretanto, Thadei (2006) afirma ainda que a interdisciplinaridade não é suficiente para lidar com fenômenos que, por sua vez, exigem do observador um conhecimento globalizado, já que a interdisciplinaridade busca a articulação entre as disciplinas, mas mantém sua organização no estudo disciplinar.

Neste pensamento, apontamos que a Pedagogia do Esporte, ao considerar seu objeto de estudo – o Esporte – um fenômeno sócio-cultural passível de diferentes manifestações e múltiplos significados, faz necessária a construção do conhecimento de forma transdisciplinar, ou seja, recebendo a colaboração de diversas disciplinas e de conhecimentos que estão além e/ou entre as disciplinas na abordagem de um objeto comum.

Assim, para falar em esporte e em Pedagogia do Esporte - tendo em vista a pluralidade de cenários, personagens e significados de manifestação do esporte – torna-se necessário caminharmos para uma discussão que considere a transdisciplinaridade do fenômeno, já que esta “busca a colaboração de diversas abordagens teórico-metodológicas para a articulação de um objeto comum, colocando diversas disciplinas em relação para o enfoque de um objeto único” (...) “Desta forma, ao invés de confrontar, reúne diversas teorias, percebendo nelas o que afeta o objeto em questão, considerando os diferentes ângulos da realidade e os aproximando”. (THADEI, 2006, p.52).

Esta perspectiva nos parece essencial para a compreensão do esporte por parte das Ciências do Esporte, em especial pela Pedagogia do Esporte, já que:

Também as Ciências do Desporto são um reflexo de mudanças e alteração na vida. Por um lado, o seu aparecimento decorre da valorização política, social e cultural do

desporto. Por outro lado, o seu desenvolvimento e diferenciação em diversas disciplinas procuram corresponder à diversidade de problemas do desporto ou de solicitações que lhe são feitas. (Bento, 1999, p.30)

Vale destaca apenas que, ainda que complexa, a Pedagogia do Esporte tem sua especificidade, como sinaliza Bento (1999, p.31):

A Pedagogia do Desporto problematiza a acção humana, não na sua abrangência ou generalidade, mas restringindo o seu olhar a determinados tipos de acção marcados pelo jogo e pelo empenhamento do movimento e da corporalidade. Mais concretamente amarra-se ao compromisso de analisar, interpretar e compreender as diferentes formas de acção lúdico-desportiva à luz de perspectivas pedagógicas. Ostenta, por isso, o atributo de uma ciência da acção, obrigando-se ao confronto com a complexidade de questões pedagógicas que despontam de prática desportiva.

Desta forma, a Pedagogia do Esporte pode ser considerada a linha das Ciências do Esporte, que, na figura do Pedagogo do Esporte, busca relacionar conhecimentos com origem em diferentes campos do conhecimento a fim de observar a realidade da prática esportiva e dos processos de ensino e aprendizagem do esporte, a fim de analisar a relevância e adequação das práticas realizadas, apontando novas propostas de intervenção pedagógica, potencializando e otimizando a desenvolvimento esportivo do aluno e/ou atleta, considerando suas dimensões física, cognitiva e afetiva, considerando ainda as possibilidades de educação através do Esporte, contribuindo para a formação plena do cidadão. Balbino (2005, p.179) sintetiza a ação pedagógica afirmando que “agir pedagogicamente é estabelecer relações com os diversos elementos do sistema em diferentes níveis de relacionamento”. Desta forma, delimitar a conceituação e a abrangência da Pedagogia do Esporte mostra-se um desafio a ser superado, tendo em vista sua complexidade.

1.4.3. Considerações sobre Educação e Infância

Tendo em vista que o foco deste estudo é o momento da iniciação esportiva em JECs, cabe aproximarmos a Pedagogia do Esporte aos contextos que o contemplam. Assim, retomaremos a principal função da Pedagogia destacada por Bento: o educar:

Educar é levar aquele que está num saber mais baixo para um saber mais alto. E porque estar num saber é estar no nível da realidade que esse saber dá, educar é levar alguém de uma realidade mais baixa para uma realidade mais alta. O que torna patente o carácter instrumental do ensino, da aprendizagem e dos saberes e competências.

Educar é, por conseguinte e obviamente, *mudar e modificar*. Mudar e adquirir novos modos para ser, para ser mais e melhor, para crescer como pessoa em direcção ao mais alto. (BENTO, 1999, p.25)

A partir de sua concepção de educar, o autor alerta em relação a dois equívocos relacionados ao educar: (1) somente as crianças são passíveis de processo educacionais (2) a criança deve ser educada (apenas) para ser um bom adulto.

Libâneo (2002) nos aponta que preparar o indivíduo para a vida tornou-se a essência de processos educativos. Entretanto, também alerta que ampliar os conceitos de educação passou a ser um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais contemporâneos⁴.

Corroboramos com Bento para a igual necessidade de avanços na compreensão do Esporte Infantil: “(...) não se trata de conduzir a criança para o adulto, de destruir a infância para em cima dela construir a adultidade, de amputar modos de ser”. (BENTO, 1999, p.25).

Bento (1999) aponta que a Pedagogia do Esporte vai muito além do educar o homem para a vitória esportiva, “até porque, a vitória, uma vez consumada, deixa logo de o ser; aponta para tarefas novas e superiores. Além de que o desporte, mais do que celebrar o que em nós abunda, evoca aquilo que em nós falta. Por isso emergem nele o homem alto e o homem baixo, o homem sonhador e o homem vulgar, o homem grande e o homem pequeno”. (p.29)

Temos apontado para a importância de considerarmos as necessidades e desejos de nossos alunos e isto também se aplica às crianças, indivíduos dotados de características próprias, ligadas ao lúdico, à constante necessidade de ligar-se ao imaginário (FREIRE, 1989). Assim, iniciar uma criança no Esporte significa adequar o Esporte à criança e não a criança ao Esporte, elaborando estratégias que tenham o lúdico como ponto de partida.

Nesta perspectiva, o jogo se torna um elemento fundamental, já que nele temos a oportunidade do retorno à origem do esporte, onde as regras podem ser alteradas pelos jogadores, que não têm a obrigação de vencer, embora se mantenha a possibilidade de competir. A competição, segundo Paes (2002), quando tratada de forma adequada, sem valorização

⁴ A Pedagogia do Esporte vem avançando neste sentido, como nos estudos de Balbino (2005), que aborda a Pedagogia do Esporte em interface ao esporte profissional; Ferreira, Galatti e Paes, que a ampliam a idéia de iniciação esportiva de crianças para jovens, adultos e pessoas de outra caracterização etária; Trindade (2005) que aborda a Pedagogia do Esporte e a terceira idade; Santana (2005), em sua abordagem sobre a complexidade do Esporte, dentre outros.

exacerbada, pode promover a alegria e o prazer de uma prática que nunca se repete, pois a incerteza presente neste fenômeno, como uma de suas características, pode atuar como um fator de motivação, despertando cada vez mais o interesse pelo esporte.

Como ressaltam Ferreira, Galatti e Paes (2005, p.128)

[...] o professor deve estar atento em promover intervenções positivas; ter a participação, a cooperação, a co-educação, a emancipação e a totalidade como princípios; buscando, assim, valer-se da pedagogia do esporte já discutida e não da simples administração da prática esportivizada.

Com este intuito, nos apropriaremos aqui do que Paes (2001) chamou de Jogo Possível, sendo este o jogo que:

[...] permite adaptações relativas ao espaço físico, ao material, às regras, possibilitando a participação de um grande número de alunos, pois trata-se de uma prática de inclusão e não de exclusão; dá oportunidade ao aluno de conhecer e compreender a lógica técnica e a tática do jogo coletivo; busca um equilíbrio entre a cooperação e a competição; amplia os movimentos dos alunos e acentua a ludicidade de sua prática. (...) um facilitador para o resgate da cultura infantil (PAES,2001, p.36).

Com o retorno do esporte ao jogo, retomando a possibilidade de flexibilidade de regras, tornamos adequado à criança praticar o esporte coletivo, tornando possível sua iniciação aos JECs a partir de pressupostos que respeitem a infância, a partir de uma pedagogia e métodos que valorizem a participação da criança, os valores implícitos no jogar e competir, as relações com pais, dirigentes esportivos e árbitros, resgatando nas aulas de esporte os jogos da cultura infantil, preocupando-se, ainda, em criar eventos competitivos com regulamentos alternativos. (SANTANA, 2005).

Desta forma, buscando refletir acerca das contribuições da Pedagogia do Esporte para a educação de crianças, encerramos o tópico com o seguinte questionamento de Santana (2005): “mas para que uma pedagogia do esporte na infância?” O próprio autor responde, a partir de FREIRE & SCAGLIA, 2003:

Para educar criança como criança, fato este que, nem sempre, acontece; para se contrapor a reducionismos e mutilações. Alguém poderia dizer que cabe à pedagogia do esporte educar na criança a sua motricidade. Concordo. Desde que educar a motricidade infantil signifique educar não apenas capacidades e habilidades motoras, mas a inteligência, a sociabilidade, a moralidade, as atitudes.

1.5 JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS

Os Jogos Esportivos Coletivos (JECs), quando tratados de forma pedagógica, podem contribuir para o desenvolvimento integral do praticante, considerando os aspectos físico, cognitivo, afetivo e social. Neste estudo, temos como foco crianças e adolescentes, no momento da iniciação neste bloco de modalidades esportivas. Sendo assim, cabe conhecê-las com maior profundidade.

Neste momento, faz-se importante tratarmos de temas mais pontuais ligados aos JECs buscando nos aproximar do objetivo principal deste estudo: contribuir de forma concreta para o processo de ensino e aprendizagem de JECs no ensino formal e não formal, sendo que nossa proposta se evidenciará nos capítulos que se seguem, com a proposta de livro didático acerca dos JECs direcionado ao aluno.

Os Jogos Esportivos Coletivos, como relata Bayer (1994), têm sua origem em antigas civilizações, séculos antes de Cristo, com alguns jogos semelhantes a muitas modalidades que se desenvolveram somente no século XX, como basquetebol, rugby e futebol:

As origens dos desportos colectivos, por mais obscuras que sejam, pesquisam-se nas tradições mais antigas e longínquas das sociedades primitivas ou civilizadas. Numerosos jogos de bola faziam parte do património cultural de cada civilização e constituem a fonte dos nossos desportos coletivos, onde as primeiras codificações se situam no início do século XIX. (...) Os Árabes jogavam **koura**, as tribos da América do Norte praticavam o **skinny** e os Abexins dedicavam-se ao jogo de malha, antepassado do **cross** da Idade Média e do hóquei moderno (...) Quanto à sociedade pré-colombiana dos Incas (século VII a.c.) propunha um jogo, o **Pok ta pok**, onde as semelhanças com o basquetebol se mostram flagrantes (...) Alguns jogos populares conhecidos, o **faust-ball** (pai do voleibol) e a **Hazena** checa (uma das origens do andebol), deixaram todos os traços da sua passagem na história das diferentes sociedades, para serem reencontrados, na seqüência de modificações e de retoques parciais, sob novas formas que apresentam os nossos principais desportos colectivos: o futebol, o rãguebi, com as suas derivações, o jogo de 13 e de 7, o basquetebol e o seu primo germânico o **Korfbal** holandês, o voleibol, o handebol, o hóquei e o pólo aquático, que utiliza o meio líquido. (BAYER, 1994, p. 31 - 32)

Hoje, os JECs têm grande inserção social, manifestando-se nos diversos cenários já apontados neste estudo. Quanto a uma definição mais atual para Jogos Esportivos Coletivos, assim escreveu Teodorescu (1984, p.23):

O Jogo Desportivo Coletivo representa uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico, na qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva) – relação determinada pela disputa através de luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou de outro objeto de jogo) manobrada de acordo com regras pré-estabelecidas.

Observa-se na fala de Teodorescu características importantes dos JECs, como o fato de ser uma atividade socialmente organizada, de caráter processual, o que nos indica a possibilidade de, ao longo de um processo de ensino e aprendizagem dos JECs, contribuirmos para o convívio destes alunos em sociedade, além das linhas da quadra. O autor destaca ainda a presença de um objeto de jogo e a oposição (rivalidade).

Bayer (1994) nos atenta para a constatação de outras características comuns aos JECs, totalizando seis:

- Um objeto esférico a ser lançado pelo indivíduo com a mão, o pé ou com o auxílio de um instrumento;
- Um espaço demarcado de jogo, limite de ação de quem joga;
- Um alvo a ser atacado ou defendido;
- Os integrantes de uma equipe, que ajudam a progressão da bola com diferentes partes do corpo;
- Adversários que devem ser vencidos;
- Regras do jogo a serem respeitadas.

Os JECs, além destas características, possuem uma lógica interna regida pelas regras específicas de cada jogo, que podem ser modificadas se os participantes assim desejarem (o que é indicado na iniciação, para que o jogo se adeque às possibilidades dos praticantes, como vimos no Jogo Possível, de Paes, 2001).

Gréhaine & Guillon⁵ (1992) apontam como problema fundamental dos JECs a situação de oposição – como já destacava Teodorescu (1984) – que deve coordenar as ações com

⁵ apud Garganta, 1995, p.12,

finalidade de recuperar, conservar e fazer progredir a bola, tendo como objetivo criar situações de finalização e marcar gols ou pontos. Partindo desse entendimento, os autores apontam três categorias de subproblemas que poderão ser resolvidos pelos alunos e praticantes de JECs: o espacial e temporal; a informação e a organização.

No plano espacial e temporal, Gréhaine & Guillon afirmam que, quando no campo adversário, os jogadores poderão ter problemas na utilização e no manuseio com a bola, assim como nas movimentações ofensivas sem bola individuais ou coletivas, na tentativa de superar e passar pelos obstáculos durante o jogo. Já na defensiva, os jogadores poderão ter problemas para elaborar e construir obstáculos para a equipe adversária, com o objetivo de recuperar a posse de bola e dificultar o movimento da bola e dos adversários. No Plano da Informação, os autores trazem os desafios que os jogadores poderão enfrentar em relação à construção de incertezas e dúvidas para o adversário e também, de certeza e confiança para a equipe e seus companheiros, enquanto ao Plano da Organização, estariam relacionados problemas na transição individual para a transição coletiva.

Bayer (1994) também trata dos subproblemas supra citados, mas em outra configuração e a partir da possibilidade do “transfert”, ou seja, transferência dos conhecimentos de um jogo para os demais. Desta forma, a partir das características comuns apresentadas há pouco neste estudo, ele avança para os conceitos de “princípios operacionais” e de “regras de ação”.

Os princípios operacionais de Bayer se dividem em defensivos e ofensivos, sendo os **Defensivos:**

- Proteger o alvo;
- Impedir a progressão do adversário;
- Recuperar a posse de bola.

Os **Ofensivos**, por sua vez, seriam:

- Conservar a posse de bola;
- Progredir em direção ao alvo;
- Finalizar e marcar pontos

Ferreira, Galatti e Paes (2005, p.130) acrescentam princípios operacionais também para a transição, que é a passagem da quadra defensiva para a ofensiva ou da ofensiva para a defensiva:

Como ofensivos temos: saída rápida e organizada para o ataque na intenção de criar a superioridade numérica avançando de forma distribuída em direção à cesta adversária e, sempre que possível, finalizar rapidamente. Quanto aos princípios defensivos da transição, destacamos a recuperação defensiva individual e coletiva de forma sistematizada, rápida e combinada, assim como a preocupação em não permitir a inferioridade numérica em relação ao número de atacantes.

Quanto ao conceito de regras de ação, estas se constituem como as estratégias que os jogadores, agora dentro de cada modalidade, estabelecem para atingir os objetivos propostos a partir dos princípios operacionais, tais como estabelecer linhas de passe e ocupar espaços vazios no ataque ou distribuir-se na quadra defensiva. Assim, o autor nos traz que é a partir das regras de ação que as modalidades esportivas coletivas passam a diferenciar-se, a tomar seus contornos específicos de ações, com o conseqüente surgimento de gestos técnicos específicos de cada modalidade.

Ao analisarmos os JECs, observamos que os gestos técnicos, embora dotados de especificidades, também apresentam características que os aproximam, uma vez que aparecem em todos os JECs, constituindo o que chamamos de fundamentos comuns. A seguir, apontamos cada um deles:

Domínio de Corpo: presente em todas as modalidades esportivas, pode ser entendido como a execução de gestos e movimentos em resposta às exigências cinestésicas do próprio jogo. Paes (2001) destaca três aspectos básicos para os jogos esportivos coletivos, sendo eles: saída rápida, parada brusca e mudança de direção. Além destes, podemos citar como exemplos: variados deslocamentos para frente, para trás e lateralmente; fintas; giros; saltos; rolamentos; em um, dois, três ou quatro apoios; em duplas, trios quartetos ou grupos, etc. Alguns autores entendem a defesa como inclusa no controle de corpo e outros a tem como um fundamento específico; por entendê-la como um conjunto de movimentos e deslocamentos com o objetivo de impedir a progressão do adversário em direção ao alvo ou tomar-lhe a posse de bola, podemos entender que suas exigências técnicas são parte do fundamento controle de corpo, estando esta aí incluída. Nos parece claro, no entanto, que em termos táticos os deslocamentos de defesa mereçam atenção exclusiva e diferenciada.

Manipulação de Bola: este fundamento envolve a relação do jogador com o implemento dos JECs, sendo a bola o mais freqüente, havendo restrições em função das regras de cada

modalidade. Embora na maioria dos JECs a manipulação aconteça basicamente com as mãos ou pés, na iniciação esportiva acreditamos que estimular outras partes do corpo seja também de grande importância, mesmo sendo essas possibilidades proibidas no jogo formal, mas possíveis no jogo modificado, sobretudo quando o objetivo é o de proporcionar novas experiências e maior vivência corporal ao iniciante. É fundamental também o uso de diferentes tipos de bola, variando o peso, tamanho, textura e formato. Assim, conhecer e utilizar variadas bolas com diferentes partes do corpo é a essência deste fundamento, sendo citadas as seguintes possibilidades: rolar, tocar, quicar, chutar, segurar, lançar, trocar de mãos e pés, deslizá-la pelo corpo e movimentá-la em relação a diversos planos do corpo.

Passé-Recepção: trata-se de um fundamento de ataque, com o objetivo de manter a posse de bola e/ou aproximar-se do alvo. Certamente cada modalidade tem seus principais tipos de passe e modelos de execução, o que não é relevante neste momento de conhecimento dos JECs a partir de suas características comuns. Assim, o bom passe será aquele que, no decorrer de um jogo, chegue até o companheiro de ataque em condições para que este consiga recepcioná-la. Pode ser de curta, média ou longa distância, com as mãos, braços, pés, pernas, peito, cabeça, ou auxílio de outros materiais como tacos.

Drible: a exemplo do passe, trata-se de um fundamento de ataque, com o objetivo de manter a posse de bola e/ou aproximar-se do alvo. Envolve a condução da bola com os pés ou com as mãos, impulsionando-a contra o solo com uma ou ambas as mãos. Pode-se usar também um equipamento para a condução da bola ou outro implemento, tal qual os tacos, utilizados no hóquei e beisebol, entre outros.

Finalização: ou conclusão das ações ofensivas, é o ato de lançar a bola em direção ao alvo, a fim de marcar pontos ou gols. Os diferentes tipos de finalização podem ser bastante complexos; assim, o professor não deverá exigir a execução de técnicas pré-determinadas do seu aluno, mas sim permitir o desenvolvimento desta habilidade no decorrer das aulas, respeitando as condições, possibilidades e criatividade de cada um para marcar pontos ou fazer gols.

Os valores educativos dos JECs também vêm sendo destacados pelos seus estudiosos e considerados inerentes aos mesmos, como vemos em Balbino (2001, p.19):

Desde o seu valor educativo, que se mostra na medida em que atua sobre a personalidade e das exigências biológicas que permitem o desenvolvimento físico do indivíduo, os

Jogos Desportivos Coletivos permitem a quem os pratica o desenvolvimento do espírito coletivo, a disciplina gerada pela aceitação das regras, elaboração de recursos internos para resolver dificuldades, a análise de situações que levam ao desenvolvimento de raciocínio que, por sua vez, conduzem as ações.

Garganta (1995) nos apresenta a idéia de que existem dois traços tidos como fundamentais dentro da identidade e importância do JECs - a cooperação e a inteligência:

Cooperação: entre os jogadores de uma mesma equipe deverá existir cooperação para conseguir chegar à vitória e para cooperar devemos ajudar a desenvolver nos alunos um espírito de ajuda e colaboração. Os JECs se estruturam em ambientes muito favoráveis para que os alunos, atletas e praticantes possam experimentar sua individualidade e suas respectivas características para que possam satisfazer os interesses pessoais e também os interesses da equipe. Freire (1998, p. 108) reforça esta idéia ao afirmar que o esporte como “o jogo de quem é capaz de cooperar”, considerando a cooperação definitiva no esporte coletivo.

Inteligência: Garganta (1995) nos traz uma concepção de inteligência para o jogo, que seria “a capacidade de adaptação a novas situações em que o jogo nos coloca, isto é, capacidade de interpretar e operar adequadamente aos diversos problemas e situações que ocorrem durante o jogo”; de forma ampliada, Gardner (2000, p.87) definiu a inteligência como “um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados em uma cultura”. Vê-se uma possibilidade de aproximação dos dois conceitos, sendo o primeiro agregado ao segundo, o que reforça o apontamento de Garganta quanto à inteligência enquanto traço básico dos JECs.

Garganta (1995, p.18) aponta ainda para a importância da **comunicação** entre os jogadores de JECs, afirmando ser importante que desde o primeiro momento da aprendizagem os jogadores vão assimilando e juntando informações não só como ele irá se comunicar com a bola, mas também com os colegas da mesma equipe e contra-comunicar com os adversários. Para que isso ocorra, deverão ser solicitadas e estimuladas situações que sejam ajustáveis ao nível e desenvolvimento dos alunos nos JECs.

Ainda nos atendo a Garganta (1995, p.13), o autor destaca a importância do componente tático em JECs:

Nos JDC a dimensão tática ocupa o núcleo da estrutura de rendimento (Konzag, 1991; Faria&Tavares, 1992; Gréhaigne, 1992), pelo que a função principal dos demais

factores, sejam eles de natureza técnica, física ou psíquica, é a de cooperar no sentido de facultarem o acesso a desempenhos táticos de nível cada vez mais elevado.

Corroborando com o autor, nos aprofundaremos no tópico seguinte em relação a técnica e adentraremos na tática nos JECs, buscando articulá-los.

1.5.1 Aspectos Técnico-Táticos

Bento (1999, p.89) nos alerta para a importância de tratarmos as questões motoras e técnico-táticas, uma vez que são estas que constituem o jogo:

Na continuidade da sua inclinação para as Ciências Sociais a Pedagogia do Desporto chamou a si o tema da *aprendizagem social*. Alguns autores seguem esta orientação de modo tão exaustivo que parece que as questões motoras, técnicas, desportivas e corporais não passam de um pretexto para tal.

Greco e Benda (1998) classificam técnica esportiva de acordo com as condições em estas são exigidas: como a solução de tarefas motoras (ou seja, quando as condições são constantes) ou de um problema motor (quando as condições são variadas).

Bento (2004) destaca a importância das técnicas culturais para o indivíduo em idade escolar. Assim como ler e escrever, o esporte e suas técnicas são conhecimentos a serem estudados, seja no ensino formal ou não formal. Entretanto, conhecer os fundamentos não se mostram suficientes para tornar uma pessoa apta a jogar um jogo coletivo, é necessário saber utilizá-los em situações de jogo. É a interação do fundamento com a exigência que o jogo faz de utilização do mesmo em um momento determinado de uma maneira específica que justificam sua importância, como afirma Daolio (2002, p.100)

O que justifica o “fazer técnico” é sua utilidade e seu objetivo no curso de um jogo. Por outro lado, são as intenções individuais e coletivas que ocorrem durante o jogo que demandam certos procedimentos técnicos. Dessa forma, surgem nesta nova proposta, os conceitos de tática individual e tática coletiva, ações coordenadas entre o indivíduo e o grupo, no sentido de uma prática de jogo qualitativamente melhor, tanto por parte da equipe como por parte do indivíduo.

Dentro da concepção cultural da técnica, recorremos a Mauss (1974, p.211) que traz como conceito de técnica corporal “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”. O autor apresenta ainda dois conceitos que devem se ligar à idéia de técnica corporal: a tradição e a eficácia simbólica, que estão vinculados à

transmissão de gestos, imbuídos de valores, sendo esta característica que diferencia as técnicas humanas dos movimentos dos animais. (MAUSS, 1974, p.217)

Desta forma, deixamos de contemplar a técnica esportiva como um conceito fechado e uma prática determinada, para tratá-la no contexto em que o jogador se insere, que apresenta características peculiares e exigências não necessariamente padronizadas, corroborando com Daolio (2002, p.101)

O gesto esportivo oriundo dos movimentos dos atletas de alto rendimento, constitui-se, sem dúvida, em técnica, aliás, das mais eficientes e, plasticamente, das mais belas. Mas não pode ser tomado como a técnica modelar, a ser ensinada imediatamente a todos os alunos. Primeiramente, por se tratar de movimentos mais elaborados, demandando grande tempo de treinamento para sua perfeita manifestação; em segundo lugar, porque os alunos, culturalmente situados, podem possuir outros interesses de movimento, que levem a outras demandas em termos de execução.

Observa-se, entretanto, que na iniciação esportiva de forma geral, uma tendência tradicionalista em propor mais tarefas motoras e poucos problemas motores ao se abordar técnica em JECs. Isto não seria necessariamente negativo se o agente pedagógico não desvinculasse a execução dessas tarefas dos porquês de realizá-las. Tomemos como exemplo os exercícios analíticos, que muitas vezes são utilizados para o aprimoramento do gesto técnico específico, desvinculado dos objetivos de ampliar o repertório motor e até da tática do jogo. De acordo com Garganta (1995), isso vem acontecendo desde a década de 60, com abordagens mecanicistas para o ensino de jogos coletivos, com soluções pré-estabelecidas para os problemas do jogo.

Ora, uma vez que uma das principais e mais importantes características dos jogos é a riqueza de situações imprevisíveis que requerem o uso e desenvolvimento constante da inteligência, nos parece impraticável que se aplique soluções prontas para um JEC. No entanto, não nos parece incorreto o uso de exercícios analíticos, mas sim a forma e o momento em que estes são aplicados; neste caso, os modos de fazer (técnica) não podem estar desvinculados das razões de fazer (tática) (GARGANTA, 1995).

Uma outra vantagem do desenvolvimento técnico aliado à tática através de estratégias globais está na possibilidade de simulação a fim de superar o(s) adversário(s). Lamas e Seabra (2006, p.47) destacam esta possibilidade:

A execução de todos esses gestos, com e sem bola, é, portanto, extremamente valiosa não apenas no intuito de executar um fundamento do jogo, mas também como recurso para iludir. O domínio da imagem gestual que se produz é de fundamental importância

para evitar e /ou enganar a oposição. Isso confere uma propriedade informacional à técnica, uma vez que ela traz consigo aspectos inerentes ao plano tático do jogo (a intenção e simulação dos jogadores).

Ao ampliar as possibilidades da técnica para além da repetição de um movimento específico baseado em um modelo tido como correto, os autores reafirmam a importância da necessidade de tratamento da técnica em interface com a tática em jogos esportivos coletivos, tendo em vista as características de imprevisibilidade dos mesmos.

Mais uma vez nos remetendo a Zech (1971), apud Weineck (1999, p.579), trazemos seu conceito de **tática**: “a capacidade de desempenho individual ou em time de oposição a um adversário”. Weineck (1999) complementa dividindo a tática esportiva em geral – regras gerais comuns a diversas modalidades esportivas – e específica – de uma determinada modalidade. Greco e Benda (1998) dividem, ainda, a tática em individual (uso da técnica em situações isoladas do jogo), de grupo (2 ou 3 jogadores) ou coletiva (3 ou mais jogadores em ação).

Destaca-se que o desempenho não tem um padrão necessário obrigatório no momento da iniciação esportiva, como acontece com os atletas profissionais que devem atingir um determinado desempenho para manter seus rendimentos. Ao iniciante, basta um desempenho necessário, suficiente para que este interaja com o jogo, colegas, adversários e demais elementos envolvidos.

Tratando especificamente de modalidades esportivas coletivas, Lamas e Seabra (2006, p.43) abordam a tática como:

[...] o conteúdo cognitivo da oposição entre as equipes, podendo ser abordada sob a ótica individual ou coletiva. É a capacidade de manipular o ambiente, em meio à dinâmica ataque-defesa, e a ponderação dos limites da própria capacidade de resposta com o objetivo de resolver o problema tático imposto pelo adversário, novamente no plano individual ou coletivo.

A tática está relacionada à organização coletiva do jogo, à manifestação de sua lógica e funcionamento. É fundamental à criança ter, desde sua iniciação em JECs, estímulos para o entendimento tático. Neste estudo, trabalharemos com a possibilidade de uma compreensão inicial da lógica comum aos JECs e, posteriormente, da lógica interna específica de cada modalidade coletiva. Assim, o professor/técnico estaria compartilhando das idéias de Bayer (1994), na questão do transfert, ou seja, dominar a prática e lógica básica que permeia a maioria

dos JECs, de forma que tais informações possam ser úteis e transferíveis na prática de qualquer um deles.

No caso de professores que trabalham com a iniciação esportiva infantil em uma modalidade específica, é possível que o professor de iniciação em basquetebol, por exemplo, use como elemento pedagógico, o futebol. No entanto, é importante que após essa prática sejam discutidas com os alunos as semelhanças e diferenças deste esporte com o basquetebol, construindo relações entre os vários JECs e compreendendo a tática básica destes jogos, englobando as ações defensivas, ofensivas e de transição. O exemplo do futebol se torna ainda mais rico se considerarmos o valor que este esporte tem em nossa cultura e o quanto ele é conhecido pelas crianças brasileiras, facilitando as chamadas transferências.

Tendo em vista a técnica e a tática, apontamos que uma não deve ser apresentada dissociada da outra, pois, se queremos que nosso aluno compreenda a lógica tática é importante que ele disponha de elementos técnicos. Da mesma forma, quando se propõem a técnica, esta deve ser compreendida dentro do contexto tático, sendo os aspectos físicos e psico-cognitivos também exigidos a todo o momento. A partir do ponto no qual a criança vai desenvolvendo esses itens, aumentam suas possibilidades de resolver os problemas do jogo e fazê-los com variações de movimento e tática, ou seja, dominar os gestos e tomar decisões flexíveis para resolução de problemas (GALATTI, 2002).

1.5.2 Modalidades Formais: Características Gerais do Futsal, Handebol, Basquetebol e Voleibol

Neste tópico, apresentaremos um resumo acerca das quatro modalidades de JECs abordadas de forma mais profunda neste estudo – Futsal, Handebol, Basquetebol e Voleibol – a fim de explicitarmos, além das proximidades já tratadas, as diferenças entre as quatro modalidades esportivas de quadra mais praticadas no Brasil.

Isto será feito a partir de um quadro desenvolvido por Rocha e Cordovil (1998) e modificado por Balbino (2001, p.22), uma vez que esta estrutura nos permite observar com clareza as proximidades e especificidades acerca de cada modalidade. O quadro nos permite observar aspectos relacionados às formas de conduzir o implemento, nos remetendo aos fundamentos, assim como pontos ligados às regras das modalidades.

Modalidade	Futsal	Handebol	Basquetebol	Voleibol
Forma de jogar a bola	Usam-se os pés e a cabeça (1)	Usam-se só as mãos (2)	Usam-se só as mãos	Usam-se mais membros superiores (3)
Mobilidade com bola	Condução livre com os pés	Condicionada drible e 3 passos	Condicionada drible e 2 apoios	Não existe
Passes	Em qualquer direção	Em qualquer direção	Em qualquer direção	Em qualquer direção
Posse-início de jogadas	Atribuída a uma equipe	Atribuída a uma equipe	Disputa inicial/Atribuída a uma equipe	Atribuída a uma equipe
Tempo de jogo	40 minutos (2 períodos)	60 minutos (2 períodos)	40-48 min. (4 períodos)	Indeterminado
Área de jogo	Cerca de 800 m ²	800 m ²	420 m ²	81 m ² / equipe
Nº de jogadores	5 por equipe	7 por equipe	5 por equipe	6 por equipe
Substituições	Todos podem entrar e sair	Todos podem entrar e sair	Todos podem entrar e sair	Todos podem entrar e sair com limitações
Área por jogador	160 m ²	114 m ²	84 m ²	13,5 m ²
Obtenção de pontos	Com os pés ou com a cabeça	Com as mãos-arremessar	Com as mãos-lançar	Com as mãos-bater / tocar
Formas de marcar com bola	Um gol	Um gol	Um cesto	Um toque no solo/fora da área de jogo (4)
Tipo de alvo	Balizas	Balizas	Cestos	Área do adversário
Dimensão do alvo	6 m ²	6 m ²	0,158 m ²	81 m ²
Defesa do alvo	Centrada no goleiro	Centrada no goleiro	Entregue a toda a equipe	Entregue a toda a equipe
Gestos para finalizar	Pouca complexidade	Alguma complexidade	Complexos	Complexos
Contato físico	Frequente e intenso	Intenso e frequente	Frequente e intenso	Não há. Rede entre as equipes.
Tipo de contato	Individual	Individual	Individual	Sem expressão
Contato defensivo	Choques na luta pela bola	Choques com uso das mãos	Choques no salto e bloqueio	Sem expressão
Contato ofensivo	Choques para progredir	Choques com uso das mãos	Choques no salto e bloqueio	Sem expressão

Notas: (1) Exceto lançamentos laterais e ação dos goleiros; (2) Exceto os goleiros; (3) Pode-se usar todo o corpo; (4) É possível obter ponto com erro do adversário.

Tabela 1: Características do Futsal, Handebol, Basquetebol e Voleibol. Adaptado de Balbino (2001, p.22)

Quanto aos fundamentos específicos de cada uma dessas modalidades, pelo fato destes não serem alvo de ensino no momento de processo pedagógico que esta dissertação se propõe a estudar – a iniciação nos JECs, momento anterior a especialização, que por sua vez precede o treinamento – não se faz necessário adentrarmos neste tema com profundidade maior do que a expressa no quadro.

Quanto às regras, tema suficientemente tratado na Tabela 1, faz-se importante destacar os ensinamentos de Claude Bayer, que colaboram com a reflexão acerca da definição das regras nos esportes:

A estruturação duma actividade como o desporto coletivo necessita da adopção por cada um de regras a respeitar. É ponto de vista jurídico de cada especialidade, que possui, editada pelas diferentes federações, um código de arbitragem, o que torna assim uma actividade hiperinstitucionalizada. A bola, engenho dinâmico por excelência, possui múltiplas possibilidades de reagir e de manejo. As regras vão determinar a maneira de jogar a bola com tal ou tal parte do corpo, como se propõem definir a sua forma, o seu tamanho, o seu peso. Informam igualmente os jogadores da sua conduta face os adversários, sobre as dimensões do campo do jogo, o número de jogadores autorizados a tomar parte no encontro, a duração dos jogos e as sanções a atribuir. (BAYER,1994, p. 42)

Em suma, as regras de qualquer tipo de esporte se prestam a indicar o que o praticante pode ou não fazer, quais os limites, quais são os atos que podem ou não ser tomados.

É importante ressaltar, ainda, que o dinamismo do esporte contemporâneo resulta em constantes alterações das regras, como explica Scaglia (2005, p.8):

(...) o esporte tem sofrido constantes mudanças a partir dos novos contextos sócio-econômicos globalizados – algumas superficiais outras profundas, que acabam até por descaracterizá-los (mas não deixando de ser esporte), como no caso do futebol de salão que pelas modificações e fusões acabou se transformando em outro esporte, o futsal. Já o voleibol passou por processo semelhante, todavia não originou outro esporte, mas para atender às necessidades da TV mudou a forma de contar os pontos. Isso gerou sistêmicas mudanças táticas e estruturais no jogo como um todo. Mas, também, ao mesmo tempo sua maciça divulgação(...).

Desta forma, é importante que professores e alunos estejam atentos a estas alterações e tragam as novidades para o contexto da aula.

1.6 MÉTODOS DE ENSINO E SEQÜÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE JECS

Os jogos esportivos coletivos (JECs), assim como todo o fenômeno esporte, manifesta-se de forma complexa, envolvendo relações sistêmicas entre seus componentes, entre os quais apontamos os jogadores, o jogo, o implemento (em geral a bola), os espectadores, os organizadores e dirigentes, a mídia, os técnicos e professores, a família dos jogadores e o jogador consigo mesmo, uma vez que cada jogador corresponde a um sistema complexo por si só, em interação com outros. Na iniciação esportiva observam-se todas essas relações - certamente com algumas particularidades - as quais nos permitem constatar características metodológicas e pedagógicas da iniciação esportiva nos dias de hoje. Um vez que as questões pedagógicas vêm sendo tratadas ao longo de todo estudo, cabe enfocarmos os métodos.

As primeiras tentativas de sistematização de métodos para ensino de modalidades esportivas coletivas se deram por volta da década de 1960 e foram inspiradas nos métodos já estruturados de modalidades esportivas individuais, sobretudo do atletismo. Tais propostas provinham de uma visão fragmentada do processo de ensino do esporte: se no atletismo cada parte do movimento da corrida de um atleta era ensinado separadamente, no esporte coletivo passou-se a ensinar e treinar cada fundamento do jogo de forma isolada, considerando que a partir das partes o aluno ou atleta aprenderia ou refinaria o todo.

Entretanto, observou-se que o fato de um jogador saber executar os movimentos e fundamentos do jogo de forma isolada não garantia as mesmas condições de responder aos problemas apresentados pelo jogo, sobretudo aqueles de ordem tática, que permeiam todas as ações do jogo, inclusive as técnicas. Desta forma, a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, surgem autores como Bayer (1994) na França, Garganta (1995) em Portugal, autores ligados ao TGFU (Teaching Games for Understanding) como Tuner (1996) e Werner, Thorpe e Bunker (1996) que propõem novos olhares sobre o processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos, como estudamos anteriormente, que acarretaram em novos métodos de ensino dos JEC.

Segundo Dietrich, Durrwachter e Schaller (1984), existem dois princípios relativamente resistentes e expressivos na metodologia de jogos e que embasam tanto os métodos provenientes da década de 60 como aqueles que surgem a partir da década de 70, sendo eles: o analítico-sintético e o global-funcional.

De acordo com o mesmo autor:

[...] o princípio analítico-sintético se caracteriza por apresentar cursos de exercícios ou, esporadicamente, jogos, os quais partem de elementos especiais (técnicos, táticos ou condicionais dos jogos), reunindo-os, pouco a pouco em conexões maiores (síntese), recolhendo, posteriormente, as partes em conjuntos lógicos. (DIETRICH, DURRWACHTER E SCHALLER, 1984, p.9)

Uma aula a partir do princípio analítico seria dividida em aquecimento, exercícios para a aprendizagem da técnica e jogo, tendo os seguintes princípios metodológicos, de acordo com Greco e Benda (1998):

- do conhecido ao desconhecido – das partes ao todo;
- do fácil para o difícil – diminuição da ajuda;
- do simples para o complexo – aproximação gradativa;
- divisão do movimento em fases funcionais.

Já o princípio global-funcional baseia-se em jogos, tanto os formais como outros de menor complexidade que o formal, de caráter lúdico e adequados à faixa etária do iniciante e que envolvam técnica, tática e regras. Dietrich, Durrwachter e Schaller (1984, pp. 9 e 10) definem que:

[...] o método global se caracteriza pela criação de cursos de jogos, que partem da simplificação dos jogos esportivos formais (basquetebol, handebol, futsal, etc.) de acordo com a idade, e, através de um aumento de dificuldades na apresentação dos jogos, em direção ao jogo final.

Assim, observamos que os métodos pautados no princípio analítico-sintético enfatizam a prática de tarefas motoras, através de exercícios de valor absoluto e previsíveis, sendo importantes para o desenvolvimento de habilidades básicas e de intimidade da criança com a bola. Em contrapartida, não acrescenta à criança habilidade em resolver os desafios propostos pelo jogo, o que é contemplado no princípio global-funcional, que propõe ênfase no jogo, oferece problemas imprevisíveis e de valor relativo a serem solucionados por quem joga; no entanto, o contato do aluno com a bola, neste princípio, tende a ser menor.

Entendemos que o método, no processo de iniciação, deva permitir ao aluno criar conceitos acerca do Esporte que possam ser transferidos para outras práticas e até campos de sua vida; o aluno deve ser estimulado a compreender a lógica que permeia o jogo, de modo que não seja restringida ou limitada sua capacidade de assimilação e associação. Dessa forma, as

atividades propostas pelo professor devem compor o contexto do jogo; cabe ao agente pedagógico, a partir de um princípio metodológico de sua escolha, situar o aluno e torná-lo capaz de desenvolver novas habilidades por meio do jogo e não apenas repetir exaustivamente técnicas, mesmo porque o praticante deve ter a liberdade de executar gestos diferentes daqueles tidos como padrão do esporte e a repetição de técnicas pré-determinadas nem sempre se mostra possível de ser aplicada no jogo pelo praticante, que pode não conseguir apropriar-se de técnicas impostas e transferi-las para o jogo.

Consideramos que a escolha de procedimentos pedagógicos provenientes do princípio global-funcional tendem a favorecer o desenvolvimento das capacidades supra-citadas, em especial aquelas relacionadas ao ser inteligente ao jogar um JEC. Sendo assim, explicitamos nossa opção pela predominância do princípio global-funcional no balizamento e organização de planos de aula e seqüências didáticas com JECs, não com o objetivo de apontá-la como única ou melhor que outras, mas sim com o propósito de esclarecer ao leitor a partir de qual pensamento metodológico referente ao ensino de JECs que estamos construindo o estudo.

A partir da opção pelo método e buscando elaborar programas de trabalho, consideraremos, a seguir, a idéia de Seqüência Didática (SD) proposta por Dolz.; Noverraz & Schneuwly (2004, p.97) que, "é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática". Os autores restringem seu uso em torno de um gênero textual oral ou escrito, por serem estes seus objetos de estudo na área da lingüística; nesta dissertação, construiremos uma seqüência didática para o ensino dos JECs a partir de suas proximidades e, no capítulo final, incluiremos o Livro Didático como um novo elemento a ser agregado no processo de ensino e aprendizagem. Os autores também restringem a idéia de SD para a escola e, neste estudo, estamos considerando sua aplicação também em contextos de educação não-formal.

Dolz.; Noverraz & Schneuwly (2004, p.111) apontam para a importância em considerar a variedade e heterogeneidade dos alunos que serão submetidos a uma seqüência didática, assim como dos professores que a conduzirão, afirmando que:

[...] as seqüências didáticas apresentam uma grande variedade de atividades que devem ser selecionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades dos alunos, dos momentos escolhidos para o trabalho, da história didática do grupo e da complementaridade em relação a outras situações de aprendizagem (...).

Pensando na seleção de atividades e momento de aplicação das mesmas para o ensino dos JECs, recorremos a Daolio (2002, p.101), que estudou a abordagem dos mesmos a partir de suas semelhanças, tendo com base Bayer (1994) e apontando as possibilidades de seqüenciar o ensino como uma de suas vantagens:

Outra vantagem da abordagem do Esporte Coletivo a partir das semelhanças estruturais das modalidades é a consideração dinâmica e seqüencial ao longo de todo o processo. Abordam-se as fases de aprendizagem do Esporte Coletivo a partir da compreensão que os alunos vão adquirindo em relação ao jogo (...)

Daolio (2002) apresenta um modelo seqüencial para abordagem dos JECs, denominado “modelo pendular”, que pode ser visualizado na figura a seguir:



Figura 2: Modelo Pendular (adaptado de Daolio, 2002, p.103)

Neste modelo, que parte das seis invariantes propostas por Bayer (1994) – objeto esférico, espaço demarcado de jogo, alvo a ser atacado ou defendido, integrantes de uma equipe, adversários e regras – observamos que os princípios operacionais de ataque e defesa apresentados pelo mesmo autor estão na base do pêndulo, devendo ser o primeiro conteúdo de ensino, uma vez

que estes são invariáveis dentre os diferentes JECs. A seguir, o foco do processo de ensino e aprendizagem deve ir para as regras de ação, que variam de acordo com cada modalidade, mas ainda há uma predominância maior de ações comuns em relação aos gestos técnicos, que seriam o terceiro momento da aprendizagem. Embora arremessar ao alvo seja um fundamento comum ao handebol e ao basquetebol, o fato do alvo do primeiro ser junto ao solo e grande e o segundo estreito e a uma altura de 3,05m do chão faz com que os jogadores se utilizem de técnicas bastante diferentes em cada uma dessas modalidades.

Nesta perspectiva, apontamos ainda que o contato inicial com jogos que apresentem os mesmos princípios de defesa e ataque que os JECs devem ser mais praticados no início da aprendizagem e as modalidades formais devem ser apresentadas de forma mais enfática, com suas especialidades e rigor de regras posteriormente, quando o aluno já tiver desenvolvido melhor capacidade de jogo.

Sendo assim, voltamos a destacar a ênfase no jogo para a iniciação esportiva em jogos coletivos, englobando a técnica, a tática, o físico, o afetivo e as relações de conflito que surgem no jogo e permitem aos jogadores evoluírem no mesmo, possibilitando ao professor opções de intervenção tanto técnico-tática quanto educacional.

Desta forma, apontamos a seqüência proposta por Daolio (2002) como uma possibilidade adequada para o ensino dos JECs e que a prática pedagógica tem maior possibilidade de intervenções a partir de métodos pautados no jogo. Sendo assim, sugerimos alguns elementos que nos dão a possibilidade de modificar ou construir jogos, a fim de potencializarmos o aprendizado do esporte coletivo a partir da compreensão do ato de jogar, e não apenas da repetição de técnicas, sendo eles:

- Regras;
- Espaço;
- Número de participantes;
- Tipo e número de bolas ou outros objetos;
- Tipo, número e posicionamento dos alvos;
- Partes do corpo com as quais é permitido o contato com a bola ou outros objetos;

O pedagogo do esporte, a partir destas alterações, será capaz de criar e modificar jogos de forma que estes se tornem possíveis para a compreensão dos princípios operacionais, sendo o

aluno capaz de identificar problemas, analisar possibilidades de resolução e utilizar aquela que considerar a mais adequada em cada situação, aprendendo a interagir com a imprevisibilidade do jogo. Indo além da proposição de jogos, o pedagogo pode construí-los juntamente com os alunos, o que certamente será mais significativo para eles, que se sentirão co-responsáveis pela aula.

A partir desta compreensão, aprender a jogar um jogo esportivo coletivo vai além de aprender técnicas ou táticas. Trata-se de aprender a relacionar-se não apenas com o jogo, mas também com os demais jogadores, que a partir dos problemas e conflitos que surgem em um jogo, não apenas de ordem técnico-tática, mas também ligados a valores e modos de comportamento. O professor, muitas vezes, prende-se tanto aos métodos que corre o risco de se afastar de metas e objetivos que favoreçam o desenvolvimento integral da criança, como nos alerta Paes (1998, p.113):

A questão central não é como ensinar esporte pois, se assim fosse, a resposta seria simples e poderíamos encontrá-la na busca de um referencial metodológico. Para nós, o eixo da discussão está em como o esporte pode contribuir para melhor formação dos nossos alunos e então a referência deverá ser sócio-educativa. Por fim, a iniciação esportiva, no contexto educacional, não pode ter uma finalidade em si mesma, mas sim ser uma etapa no processo de formação do aluno.

Para nós, a principal discussão não reside em determinar qual o método ou princípio metodológico é o mais adequado, mesmo porque o processo de ensino-aprendizagem de esportes não pode ser resumido a um único método. Entendemos que o foco deve estar nos princípios pedagógicos, nos procedimentos que o professor adota ao aplicar sua seqüência didática, para que a pedagogia possa ser maior que o método, como aponta Balbino (2005, p.175)

A ação pedagógica transcende o método na medida em que supre as necessidades de procedimentos elaborados em flexibilidade de atitudes, e entendimento de que as intervenções devem se dirigir a níveis que não são os do físico, ou que um programa de treinamento não prevê, pelo próprio padrão de imprevisibilidade dos jogos desportivos coletivos. Dirige-se à capacidade de compreensão dos problemas, ao sistema de valores dos atletas, em estratégias de tratamento das questões inter e intrapessoais de quem joga, ou mesmo da explicação de situações através de estratégias que envolvem metáforas e que não foram previstas no método de treinamento.

1.7 PEDAGOGIA DO ESPORTE E JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS: CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

A Pedagogia do Esporte, como qualquer outra linha de pesquisa científica, está sempre a caminho. As questões e problemas que a norteiam se gastam e outras são necessárias, sem que o passado se torne indiferente, mas que um olhar aberto e apurado sobre a realidade permita construir o futuro.

A fim de contribuir para a construção de um melhor futuro e um presente mais efetivo, a Pedagogia do Esporte vem sendo estudada pelas Ciências do Esporte. Bento (1999, p. 19 e 20) nos alerta acerca do espaço científico e a Pedagogia do Esporte:

O espaço científico é um local impróprio para os saudosistas do passado e para os desatentos à realidade presente e à sua evolução. (...) renovando e inovando as nossas perspectivas e teorias, renovamo-nos e participamos na renovação da realidade. (...) Pelo que a pedagogia precisa ser constantemente escrita, renovada, repensada e reformulada nos seus princípios, orientações, ensaios e modelos.

Tratar da Pedagogia à luz da Ciência, tendo como tema central o fenômeno esporte, exige que antes se reflita acerca da própria Ciência; entretanto, esta seria uma tarefa ampla demais para nós. Desta forma, na expectativa de sinalizarmos para uma visão de ciência que abarque as idéias relativas à Pedagogia do Esporte tratadas neste estudo, recorreremos a Esteves de Vasconcelos (2003), autora estudiosa da Ciência em suas questões epistemológicas; a autora escreve sobre a Ciência tradicional e a contrapõe com a concepção de uma Ciência Contemporânea, “novo paradigmática”, apoiada no pensamento sistêmico; aos apontamentos da autora, traçaremos um paralelo acerca do fenômeno esporte e de possíveis intervenções pedagógicas sobre o mesmo.

1.7.1 Ciência Tradicional

Esteves de Vasconcelos (2003) nos apresenta três pressupostos nos quais se apóia a ciência tradicional, sendo eles:

1. Simplicidade: o mundo complexo pode ser dividido em partes simples, sendo que, a partir da separação das partes, pode-se entender o todo – relações casuais lineares.
2. Estabilidade: previsibilidade dos fenômenos, crença na reversibilidade e controbilidade dos fenômenos – determinação.
3. Objetividade: obter uma versão única do conhecimento como critério de ciência.

Quanto ao pressuposto da **simplicidade**, a autora afirma que a partir deste o conhecimento se divide em categorias para classificar os objetos ou fenômenos (ou é isso ou é aquilo), em uma tendência a um reducionismo dos fenômenos estudados. Nesta perspectiva, um objeto não pode pertencer a duas categorias e as categorias devem ser excludentes entre si. Quando surge uma nova teoria, a anterior é descartada (ESTEVES de VASCONCELOS, 2003, p.75).

Ao nos dirigirmos ao fenômeno esporte, nota-se que as palavras-chave listadas acima podem ser relacionadas aos métodos de ensino e treinamento baseados no princípio analítico-sintético, o que nos aponta que este princípio metodológico liga-se a uma concepção tradicional de ensino. No princípio analítico-sintético, os sistemas são concebidos como agregados mecanicistas de partes em relações causais separadas umas das outras (ESTEVES de VASCONCELOS, 2003). No entanto, não podemos simplesmente excluí-los ou substituí-los, mas compreendermos sua importância no processo do surgimento e evolução dos métodos – até chegarmos aos métodos globais de ensino do esporte, tão importantes no trato com Jogos Esportivos Coletivo – e sabermos de sua utilidade em determinadas etapas do processo de ensino e aprendizagem. Não há como negar, no entanto, que a concepção dos métodos de ensino de JECs no pressuposto da simplicidade tenda a reduzir o jogo aos fundamentos específicos de uma modalidade determinada; chegamos, assim, ao que Esteves de Vasconcelos chama de tendência a buscar uma “Causalidade Linear Unidirecional” (ESTEVES de VASCONCELOS, 2003) entre os fatos, como exemplificamos a seguir, trazendo para o universo esportivo, em um exemplo específico para a modalidade basquetebol:

(1º) Aprender a correr corretamente – (2º) aprender a driblar – (3º) passar e receber (primeiro parado, depois em deslocamento) – (4º) arremessar/bandeja – (5º) jogar basquetebol.

Nota-se uma relação de Causa-efeito entre as etapas, ou seja, para que se possa jogar basquetebol, deve-se antes saber arremessar a bola; antes de saber arremessar a bola, é preciso que antes o aluno saiba recebê-la e passá-la corretamente; antes, porém, ele deve aprender a driblar a bola, que por sua vez só pode ser feito se o aluno tiver uma técnica mínima de corrida. Não estamos afirmando aqui que estes passos não sejam importantes, o que questionamos é se é realmente necessário que, para aprender a jogar um esporte coletivo o aluno deve aprender antes e separadamente as etapas técnicas.

O pressuposto da **estabilidade**, por sua vez, baseia-se na crença de que o mundo é estável e as coisas se repetem com regularidade, “concebendo um mundo ordenado, cujas leis de

funcionamento, simples e imutáveis, podem ser conhecidas buscando conhecer relações funcionais entre as variáveis” (se determinado fato acontecer, a consequência é previsível) (ESTEVES de VASCONCELOS, 2003). Assim, os objetivos da ciência seriam explicar, prever, controlar os objetos, ou seja, a partir do conhecimento das leis, torna-se possível manipular os fenômenos.

Observando a ciência a partir deste pressuposto, o cientista é o observador, ou aquele que conhece, que pode manipular e que deve ser competente para fazer isso. O mesmo aconteceria nas práticas pedagógicas: “Na educação ou outras práticas instrutivas: determinismo ambiental, ou seja, o comportamento do sistema (alunos) dependerá das instruções que ele receber do ambiente, que pode ser controlável e previsível”. (ESTEVES DE VASCONCELOS, 2003, p.88)

Assim, é o professor que conduz o aluno, não um sistema de interação na escola ou outro contexto educacional que envolve professor, aluno e ambiente, sendo que este sistema interage com outros, como o sistema familiar que cada aluno e cada professor se insere, dentre outros subsistemas.

Podemos apontar que o pressuposto da estabilidade também rege práticas pedagógicas ligadas ao Esporte, como ao retomarmos a questão dos métodos: os exercícios analíticos, que propõem a repetição de uma determinada técnica, ainda são constantes nos treinamentos e aulas de JECs. Sua presença não é necessariamente um problema, mas a prevalência destes exercícios em detrimento de estratégias que privilegiem a inteligência do jogador em relação ao jogo e ao sistema que o envolve sim.

Um outro exemplo, bastante comum, é que os técnicos ensaiem jogadas pré-determinadas com seus jogadores, a fim de aplicá-las quando em confronto com adversários; da mesma forma é feito na defensiva, em que uma equipe assume um determinado esquema defensivo, independentemente das características do adversário. A característica de imprevisibilidade do jogo é, em geral, desconsiderada e impõe-se aos jogadores formas de agir e organizar as jogadas.

Nesta concepção tradicional de ciência apontada por Esteves de Vasconcelos (2003) há também a concepção de que os fatos são reais, estão dados e aos cientistas ou outros observadores cabe apenas descrevê-los; cria-se, assim, um distanciamento entre sujeito e objeto, ou seja, considera-se que o pesquisador não interfere no resultado de uma pesquisa, sendo que os testes devem apresentar os mesmos resultados independentemente de quem os aplica; o trabalho do pesquisador deve ser descritivo e não interpretativo, não sendo permitidas manifestações

emocionais. É o que autora chama de Objetividade da Ciência Tradicional, que se liga à busca da verdade absoluta, por meio de relatórios precisos a partir do observado e da neutralidade do observador/pesquisador.

Nas Ciências do Esporte este pressuposto também se reflete e há evidências, como quando observamos o trabalho de uma equipe multidisciplinar atuando com atletas profissionais a partir do paradigma tradicional da ciência: o preparador físico quer que o atleta esteja no seu ótimo da forma a partir de sua periodização, ou seja, aplica um treinamento e espera uma resposta imediata; entretanto, o técnico, no treino técnico-tático, exigiu uma outra capacidade física que não aquela estimulada pelo preparador físico, e também aguarda por resultados imediatos; o nutricionista prepara um cardápio tendo em vista o calendário de jogos; o psicólogo, por sua vez, faz um trabalho buscando estimular os atletas a partir de uma determinada linha da psicologia, e aguarda os resultados imediatos desta prática. Entretanto, o preparador físico e o técnico podem ter exigido capacidades físicas numa mesma sessão de treinamento que interferiram de forma negativa um no trabalho do outro; o cardápio proposto pelo nutricionista pode não ter sido adequado para o gasto energético daquela sessão; e o trabalho do psicólogo pode ir ao contrário da forma como o técnico intervém com os atletas. Assim, os resultados esperados por cada um podem não ser alcançados, já que cada um aplica determinada corrente da sua ciência, esperando que o atleta responda de acordo com o que diz a teoria.

Além disso, a forma como um determinado técnico aplica uma mesma teoria do treinamento pode ser diferente da de um outro técnico, assim como a forma como um psicólogo que coleta dados a partir de uma teoria para compor o perfil de um atleta pode ser diferente da forma como um outro psicólogo atuaria com a mesma teoria, pela relação entre o profissional e os atletas ou a teoria, o que nos evidencia a impossibilidade de neutralidade do observador.

Na área acadêmica, observa-se também uma prevalência ou maior valorização das pesquisas que permitam um trato mais objetivo com o objeto estudado. Em jogos coletivos, por exemplo, busca-se métodos para quantificar a inteligência tática do jogador, já que a observação por meios qualitativos nem sempre é considerada suficiente nos veículos de divulgação da produção científica.

Em contrapartida a esta visão tradicional de Ciência, persistente também nas Ciências do Esporte, Esteves de Vasconcelos (2003, p.101) nos apresenta três pressupostos para ciência contemporânea, tendo por base o pensamento sistêmico:

1. Da simplicidade para a complexidade: passa a ser necessária a atitude de contextualização dos fenômenos e reconhecimento de que a simplificação obscurece as inter-relações entre as diferentes unidades que interagem em um fenômeno e entre os fenômenos.

2. Da estabilidade para a instabilidade do mundo: a compreensão de que “o mundo está em processo de tornar-se” e que os fenômenos são indeterminados e imprevisíveis, considerando sua incontrolabilidade e irreversibilidade.

3. Da objetividade para a intersubjetividade: a consciência de que não existe realidade independente de um observador; a ciência é uma construção social, existindo múltiplas versões da realidade, dependendo do observador e do sujeito. O cientista, por sua vez, “se torna uma intervenção perturbadora sobre aquilo que quer conhecer” (ESTEVES DE VASCONCELOS, 2003, p.109).

A partir do exposto até aqui, buscaremos discutir temas pontuais ligados às Ciências do Esporte, na expectativa de evidenciar que a Pedagogia do Esporte é por nós compreendida também a partir dos pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade, apresentados por Esteves de Vasconcelos (2003).

1.7.2 Uma Visão da Ciência Contemporânea acerca dos JECs

Para apontarmos a visão de ciência que permeia este estudo, trataremos, inicialmente, da complexidade, sendo necessário considerarmos três aspectos: uma nova lógica, a tendência à desordem e o da incerteza constante (ESTEVES DE VASCONCELOS, 2003). Assim, um pensamento complexo exige uma nova forma de pensar, no qual o novo é integrado ao antigo e as contradições são abordadas ao invés de excluídas.

A autora afirma (p.110) que um problema é complexo quando “este não pode ser reduzido a formas simples” e traz a citação de Wittgenstein, (1921) de que “perceber um sistema complexo significa perceber que suas partes constitutivas se comportam umas em relação às outras, de tal ou qual modo [e que] não podemos nem imaginar um objeto a não ser em conexão como outros objetos”.

Muito embora Wittgenstein não fosse um estudioso do jogo, tão pouco do esporte, para um pedagogo do esporte que lida com JECs certamente a frase do autor define como se dão as relações entre os jogadores, a bola, a quadra, o técnico, a comissão técnica, a torcida, os

dirigentes, entre outros elementos do sistema: não é possível conceber um dissociado, desconectado do outro.

Assim, a partir da complexidade, não se estuda um objeto ou indivíduo, mas sim como este se relaciona com os outros elementos do sistema, tirando o foco exclusivo do objeto e passando o foco para as relações, ou seja: o objeto em contexto, o fenômeno, ressaltando que contexto não é o mesmo que ambiente, mas sim algo maior que este, já que engloba o ambiente mais as relações entre todos os elementos envolvidos (ESTEVEZ DE VASCONCELOS, 2003). Por isso, neste estudo, consideramos o Esporte não como um conjunto de modalidades que exigem capacidades e habilidades físicas, mas como um fenômeno sócio-cultural com múltiplas manifestações em diversos ambientes.

Retomando a idéia de que o complexo é aquilo que não pode ser reduzido ao simples, mas sim que integra o simples ao complexo (ESTEVEZ DE VASCONCELOS, 2003), podemos refletir sobre os métodos de ensino de esportes. Considerando que a complexidade não determina uma nova metodologia, mas sim uma nova forma de pensamento e também que uma das principais características da complexidade “é unir conceitos racionalmente antagônicos” (ESTEVEZ DE VASCONCELOS, p.114), reforçamos a idéia de não ser possível determinar qual é o melhor método a ser aplicado no ensino de esportes, já que os vários métodos propostos podem ser estudados e o professor organizar a sua seqüência didática a partir de seu método, daquilo que ele considera mais adequado em cada proposta de acordo com cada turma com a qual trabalha, considerando também os princípios e valores que regem sua prática docente.

Já em contraponto à idéia da Ciência tradicional de um mundo estável, onde as coisas se repetem com regularidade, Estevez de Vasconcelos (2003) aponta que a física levantou o problema da instabilidade, da tendência do universo em manter-se em desordem, contrariando o dogma de um mundo ordenado. Assim, vivemos em um mundo que não é, mas que está sendo, já que está em constante transformação.

Estimulados pela tendência à desordem, os sistemas estão em constante flutuação ou auto-organização qualitativa de seu funcionamento, gerando uma nova ordem, que tenderá a uma nova desordem, mantendo o sistema em constante instabilidade.

As Ciências do Esporte, em especial quando trata do esporte profissional, muitas vezes tem seus métodos e procedimentos pautados na previsibilidade e controle do treino. É possível controlar a carga de estímulo em um treinamento, mas prever a resposta do organismo do atleta

se torna impraticável, dada a complexidade de fatores envolvidos na mesma e suas relações, ou seja, o contexto, que ultrapassa a teoria do treinamento físico e expande para o psicológico, cognitivo, afetivo, social, econômico, entre outros.

O mesmo se reflete na iniciação esportiva. É possível planejar a aula, propor problemas, até estimular respostas adequadas, mas prever a resposta do aluno e garantir que ele aprendeu aquilo que o professor objetivou ensinar já se torna bem mais difícil, senão impossível, dada a complexidade de fatores envolvidos e suas relações - ou seja, o contexto.

A instabilidade se evidencia mais uma vez no fato de que o que se ensina também é instável, não é para sempre, por isso, estimular que o aluno lide com problemas e não apenas resolva tarefas, considerando novas possibilidades de lidar e resolver problemas. A este respeito, nos suporta Bento (1999, p.20):

Dito de outro modo, não há um progresso científico linear que conduza a modelos sempre mais perfeitos. A construção, dissolução e reconstrução de modelos pedagógicos e didáticos estão permanentemente na forja. (...) a mentalidade conservadora e a dificuldade ou falta de disponibilidade para a mudança constituem obstáculos de monta para a participação na construção e projecção das realidades educativas e pedagógicas.

Já em relação à forma objetiva com que a tradicionalmente a Ciência vinha ou vem abordando seus objetos de estudos, a visão contemporânea de Ciência apontada por Esteves de Vasconcelos (2003) traz a impossibilidade de um conhecimento objetivo do mundo e dos fenômenos que nele se manifestam, assim como a concepção de que o pesquisador não é neutro, imparcial ou mantém uma impessoalidade com a pesquisa, mas é parte desta. Considera-se que nenhum ponto de vista é capaz de esgotar todo um objeto de pesquisa e que o conhecimento é relativo às condições do observador

Um outro ponto importante liga-se ao ambiente, que deixa de ser um determinador do comportamento do sistema e passa a ser entendido como acoplado ao mesmo, um interferindo no outro e modificando os dois (ESTEVES DE VASCONCELOS, 2003, p.137). E também o observador, a partir do momento em que passa a dedicar-se a um objeto, cria-se um novo sistema, que engloba ambos.

A partir deste pressuposto e adentrando na Pedagogia do Esporte, podemos refletir acerca do paradigma de que o técnico ou o professor é soberano, acima dos alunos e atletas, porque sabe mais que ele. Na pedagogia do esporte que sinalizamos neste estudo, o técnico é mais um

elemento do sistema, que interage com os jogadores, mediando a relação deste com o esporte, sendo menor o seu poder controlador quanto maior for a imprevisibilidade da modalidade esportiva com a qual trabalha.

Podemos, ainda, retomar mais uma vez a questão dos métodos, apontando mais uma evidência de que não existe o melhor método, já que os valores, a intencionalidade e outros pontos ligados a intersubjetividade do técnico, sua equipe de trabalho, alunos, atletas e demais componentes do sistema é que vai determinar quais elementos de cada princípio metodológico é mais adequado em cada proposta de acordo com cada turma com a qual trabalha.

1.8 PRÁTICA PEDAGÓGICA COM JECs

A partir de todo o referencial teórico tratado até aqui, apresentamos a seguir um quadro balizador dos conteúdos relacionados ao ensino do esporte tendo um foco nos JECs e as aulas práticas sobre este tema, sendo apresentados os objetivos e competências e serem atingidos com os mesmos, assim como estratégias possíveis para diferentes dinâmicas e seus exemplos. Vale destacar que este quadro é um direcionador possível, não sendo capaz de abranger todas as possibilidades de trato com o esporte e nem mesmo com os JECs. Também não é possível tratarmos neste quadro de referências do principal diferenciador do trabalho pedagógico do professor de Educação Física: os procedimentos que este adota na prática de ensino quando em relação com os alunos.

Foram relacionados 16 temas a partir do referencial teórico estudado ao longo deste capítulo, sendo consideradas a aprendizagem conceitual do esporte e dos JECs, características técnico-táticas e possibilidades de aprendizagem social que a prática esportiva favorece. A opção por estes conteúdos ou outros diferentes deverá ser feita a partir da seqüência didática construída pelo professor, a partir das potencialidades e necessidades de seus alunos, assim como o contexto em que as aulas acontecem, se no ensino formal ou não formal.

Tema	Objetivos/ Competências	Estratégias de Prática Esportiva.	Dinâmicas na Quadra	Exemplos
Esporte	Compreender o esporte enquanto um Fenômeno sociocultural de múltiplas Possibilidades e Manifestações (na configuração social, saúde coletiva, econômica, política, mercadológica, entre outros), sem desconsiderar a prática de diferentes modalidades.	Exercícios; Brincadeiras; Situações de jogo; Jogos pré-desportivos; Jogos adaptados a partir das modalidades formais; Modalidades formais.	Prática de Diferentes Modalidades Esportivas - não apenas JEC - na sua estrutura de origem e atual; Construção De regras.	Praticar o basquetebol como J.Naismith propôs, em suas 13 regras originais e ir modificando até chegarmos às regras atuais. Festivais e Mini-torneios a partir de modalidades esportivas formais.
Jogos Esportivos Coletivos	Conceituar JEC e ser capaz de jogar jogos de equipe, pondo em prática os valores de coletividade.	Situações de jogo; Jogos pré-desportivos; Modalidades formais modificadas (como os jogos reduzidos); Modalidades formais.	Prática de diferentes jogos pré-desportivos e de diferentes Jogos Esportivos Coletivos com as adaptações necessárias.	Queimadas, Pique-Bandeira, Basquetebol, Handebol, Futsal, Voleibol.
Características comuns	Ser capaz de reconhecer as proximidades entre os JEC, observando que todos tem um campo de jogo, um tempo determinado, duas equipes, um alvo a defender, um alvo a atacar e são regidos por regras.	Observação de espaços de jogos; Situações de jogo; Jogos pré-desportivos; Modalidades formais modificadas (como os jogos reduzidos); Modalidades formais.	Prática das modalidades formais ou em versões modificadas variadas em uma mesma aula a fim de evidenciar as semelhanças; Prática de jogos com a mesma lógica comum que os JECs.	Jogos de equipe, jogos de invasão, queimadas, pique bandeira.
Princípios	Reconhecer que há um alvo a	Exercícios;	Situações de	Jogos de equipe em

Operacionais Defensivos	ser protegido e estabelecer estratégias individuais e coletivas para tal; Reconhecer que há uma equipe adversária buscando aproximar-se do alvo e buscar dificultar esta aproximação Ter a atitude de tentar recuperar a bola individual e/ou coletivamente.	Situações de jogo; Jogos pré-desportivos; Modalidades formais modificadas (como os jogos reduzidos); Modalidades formais.	imprevisibilidade onde as ações de proteger o alvo, impedir a progressão do adversário e recuperar a posse de bola sejam exigidas.	espaços modificados, com intervenções do professor enfatizando a defensiva. Situações de superioridade de defensores para facilitar a vivência da defensiva.
Princípios Operacionais Ofensivos	Reconhecer que há um alvo a ser atingido e estabelecer estratégias individuais e coletivas para tal; Reconhecer que é necessário aproximar-se do alvo e que há colegas que compõem uma equipe, sendo o aluno capaz de interagir para chegar ao alvo. Saber preservar a bola em posse de sua equipe.	Exercícios; Situações de jogo; Jogos pré-desportivos; Modalidades formais modificadas (como os jogos reduzidos); Modalidades formais.	Situações de imprevisibilidade onde as ações de manter a posse de bola, aproximar-se do alvo e finalizar sejam exigidas.	Jogos de equipe em espaços modificados, com intervenções do professor enfatizando a ofensiva. Situações de superioridade de atacantes para facilitar a vivência da ofensiva.
Princípios Operacionais de Transição	Reconhecer que, ao recuperar uma bola na defesa é necessário organizar-se taticamente – individual e coletivamente – para organizar o ataque. Reconhecer que, ao perder uma bola para a defesa ou concluir um ataque com sucesso é necessário organizar-se taticamente – individual e coletivamente – para organiza defesa.	Exercícios; Situações de jogo; Jogos pré-desportivos; Modalidades formais modificadas (como os jogos reduzidos); Modalidades formais.	Situações de imprevisibilidade nas quais os alunos vivenciem situações de passagem da defesa para o ataque e do ataque para a defesa.	Jogos de equipe em espaços modificados, com intervenções do professor enfatizando a transição. Situações de superioridade de atacantes ou defensores para facilitar a vivência da transição.
Regras de Ação	Saber comportar-se taticamente em jogos de equipe a partir da estrutura e lógica comuns aos mesmo. Saber ocupar os espaços da quadra. Saber posicionar-se para receber a bola de um	Situações de jogo; Jogos pré-desportivos; Modalidades formais modificadas (como os	Situações de imprevisibilidade onde a organização tática individual e coletiva seja exigida.	Jogos com diversos alvos; Jogos com mais de duas equipes

	companheiro. Saber posicionar-se para pressionar um adversário com posse da bola	jogos reduzidos); Modalidades formais.		
Fundamentos Comuns	Reconhecer a existência dos cinco fundamentos comuns aos JEC – controle de corpo, manejo de bola, passe, drible e finalização – e tê-los como recurso aliado á tática.	Jogos, brincadeiras, exercícios.	Situações preferencialmente de imprevisibilidade onde cada fundamento seja exigido de forma especial.	Pegas, Estafetas, Passa 10, drible entre obstáculos, jogos com alvos , entre outros.
O Basquetebol	Conhecer a história, as regras básicas e lógica de cada modalidade, focando agora suas especificidades, ainda que de forma introdutória.	Exercícios; Situações de jogo; Modalidade formal modificada; Modalidades formais.	Vivência da modalidade específica dentro das condições psico-fisiológicas do aluno de praticar e compreender o jogo.	Basquetebol formal e adaptado.
O Handebol				Handebol formal e adaptado.
O Futsal				Futsal formal e adaptado.
O Voleibol				Voleibol formal e adaptado.
Conhecendo outras modalidades pelo mundo.	Conhecer outras modalidades não praticadas tradicionalmente no Brasil e ser capaz de associá-las a questões culturais.	Exercícios; Situações de jogo; Jogos pré-desportivos; Modalidades formais modificadas; Modalidades formais.	Vivência de modalidades específicas provenientes de outros contextos culturais, dentro das condições psico-fisiológicas do aluno de praticar e compreender o jogo.	Rúgbi, pólo aquático, beisebol, entre outros, no formato oficial e adaptado.
Curiosidades	Dar ao aluno subsídios para que este observe e analise momentos, atitudes e outras situações curiosas nos JECs profissionais.	Interferência verbal do professor, remetendo-se à prática dos alunos ou ao	Ao longo das atividades práticas, aproveitando as situações surgidas ao	Aproveitar-se de ações técnicas dos alunos para reportar-se a atletas da atualidade ou do passado.
Valores de	Ser capaz de observar,			

comportamento	analisar e discutir o esporte e as situações vivenciadas na prática dos JECs, possibilitando a transformação de valores; Ser capaz de estabelecer relações pessoais de valor – tais como cooperação, empatia e respeito – para o desenvolvimento de um jogo coletivo, estabelecendo metáforas com a vida.	livro didático.	longo das mesmas, reportar-se a fatos curiosos e/ou históricos, assim como reforçar para o aluno metáforas existentes entre os JECs e a vida comunitária.	Quando os alunos demonstrarem dificuldade em resolver um problema coletivo do jogo, mostra proximidades com a vida em sociedade e ressaltar valores como respeito e fraternidade, destacando ações cooperativas.
Fatos Históricos	Conhecer momentos importantes para o desenvolvimento dos JECs no Brasil.			
Personagens dos JEC do Brasil	Reconhecer a importância de alguns atletas, técnicos para o crescimento dos JEC no Brasil			

Quadro 1: Possíveis Conteúdos para a prática com Jogos Esportivos Coletivos.

Capítulo 2:

Livro Didático: um mediador no processo de ensino e aprendizagem em Jogos Esportivos Coletivos.

Ao longo deste estudo nos voltamos para a compreensão do esporte e da Pedagogia do Esporte, assim como o tratamento científico destes temas; de forma mais enfática tratamos dos Jogos Esportivos Coletivos, apontando sua origem, definição, características, princípios e possibilidades de abordagem a partir de suas proximidades.

Tendo em vista a abordagem fenomênica do esporte e dos JECs estruturada no capítulo anterior, nos deparamos com um questionamento: como ensinar esta concepção de esporte para crianças? Como tratar das variadas possibilidades educacionais do esporte na contemporaneidade, a partir de sua potencialidade tendo em vista os aspectos físico, cognitivo, afetivo e social? Como levar para a prática do professor que lida com os JECs as teorias que os abordam?

A fim de caminharmos para respostas a tais questões nos aproximamos do objetivo principal deste estudo: propor um livro didático (LD) direcionado a crianças em contato com o esporte e em especial com Jogos Esportivos Coletivos, seja em ambientes de ensino formal ou não-formal.

Já em 1978, Teixeira e Pini acenaram com a idéia de um livro didático voltado para Educação Física no Brasil, na publicação "Aulas de Educação Física: 1. Grau". Neste momento, o foco dos autores era os professores e não os alunos, sendo a proposta de sua obra constituir um manual para professores de Educação Física da 1. a 8. séries, buscando orientá-los metodologicamente. O livro apresenta numerosos exercícios e jogos, assim como seqüências pedagógicas para ensiná-los. Orienta também quanto à organização das aulas, apontando objetivos, formas de divisão, conteúdo programático e plano de ensino, sendo que este deveria englobar três aspectos: um trabalho teórico, o método recreativo-formativo e o método esportivo. Ao longo do livro os autores apresentam inúmeras propostas para a prática do que chamaram de métodos recreativo-formativo e esportivo, entretanto, nenhuma proposta foi feita para fomentar o trabalho teórico.

Em 1981, entretanto, o professor Hudson Ventura Teixeira desenvolveu um livro para organizar o trabalho teórico em Educação Física, o chamado "Trabalho Dirigido de Educação Física", ou TDEF. O foco estava no conteúdo Esporte, dividindo o trabalho do professor de EF em temporadas de basquetebol, voleibol, handebol e atletismo, além de uma abordagem rápida acerca do futebol e da "ginástica feminina". O livro do aluno trazia uma linguagem adequada ao mesmo, com alguns textos explicativos e atividades escritas como caça-palavras e questões de múltiplas escolhas. A abordagem do esporte é ainda bastante centrada na técnica e nos modos de

execução dos fundamentos, coerente com os métodos de ensino e aprendizagem do esporte difundidos na época.

Em 1999, Carmo, ao estudar o futebol, identificou que a literatura já abarcava diversas propostas para a prática com a modalidade. Entretanto, o autor apontou as intervenções na prática como insuficientes para explorar todas as possibilidades educacionais do futebol, sugerindo um livro didático para a modalidade. Carmo (1999) afirma ter utilizado um protótipo deste material com alunos de “Escolinhas de Futebol” no Rio de Janeiro, porém não apresenta, neste estudo, uma avaliação do uso do LD neste processo.

Retomando nossa proposta de construção de um LD que trate dos JECs, voltado para o aluno, faz-se necessário nos aprofundarmos no estudo do Livro Didático, a fim conhecermos este instrumento para podermos construí-lo com maior competência. Isto foi possível através da aproximação de autores ligados à lingüística; ao longo desta pesquisa bibliográfica, nos deparamos com Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004), autores franceses que apresentam exigências para o ensino de expressão oral e escrita que transferimos para o Esporte, buscando sobretudo apresentar pressupostos para a construção de um modelo de ensino de dos JECs com a presença do LD, sendo aqui apontadas algumas, tais quais:

- Permitir o ensino dos JECs a partir de suas semelhanças, mas sem desconsiderar as diferenças que caracterizam cada modalidade que compõem este grupo;
- Oferecer um material de apoio escrito rico em textos de referência, nos quais os alunos possam apoiar-se para construir suas próprias reflexões e conclusões,
- Que este material escrito apresente-se, preferencialmente, em módulos, para permitir uma diferenciação de ensino;
- Favorecer a elaboração de projetos em grupo, com a interação de toda a classe;
- Centrar-se, de fato, nas dimensões práticas e teóricas dos JECs, enfatizando as possibilidades de aprendizagem social;

A partir de tais pressupostos, reforçamos a opção pelo livro didático, por suas características pedagógicas, que serão mais bem abordadas ao longo deste capítulo e em especial pela importância que a mediação do professor tem no uso deste gênero literário. Esta proposta não pretende ser única ou dar conta de todas as possibilidades de ensino e aprendizagem dos JECs, mas, com ênfase no estudo do livro didático e suas possíveis contribuições para o processo de ensino e aprendizagem do esporte e em especial dos JECs, pretende-se oferecer múltiplas

situações de leitura, fala e de prática envolvendo os JECs, a fim de criar um ambiente de ensino e aprendizagem capaz de lidar com a complexidade do fenômeno.

Esta proposta envolve a transposição de conhecimentos construídos em uma linguagem adulta e, muitas vezes acadêmica, para uma linguagem infantil, desafio que buscaremos atender no terceiro capítulo deste estudo. Neste segundo capítulo, pretende-se fundamentar a possibilidade de contribuir para que crianças e pré-adolescentes conheçam o Esporte e compreendam suas manifestações a partir de textos, expressando-a na prática esportiva ou enquanto espectador do esporte, tanto no ambiente de ensino e aprendizagem como no cotidiano além deste.

2.1 LIVRO DIDÁTICO: SURGIMENTO, PERCURSO E DEFINIÇÃO.

Historicamente, o livro didático insere-se no contexto da literatura escolar, cuja natureza é complexa, já que tem origem no cruzamento de três gêneros: inicialmente, na literatura religiosa; entre os anos de 1760 e 1830, na Europa, a literatura didática, técnica ou profissional que se apossou da instituição escolar; por fim, surge a literatura de lazer, de caráter tanto moral quanto recreativo, que na literatura escolar mais recente foi incorporada pelo seu dinamismo e características consideradas essenciais. Essas categorias não são consideradas excludentes, mas ao contrário, é comum percorrermos um mesmo texto, como destaca Choppin (2004, p.552): “Essas questões fronteiriças suscitaram uma literatura abundante, que apresenta diferentes respostas, segundo o lugar, a época e, até mesmo, a sensibilidade dos pesquisadores ou do ambiente político, religioso ou cultural em que trabalham.”

No ocidente cristão, o surgimento da literatura escolar se dá em um clima de constituição e organização das instituições religiosas, responsáveis então pela educação. Apesar do clima de rivalidade e do fortalecimento destas instituições em regiões distintas que dariam origem a diferentes nações:

(...) os objetivos, conteúdos e métodos de ensino deveriam ser sempre revestidos de uma dimensão “supranacional” sendo os mesmos produtos editoriais que, importados ou, mais tarde, produzidos no próprio local, se encontrariam em diferentes regiões da Europa ou do mundo onde floresceram associações de educadores. (CHOPPIN, 2004,p.554).

Mas, no século XIX, com os Estados nacionais recém-constituídos, estes tomam o livro escolar como um símbolo da soberania nacional e reivindicam seu papel na formação das novas

gerações passando a substituir (total ou parcialmente) a família e as autoridades religiosas. Entretanto, embora símbolos de uma nova nação, os impressos didáticos nas antigas colônias (como o Brasil) foram adotados a partir de modelos educativos europeus ou neles se inspiraram para regulamentar, controlar, elaborar, produzir, distribuir e utilizar obras de cunho didático.

Aprofundando nas funções dos LDs, Choppin (2004, p.553) elege quatro delas consideradas essenciais, que podem variar segundo o ambiente sociocultural, a época, as disciplinas, os níveis de ensino, os métodos e as formas de utilização. São elas:

1. Referencial (ou curricular ou programática): o LD é uma fiel tradução do programa, “suporte privilegiado aos conteúdos educativos, o depositário dos conhecimentos, técnicas ou habilidades que um grupo social acredita que seja necessário transmitir às novas gerações”.
2. Instrumental: o LD “põe em prática métodos de aprendizagem, propõe exercícios ou atividades que, segundo o contexto, visam facilitar a memorização dos conhecimentos, favorecer a aquisição de competências disciplinares ou transversais, a apropriação de habilidades, de métodos de análise ou de resolução de problemas, etc.”.
3. Ideológica e Cultural: é a função mais antiga e surge com a constituição dos estados nacionais, é uma forma de transmitir e fortalecer a língua, cultura e valores das classes dirigentes, constituindo um instrumento privilegiado de construção de identidade, tendo importante papel político e sendo reconhecido como símbolo nacional, tal qual a moeda e a bandeira. Entretanto, Choppin nos alerta para a constatação de que toda controvérsia é deliberadamente eliminada da literatura escolar e do perigo desta, uma vez que o trato com uma única versão de um determinado fato diminui a possibilidade de desenvolvimento do senso crítico do aluno; também tende a excluir as necessidades e valores regionais do processo de ensino e aprendizagem.
4. Documental: o LD pode fornecer um “conjunto de documentos, textuais ou icônicos, cuja observação ou confrontação podem vir a desenvolver o espírito crítico do aluno”. Mais recente esta função se faz presente apenas em ambientes pedagógicos que privilegiem a autonomia dos alunos e dão suporte a um elevado nível de formação dos professores.

Quanto à tipologia de textos impressos escolares, Batista (2000, p.544 e 545), ao estudar a análise sobre a produção editorial francesa destinada à escola feita por Choppin (1992) encontrou quatro tipos principais, que se estruturam em categorias bastante próximas da produção brasileira:

- (1) Os manuais e seus satélites: são os utilitários de sala de aula, apresentando os conteúdos de uma determinada disciplina de forma articulada e progressiva, referendando-se a um programa preciso, cujos conteúdos são apresentados ao aluno sob a forma de lições ou unidades claramente organizadas, podendo seu uso ser em sala de aula sob mediação do professor ou pelo aluno em casa.
- (2) As edições clássicas: englobam, de forma geral, clássicos da literatura comentados ou complementados para uso didático em sala de aula.
- (3) Obras de referência: são impressos auxiliares considerados um tipo “híbrido”, cuja destinação não é exclusivamente escolar. Constituem “complementos, freqüentemente indispensáveis, ao ensino e ao aprendizado e cuja utilização individual, na escola ou em casa, não se limita a uma série, mas se estende por todo um ciclo ou grau de ensino, ou por toda a escolarização do aluno” (Choppin, 1992, p.16⁶)
- (4) Os paraescolares ou paradidáticos: tidos como “auxiliares facultativos da aprendizagem”, tem utilização paralela aos manuais didáticos, resumindo, intensificando ou aprofundando temas de estudo.

Considerando as funções e tipologias de impressos escolares apresentados por Choppin, neste estudo adotamos como gênero o livro didático (LD), que será apresentado (embora não finalizado) no capítulo final desta dissertação; este sistematizará um conjunto de atividades para o ensino de Jogos Esportivos Coletivos, podendo ser utilizado tanto no ensino formal como não formal. Quanto à tipologia, observamos ao longo da construção do LD que não nos encaixávamos em nenhum dos tipos propostos por Choppin, sendo utilizados elementos dos manuais, das obras de referência e também dos paradidáticos, facilitando a abordagem de diversos temas paralelos à prática do professor na quadra de esportes através de diferentes estímulos via livro didático, este funcionando como um complemento da prática.

Assim sendo, faz-se importante buscarmos definições atuais para Livro Didático (LD). Lajolo (1996, p.4 e 5) nos descreve que o LD é:

⁶ apud BATISTA 2000

(...) o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista esta utilização escolar e sistemática. (...) é instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal. (...) para ser considerado didático, um livro precisa ser usado, de forma sistemática, no ensino-aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento humano, geralmente já consolidado como disciplina escolar. (...) ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado por um professor.

Munakata (1999, p.579), a partir da descrição acima apresentada, caracteriza o LD como um tipo de livro que é transportado diariamente, ao menos no percurso casa-escola-casa e consultado semanalmente. Destaca que o leitor se relaciona com este material mais numa perspectiva de uso do que de leitura e que seu uso se dá em uma situação particular, no “*ensino e aprendizagem*”. Na escola é lido do professor para o aluno, pelos alunos em conjunto, pelo aluno sozinho e pelo aluno na execução e exercícios e tarefas propostas.

Observa-se, assim, que o Livro Didático é um material editorial elaborado para a utilização em situações de ensino e aprendizagem, que é legitimado por sistematizar o conhecimento a ser estudado em uma situação de aprendizado coletivo e orientado por um professor.

Reforçamos a afirmação de Lajolo (1996) de que o LD “é passível de ser usado na situação específica da escola”. Pensando em um LD que tenha como conteúdo específico o Esporte e os Jogos Esportivos Coletivos, fortalecemos aqui que este também será passível de uso em outros ambientes de aprendizado coletivo, como as escolas de esportes ou outros centros de iniciação esportiva.

Uma discussão atual que envolve o LD é sua concepção enquanto suporte de ensino (assim como podem ser as revistas, jornais, sites, entre outros) ou como um gênero textual. A respeito da concepção de gênero, nos remetemos a Bunzen⁷, que trabalha com autores e definições a este respeito:

Uma definição de gênero teoricamente bem fundamentada, segundo Miller (1994:23), “deve ser centralizada não na substância ou na forma do discurso, mas na ação cuja realização se dá através do gênero utilizado”. O interesse dos estudos sócio-retóricos não é descrever elementos textuais, mas explicar como os gêneros respondem a diferentes exigências retóricas (Coe, 1994 a e b), enfatizando-se o contexto e o uso. Em suma, os gêneros são vistos como formas de **ação social** e **discursiva** (Miller, 1984).

⁷ “O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna”.

Neste estudo, consideraremos os Livros Didáticos como um gênero textual, considerando que o LD é construído de forma sistematizada, por um autor tendo como alvo alunos e/ou professores, ou seja, há uma ação a partir do LD em um determinado contexto e uso. Assim, o LD não é um suporte, mas sim um gênero que se concretiza fisicamente através do suporte Livro. Mais que isso, o LD, em seu interior, não se limita a apenas um gênero, mas constitui-se em uma intercalação de gêneros, característica que consideramos positivas, uma vez que ainda que os textos escolares, em sua maioria, se apresentem suportados na forma impressa (como aponta Batista 2000), trazem diferentes gêneros ao longo de seus textos, proporcionando ao aluno conhecer e relacionar-se com os mesmos.

2.2 LIVRO DIDÁTICO: DO PROFESSOR PARA O ALUNO AO PROFESSOR-ALUNO

As abordagens atuais de LDs, como veremos neste capítulo, os tratam como um livro de uso conjunto entre professor e aluno e que a ausência de um destes dois elementos o descaracterizaria. Entretanto, nem sempre foi assim.

Em análise da produção didática brasileira, Batista (2000) nos remete a Bittencourt (1993) que mostrou que, até o século XIX, o LD se destinava propriamente ao professor, assegurando a este o domínio do conteúdo a ser transmitido ao aluno através de ditados, cópia de trechos da lousa ou leituras do professor para os alunos, que não tinham acesso a exemplares pessoais. Somente ao longo deste mesmo século é que os livros passaram a ser direcionados para as crianças ou adolescentes, sendo necessário o estabelecimento de estratégias de uso deste material. Batista (2000) nos traz uma dimensão interessante acerca do uso dos textos ou impressos didáticos na escola, afirmando que estes propõem uma espécie de “contrato de leitura”, supondo que os leitores o aceitarão. Estes contratos “ensejam diferentes modos de estruturação e organização do material didático, assim como diferentes modos de articulação com o trabalho pedagógico e os processos de ensino e formação” (BATISTA, 2000, p.544).

Complementa o autor:

(...) ao lado da diversidade das funções assumidas pelos textos e impressos didáticos, uma outra dimensão do “contrato” que propõem, para sua leitura ou utilização, diz respeito aos leitores a que se destinam e ao modo pelo qual seus movimentos de leitura ou utilização são previstos.

O professor e o aluno se alternaram, historicamente, como leitores visados pela produção didática e, contemporaneamente, essa alternância parece ter se transformado

em duplicidade, apesar da separação do exemplar do professor e do aluno em boa parte das coleções. (BATISTA, 2000, p.550)

Até a década de 1970, os impressos didáticos constituíam um complemento à ação do professor. Com a ampla modernização ocorrida no setor de manuais didáticos no Brasil ao longo dos anos 60 e 70 “os manuais tendem a se organizar como estudos dirigidos, propondo não apenas uma seleção do conteúdo a ser ensinado, mas também um modo de distribuí-lo no tempo escolar” (BATISTA, 2000, p.552)

Batista ressalta que o modelo de LD que prevalece é aquele dirigido ao aluno, o que se evidencia na organização e na linguagem dos textos e impressos, no prefácio e apresentação dos livros, assim como nos exercícios, atividades e instruções. Entretanto, o autor ressalta a dependência da mediação do professor, uma vez que é ele quem seleciona e indica a aquisição; também é ele quem organiza o trabalho de sala de aula, tendo como base o LD, de onde o professor “seleciona os conteúdos ou saberes, as atividades e formas de exercícios a serem desenvolvidas, a progressão que, à transmissão desses saberes, será atribuída” (BATISTA, 2000, p.551)

Assim, ressalta-se a importância não apenas do “contrato” de uso embutido no LD, mas especialmente da forma como o professor introduz o LD nas aulas, como o professor integra o LD a sua prática pedagógica:

(...) a produção didática possui uma grande diversidade e instabilidade, tendo em vista seus suportes materiais, seus meios de reprodução e seu processo de produção” (...) que “se manifestam, também, nos “contratos” de leitura e utilização que essa produção propõe e nos diferentes modos pelos quais esses “contratos” se articulam com o trabalho pedagógico, em sala da aula: na *funções* que buscam preencher, nos leitores que buscam alcançar, na *modalidade de relação* que buscam construir entre aqueles que os utilizam e entes esses e os objetos de conhecimento.

Embora esses livros de fato expressem valores e modos de relação com os conhecimentos, não o fazem por *si*; seus efeitos de sentido, suas conseqüências pedagógicas e cognitivas são *produzidos* e não se oferecem de modo transparente. (BATISTA, 2000., p.553)

Observa-se, no acima exposto, a importância da mediação que o professor faz em relação ao aluno e o LD, ou seja, de quais procedimentos pedagógicos o professor vai se valer na utilização do LD, já que, como reforça Munakata (1999, p.579), a relação professor-aluno no uso do LD é tão peculiar que “se um aparecer sem o outro pode-se até mesmo dizer que o livro didático deixa de sê-lo. Esses leitores, além disso, mantêm entre si certa relação de poder: mesmo que o leitor final seja o aluno, não cabe a este escolher o livro”.

Mais uma vez enfatiza-se a importância do professor, já que além de mediar o uso do LD é ele quem o seleciona, adota e integra ao cotidiano das aulas. A este respeito, aborda Lajolo (1996, p.4-5):

Por tais razões, o livro didático dirige-se, simultaneamente, a dois leitores: o professor e o aluno. [...]

[...] o professor torna-se uma espécie de leitor privilegiado da obra didática, já que é a partir dele que o livro didático chega às mãos dos alunos.

Desta forma, o LD é um instrumento do processo de ensino e aprendizagem mediador da relação professor e aluno dentro de uma disciplina específica da educação formal, que é escolhido e mediado pelo professor e não apenas lido, mas usado pelo aluno. Assim, não basta um bom material didático, é necessária uma formação adequada ao professor para que este possa utilizá-lo a partir de seu planejamento e ao longo da construção de sua prática, e não como o seu planejamento e a sua prática.

Embora centrado na relação professor-aluno, os livros didáticos fazem parte de um sistema complexo, onde outros agentes inserem-se. Assim, segundo Choppin (2004), na elaboração (documentação, escrita, paginação, etc.), realização material (composição, impressão, encadernação, etc.), comercialização e distribuição de produções escolares (que envolve edições estatais, procedimentos de aprovação prévia, liberdade de produção, etc.), e, dentre elas, os LDs, são necessárias equipes especializadas em cada área e financiamentos que viabilizem os projetos. Agregam-se, então, os professores, pais, sindicatos, associações, técnicos, bibliotecários e outros agentes que se inserem no momento da escolha, adoção, modo de consumo, recepção e descarte dos LDs, além dos alunos que, juntamente com os professores, os utilizam. Temos, assim, uma visão sintética dos variados elementos que compõem o sistema complexo dos LDs, muito embora não trataremos desta diversidade neste estudo.

Tendo em vista esta diversidade de sujeitos envolvidos desde a concepção até a adoção de um determinado LD, destaca-se mais uma vez o papel do professor e competência que este deve ter ao trabalhar com LDs, sendo necessária uma postura crítica, que nos remete a importância da formação do professor para a elaboração de projetos de ensino-aprendizagem e para seleção de objetivos de ensino, que, como aponta Rojo (1999, p.7) esta prática “tem sido substituída nas últimas décadas no Brasil, pela simples adoção de um livro didático que passa a ditar os objetivos de ensino e a configurar o projeto de ensino-aprendizagem”.

Vale ressaltar que não se pretende que este LD padronize procedimentos pedagógicos para o processo de ensino e aprendizagem de JECs; ao contrário, o LD aqui proposto deve ser agregado aos procedimentos que o professor já aplica, de acordo com a instituição a que este se vincula. Ainda neste sentido é que nos preocupamos em explicitar os conteúdos a serem trabalhados neste LD, acompanhados das competências que se pretende estimular com os mesmos, assim como os objetivos de abordá-los, o que será feito no capítulo 3.

2.3 A CONCEPÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS E A IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE

As Universidades exercem importante papel na análise, estudo e avaliação das obras didáticas nacionais, como apontam Batista e Val (2006), afirmando que essa iniciativa corresponde a uma demanda que, desde 1960, denunciou o caráter discriminatório, a desatualização, as incorreções conceituais e as insuficiências metodológicas dos livros adotados nas escolas. Entretanto, as Universidades não têm assumido a responsabilidade de elaborar tais obras.

A elaboração de LDs tem ficado a cargo de professores, muitas vezes em parceria com editoras, as quais podem ter interesses comerciais acima dos educacionais.

Munakata (1999, p.583), apresenta o depoimento de 16/12/1996 do autor de LDs Gilberto Cotrim; este destaca que o autor, quando um autor também professor, “produz o material centrado na sua experiência direta, [...] na sua sala de aula. Se ele trabalha numa escola particular, tem uma visão de aluno, aluno seu. Ele não tem uma visão mais ampla, de aluno de escola pública”.

Desta forma, a representação deste “aluno médio” pauta-se em um saber prático daqueles que trabalham na produção de LDs, sem um rigor científico para esta sistematização, já que, como afirma Munakata (1999), as poucas pesquisas ligadas aos LDs focam o texto e sua análise, em detrimento dos personagens que utilizam e dão vida aos mesmos. Ou seja, não há estudos que indiquem ou proponham métodos e estratégias para elaboração de LDs considerando a diversidade de sujeitos que usufruirão os mesmos, ficando o autor livre em demasia para a elaboração a partir de seus princípios e valores, sem um respaldo científico adequado.

No campo editorial, Munakata (1999) também recorre ao depoimento de profissionais de editoração, uma vez que “não se pode esperar pelo veredicto da ciência”, que tarda em estudar os

LDs em sua complexidade. Os depoimentos destacam a necessidade do trabalho editorial de adequar-se às expectativas do leitor final, a criança no caso de 1ª à 4ª séries e ao adolescente, quando tratamos dos alunos entre a 5ª e 8ª séries; desta forma, cabe ao autor entrar no mundo do leitor, considerar o “mundo livre” da criança e as expectativas de questões ligadas ao comportamento de adolescentes, que já estão mais correntes na leitura e possibilitam a exploração de temas mais concretos, permitindo a utilização de tipologia mais sofisticada; além disso, quanto mais avançada a série maior a possibilidade de interação do aluno com o livro, com uso de recursos como a tarja e os boxes (lembretes e quadros interativos), que permitem maior interação entre o aluno e o livro. Ainda no campo editorial, há um cuidado com a adequação da linguagem, de temas e adequações sociais, observando se os textos reforçam preconceitos, por exemplo; observa-se, ainda, se os problemas abordados e questões propostas estão compatíveis com o aluno que vai usar o material. Nota-se, a partir dos depoimentos, que na editoração - ao contrário das pesquisas – o foco não está no texto, mas em quem vai utilizá-lo, o aluno.

Assim sendo, tendo em vista a quase ausência de publicações didáticas em educação física para uso dos alunos, assim como da desconsideração desta disciplina pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e do uso deste tipo de recurso não ser uma prática comum no ambiente esportivo não formal, apresentamos neste estudo situado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, uma Universidade pública, a iniciativa de além de estudar o esporte (Fenômeno sócio-cultural presente na escola e em outras instituições sociais) e os JECs (tendo em vista a criança que se relaciona com os mesmos no ambiente formal ou não-formal), propormos um livro didático tematizando-os, explorando as condições ótimas de estudo, pesquisa e produção científica a serviço da comunidade não apenas para avaliar, mas também para propor material didático.

Desta forma, a partir do referencial teórico aqui proposto, construído a partir de cursos ministrados na Faculdade de Educação Física, Faculdade de Educação e Instituto de Estudos de Línguas da UNICAMP, usufruindo a pluralidade de conhecimentos ofertados por uma Universidade deste porte, apontamos, a seguir, para a construção de um livro didático abordando o Esporte e os JECs.

2.4 LIVRO DIDÁTICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: JUSTIFICATIVA E CONCEPÇÃO

Choppin (2004) afirma que “a concepção de um livro didático inscreve-se em um ambiente pedagógico específico e em um contexto regulador”. No nosso caso, este ambiente pedagógico refere-se às aulas de Educação Física que tem como conteúdo principal os Jogos Esportivos Coletivos, sendo considerados tanto o ambiente formal como o não formal. Já em relação ao contexto regulador, mesmo não sendo a disciplina de Educação Física alvo da avaliação PNL, pautaremos nossa construção em alguns critérios do mesmo, uma vez que objetivamos expandir o material aqui produzido para a maior parte do território nacional, sendo necessário estarmos adequados às normas e critérios do programa, que, como vimos, são a adequação didática e pedagógica, a qualidade editorial e gráfica e a pertinência do manual do professor. Entretanto não pretendemos abranger todos estes domínios, até porque parte deles necessita de intervenção editorial, o que se pretende em um momento posterior. Assim, nosso foco está na adequação didática e pedagógica.

Ao propormos um material didático, não podemos desconsiderar as idéias e ideais do(s) autor(es). A partir da análise dos estudos ligados ao material escolar, Choppin (2004, p.557) concluiu que há uma ruptura entre a ficção e o real pelas intenções dos autores:

[...] a imagem da sociedade apresentada pelos livros didáticos corresponde a uma reconstrução que obedece a motivações diversas, segundo época e local, e possui como característica comum apresentar a sociedade mais do modo como aqueles que, em seu sentido amplo, conceberam o livro didático gostariam que ela fosse, do que como ela realmente é. Os autores de livros didáticos não são simples espectadores de seu tempo: eles reivindicam um outro status, de agente. O livro didático não é um simples espelho: ele modifica a realidade para educar as novas gerações, fornecendo uma imagem deformada, esquematizada, modelada [...].

A fim de esclarecer nossos ideais e valores, preocupamo-nos em explicitar, no texto da dissertação, um referencial teórico amplo, que buscará não apenas enumerar conteúdos para um livro didático, mas externar as concepções dos autores acerca do Esporte e dos Jogos Esportivos Coletivos, considerando sua natureza educacional e configuração complexa.

Não nos omitimos da responsabilidade que assumimos em propor um “modelo”, um caminho para o professor atuar em JECs. No entanto, faz-se necessário ocupar o papel da estruturação da aula de Educação Física tendo como tema o esporte, seja em qualquer cenário, uma vez que os professores parecem estar sendo omissos a esta estruturação, ocasionando em

aulas denominadas “rola bola”, sem objetivos maiores propostos pelo professor a serem alcançados por meio das aulas por ele elaboradas. Entretanto, esperamos que o livro didático aqui proposto seja apenas uma orientação, um ponto de referência para que os professores enriqueçam ainda mais suas aulas a partir das sugestões do livro e não que este seja um fim, um substituto do papel gerenciador do professor e não só o de mediador entre o livro e o aluno, especialmente porque o LD tende a refletir as idéias do autor e não da categoria professores de Educação Física, como vimos nos tópicos anteriores.

Vários fatores poderiam explicar este cenário de negligência que tem sido esboçado em relação às aulas de Educação Física e Esporte, como a formação superior que não tem se mostrado suficiente ou competente a isso; a falta de estrutura para o profissional trabalhar; a falta de continuidade dos estudos dos professores após a formação superior; o restrito acesso ao material científico produzido nas Universidades e a falta de intercâmbio destas com a prática, entre outros. Entretanto, analisarmos estas e outras hipóteses seria um tema para um novo estudo. Sendo assim, nos remeteremos a autores que se dedicaram a esta análise.

Paes (2001, p.10) afirma que as discussões e avanços acadêmicos têm sido intensos na área da educação física escolar, ficando, entretanto, distantes do cotidiano do professor que atua na escola. Em pesquisa realizada em 1996, o autor observou o professor de educação física no ensino fundamental a partir de três parâmetros: (1) considerações técnicas, ligadas ao conhecimento do esporte na escola; (2) formação profissional, buscando analisar como os professores qualificavam sua formação na graduação e a formação após a graduação, assim como se as pesquisas realizadas na área de educação física têm produzido efeitos nas aulas dos professores; (3) as condições de trabalho do professor, procurando verificar o espaço físico e material didático disponível ao professor.

Alguns dados da pesquisa de Paes nos mostram a relevância deste estudo de mestrado, embora nesta pesquisa não estejamos nos restringindo ao ambiente formal de ensino. O autor percebeu uma necessidade em que os professores procurem acessar trabalhos que possam ser aplicados na prática, a fim de que mudanças possam de fato acontecer; sinaliza também para a necessidade de serem ofertadas ao professor de Educação Física subsídios pedagógicos para o trato com o esporte. E este é um dos objetivos deste estudo, oferecer um facilitador pedagógico para o professor de Educação Física no trato com o Esporte.

Paes (2001, p.65) aponta a importância da escola na democratização do acesso ao esporte, desde que sistematizado como um conteúdo da Educação Física, o que justifica nossa inclusão deste cenário de manifestação do esporte ao lado da iniciação esportiva em nosso estudo:

O importante (...) é a promoção de igualdade social, atendendo a todos, principalmente aos alunos que não tem condições de freqüentar clubes ou academias onde o esporte também é oferecido. A promoção de talentos também poderá ocorrer, mas como consequência e não como objetivo (...) Assim, estaremos possibilitando a criação de uma clientela crítica para o esporte brasileiro, carente de dirigentes esportivos, jornalistas especializados, árbitros preparados e (...) espectadores informados e atualizados.

A fim de contribuir para esta sistematização, nossa opção estratégica para atingir tal propósito foi a elaboração de um livro didático voltado para o aluno, a partir de uma revisão bibliográfica.. Corremos o risco de que o professor não planeje sua aula, mas siga o livro didático; neste caso, cremos que estaremos atingindo aqueles professores que não se sentem seguros, preparados ou com os conhecimentos necessários para organizar as aulas e acreditamos que seria um avanço, já que ao menos estes passariam a utilizar uma sistematização, ainda que de fora para dentro, e não a partir e com os alunos.

Quanto ao conteúdo, o LD aqui proposto não se estenderá a todos os conteúdos da Educação Física, como lutas, dança, ginástica, circo, saúde coletiva, entre outras. Focaremos nossa proposta no esporte e, de forma mais específica, nos Jogos Esportivos Coletivos. Certamente novos estudos e novas propostas como esta serão necessárias, abordando outros conteúdos, para que as necessidades da escola e outras instituições que tratem com o esporte sejam atendidas.

Reportando-nos novamente à pesquisa realizada por Paes (2001) em 1996, cabe apontarmos algumas constatações feitas pelo autor a partir da observação da realidade da Educação Física no Ensino Fundamental de escolas municipais de Campinas-SP. Os professores entrevistados afirmaram que o curso superior foi importante em sua formação, porém insuficiente. Segundo Paes, este relato aponta um problema na formação profissional e sinaliza para a importância de “buscarmos alternativas na direção de proporcionar uma formação continuada aos profissionais”.

A pesquisa revelou também que a maioria dos professores trabalhava com o conteúdo esporte, valendo-se dos conhecimentos adquiridos na graduação; constatou-se uma maior ênfase

em quatro modalidades esportivas coletivas, na seguinte ordem: futebol, voleibol, basquetebol e handebol. Esta opção pode ser justificada por uma questão de cunho cultural em nosso país e, a partir dela, são sinalizadas duas preocupações: uma em ampliar os conteúdos abordados pela Educação Física no Ensino Fundamental e outra em aprofundarmos os estudos que dão um tratamento pedagógico ao esporte e em especial aos JECs, para que estes sejam abordados adequadamente. Os professores afirmaram, ainda, que tem como estratégia de ensino aulas teóricas e práticas.

Paes também se atenta ao Esporte em ambientes de educação não-formal, referindo-se aos clubes – local bastante comum de iniciação esportiva no Brasil – apontando alguns equívocos deste processo, como a oferta do Esporte de forma fragmentada, concebendo como objetivo final da iniciação esportiva a promoção de talentos, o que induz a procedimentos inadequados neste momento da formação do aluno, talvez futuro atleta, certamente futuro cidadão e neste momento criança ou adolescente, com características e necessidades próprias, diferentes do adulto profissional do esporte. Paes (2001) nos alerta para o fato dos clubes oferecerem um elenco variado de modalidades no momento da iniciação, as chamadas “escolinhas”, que oferecem modalidades formais e específicas já desde um primeiro contato com o Esporte, em detrimento de uma prática geral, que contemple as necessidades das crianças iniciantes e projete um trabalho em longo prazo, em que diferentes conteúdos possam ser abordados ao longo de um processo longitudinal.

Reforçando a importância das agências não formais de ensino do esporte enquanto fomentadoras do mesmo, no remetemos a Montagner (1993) que ilustrou o crescimento e evolução dos clubes, escolas de esportes e academias, assim como a ampliação da atuação destes segmentos na sociedade. Retomando Paes (2001, p.18), este visualiza o contexto não formal como um caminho para uma continuidade do processo de educação pelo esporte que se iniciou no ensino formal.

É a partir deste contexto que reforçamos a importância de um material didático que trate dos JECs sob a luz da Pedagogia do Esporte, a fim de oferecermos ao professor um referencial que una a prática do esporte com o seu estudo teórico, abordando não apenas as questões técnico-táticas, mas também aquelas ligadas à percepção dos valores morais e questões educacionais vivenciadas pelos alunos na prática do esporte.

Voltando o foco ao fenômeno esporte quando abordado no contexto escolar, Paes (2001) afirma que o binômio Educação Física/Esporte gerou alguns equívocos, destacando o tratamento dado pela escola ao esporte, que durante as décadas de 1970 e 80 oferecia o Esporte *de forma fragmentada, repetitiva e seletiva*, sem grandes preocupações educacionais, contribuindo pouco para o desenvolvimento do aluno enquanto cidadão, que é uma das principais metas da escola, como também destaca Betti (1991, p.100), referindo-se ao período a partir das décadas de 1960 e 70 quando a Educação Física e o esporte passam a confundir-se.

O período assinalou a ascensão do esporte à razão do Estado e a inclusão do binômio Educação Física/Esporte na planificação estratégica dos governos. Ocorreram também profundas mudanças na política educacional e na Educação Física Escolar, que se subordinou ao sistema formador de recursos humanos para a Educação Física e o Esporte.

Paes destaca que esta prática ainda pode ser verificada na escola, onde muitas vezes a prática do esporte é feita com fim em si mesma, não como um caminho para a educação do cidadão.

Assim, os métodos adotados para o trato com o esporte e em especial com os JECs, tanto na escola como na iniciação esportiva não-formal, são aqueles de abordagem mais reducionista, pautados na repetição de gestos tidos como corretos e no jogo, ao qual o aluno deve adequar-se (princípio analítico-sintético). Os procedimentos dos professores também tendem a ser mais voltados para a correção de gestos técnicos e na oferta de respostas prontas aos alunos acerca dos problemas que surgem nos jogos, isto quando não nos deparamos com a triste realidade do “rola bola”, na qual o papel do professor se reduz a oferecer o material para que os alunos pratiquem a modalidade de sua preferência, geralmente o futebol ou voleibol.

Como contraponto, temos os métodos pautados no princípio global-funcional, que focam o ensino dos JECs através de jogos, em detrimento das séries de exercícios, a fim de deparar o aluno com os problemas e conflitos que os jogos oferecem; aqui, não é o aluno que se adapta ao jogo, mas é o professor quem adequa o jogo aos alunos. Quanto aos procedimentos dos professores, espera-se que estes estimulem os alunos a identificar, analisar, propor e testar soluções para os problemas dos jogos, individual e/ou coletivamente, dando espaço para a formação da autonomia e atentando-se para as possibilidades educativas do esporte.

A fim de contribuir para que a prática dos professores de Educação Física no trato com os JECs esteja mais próxima desta segunda abordagem é que propomos o livro didático – dentre

outros objetivos – apresentando as proximidades dos JECs, suas características comuns, regras de ação, gestos técnicos, assim como das características das quatro modalidades mais disseminadas no Brasil: o futsal, o voleibol, o basquetebol e o handebol.

Ainda nos atentando às reflexões de Paes (2001, p.40), observamos como deve ser o tratamento do esporte na escola, ressaltando mais uma vez as possibilidades de aproximação entre o esporte escolar e o esporte de iniciação:

(...) o esporte, como conteúdo da Educação Física na escola, deverá ser oferecido de forma que o aluno possa compreendê-lo integralmente, conhecendo suas diferentes modalidades; seu ensino deverá abranger conhecimentos teóricos e práticos, dando oportunidade ao aluno de aprender e vivenciar seus fundamentos, compreender suas regras, bem como conhecer sua história e evolução.

É possível, a partir do acima exposto, apontarmos para a importância que o LD pode ter na Educação Física quando esta trata o esporte e em nosso caso dos JECs enquanto um conhecimento, portanto dotado de conteúdo de ensino. Soares et al. (1992) apontam seis princípios que devem ser considerados no processo de seleção de um conteúdo: (1) relevância cultural dos conteúdos, (2) contemporaneidade do conteúdo, (3) adequação às possibilidades sócio-cognitivas do aluno, (4) simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade, (5) espiralidade da incorporação de referências do pensamento e (6) provisoriade do conhecimento. Tendo em vista estes aspectos, situamos os JECs enquanto conteúdo de ensino como pertinente a partir do 3º ciclo do Ensino Fundamental, no momento inicial de um processo sistematizado de ensino e aprendizagem dos JECs tanto no ensino formal como não-formal

Desta forma, o estudo dos JECs acompanhado de um livro didático permite ao aluno ter contato, de forma mais sistematizada, com a história e evolução do esporte enquanto fenômeno e de modalidades esportivas; pode ter acesso às regras a partir de uma linguagem mais adequada, diferente daquela utilizada nos livros de regras oficiais das federações e confederações esportivas; pode conhecer os fundamentos, ou seja, diferentes possibilidades técnicas, mas sem desvinculá-los da tática, das estratégias de jogo, já que consideramos os fundamentos como ferramentas para se resolver os problemas propostos pelo jogo, portanto, incluídos no jogo e não maiores que este.

Betti (1992, p.286) também aborda a Educação Física em sua função pedagógica, onde observamos mais uma vez as possibilidades de contribuição de um LD para o processo de ensino e aprendizagem em JECs:

Não Basta correr ao redor da quadra; é preciso saber por que se está correndo, como correr, quais os benefícios advindos da corrida, qual intensidade, frequência e duração são recomendáveis. Não basta aprender as habilidades motoras específicas do basquetebol; é preciso aprender a organizar-se socialmente para jogar, compreender as regras como elemento que torna o jogo possível (...), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não como um inimigo a ser aniquilado, pois sem ele simplesmente não há jogo... É preciso, enfim, que o aluno seja preparado para incorporar o basquetebol e a corrida na sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível.

Assim, mais do que ensinar o esporte, o LD pode contribuir para que o aluno o compreenda, através de leituras e atividades didáticas a serem realizadas durante ou após a aula, com ou sem o acompanhamento do professor, mas sempre mediado por este, uma vez que sua formação profissional e autonomia permitem potencializar este material e até mesmo acrescentar novos temas e abordagens.

Ressaltamos, apenas, que não estamos desconsiderando a importância das atividades práticas no processo, tão pouco as diminuindo. Ao contrário, sem prática não há educação física, não há esporte e não há o porquê de propormos e desenvolvermos um LD neste sentido. Reforçamos a idéia de complementaridade, de agregarmos às atividades práticas do professor de Educação Física, ao lidar com os JECs, um material didático escrito, concreto, que o oriente na discussão dos temas ligados às questões técnicas, táticas, de regras, de valores morais, entre outros; oriente o professor, não determine sua prática, pois a autonomia deste é essencial para que sejam respeitadas as características e necessidades de cada grupo de alunos com qual este trabalha.

Capítulo 3:

O Livro Didático sobre Jogos Esportivos Coletivos.

Neste estudo, apontamos o livro didático como uma proposta pedagógica para otimizar as aulas de Educação Física. Entretanto, como nos aponta Paes (2002, p.90):

Ao estruturar-se uma proposta pedagógica para ensinar esporte, são necessários alguns questionamentos: Qual a modalidade a ser ensinada? Em que cenário? Quais os personagens dessa prática? E, por fim, quais os seus significados? Somente a partir dessas respostas será possível dar um tratamento pedagógico ao esporte.

Explicitamos ao longo deste estudo que enfocaremos os Jogos Esportivos Coletivos, tendo como foco o momento da iniciação esportiva, sendo no cenário escolar, clubístico ou outro onde este momento aconteça; como personagens centrais desta prática apontamos os alunos, crianças, tendo como foco aproximado a faixa etária entre 10 e 12 anos. Ainda nesta dissertação, apontamos o significado da prática esportiva neste momento como educacional, buscando contribuir de forma integral para a infância e formação do aluno, considerando que este se move, pensa e sente.

A partir destes pontos, torna-se importante esclarecermos como o livro didático será organizado, quais temas serão abordados e para que seu estudo está sendo proposto, ou seja, quais objetivos se busca e quais competências se espera que o aluno apresente a partir do contato com este livro didático, utilizado em conjunto com a prática dos JECs no ensino formal e não-formal. Mais que isso, consideramos importante apontar quais dinâmicas são possíveis em cada tema, com exemplos que elucidem a efetividade da proposta.

Quanto à seleção dos conteúdos e atividades e a delimitação de objetivos do ensino, cabe apontarmos Rojo (1999, p.7):

(...) a seleção dos objetivos de ensino e a elaboração do projeto de ensino-aprendizagem estão submetidos a uma dupla determinação: a das *possibilidades* e a das *necessidades de aprendizagem*. Isto implica a formação do professor numa teoria de ensino-aprendizagem de base sócio-histórica (...).

A autora aponta a teoria vygotkiana, por esta permitir a organização do professor tanto pelas possibilidades como necessidades dos alunos. Quanto às possibilidades de aprendizagem, estas poderão ser mapeadas a partir da “avaliação do desenvolvimento real de seus alunos” (ROJO, 1999, p.7). Tendo em vista esta avaliação, o professor poderia refletir sobre as necessidades de aprendizagem do alunado, sendo possível selecionar quais serão os objetos de ensino para cada grupo de trabalho, criando Zonas Proximas de Aprendizagem.

Vygotsky (1987) apresenta dois níveis de desenvolvimento a serem considerados para a aprendizagem: o primeiro seria o nível de desenvolvimento real, ou seja “o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados” (VYGOTSKY, p.95) e “se costuma determinar através da solução independente de problemas” (VYGOTSKY, 1987, p.97). O segundo nível é a chamada “zona de desenvolvimento proximal”, que é a distância entre o nível de desenvolvimento real e “o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 1987 p.97). Na concepção de Vigotsky, a intervenção do professor se dá no intervalo entre aquilo que o aluno é capaz de realizar sozinho e aquilo que o aluno consegue realizar com a ajuda de terceiros.

Tendo em vista colaborar com as necessidades de aprendizagem do aluno em relação aos JECs, retomamos, agora como referência para a organização do Livro Didático sobre JECs, a proposta de seqüência didática (SD) apresentada por Dolz,; Noverraz & Schneuwly (2004).

Já tratada neste estudo, faz-se necessário que aprofundemos nos conceitos ligados a SD, para que possamos contribuir para que o professor colabore com os alunos no aprendizado dos JECs, tendo o LD como um mediador agregado neste processo.

Uma SD deve se balizar por uma produção inicial dos alunos, feitas a partir de uma apresentação inicial de um tema de trabalho. Os trabalhos apresentados como produção inicial servirão de alicerce para a construção dos módulos que constituirão a seqüência, assim como de uma produção final, que permitirá ao professor analisar o que os alunos apreenderam do tema de estudo proposto.

Para melhor tratarmos de seqüência didática, cabe apresentarmos o esquema montado pelos autores:

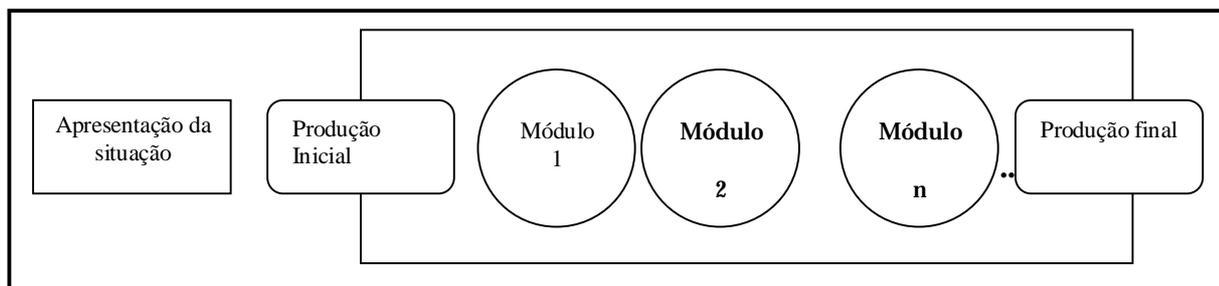


Figura 3 - Esquema de Seqüência Didática. (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p.98)

A *apresentação da situação* é o momento no qual o objeto de ensino principal é apresentado aos alunos, sendo que estes deverão cumprir uma primeira atividade, que será a *produção inicial*. “Esta etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e exercícios previstos na seqüência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma”. (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p.99)

Já os *módulos* vão apresentando de forma seqüencial o objeto de estudo, em nosso caso os JECs, sendo potencializado determinados conteúdos de acordo com a mediação do professor, a partir do que foi apresentado pelo aluno da produção inicial.

A *produção final*, por sua vez, é o momento em que “o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados. A produção final serve, também, para uma avaliação de tipo somativo, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a seqüência”. (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p.99)

A partir da noção de Seqüência Didática, estruturamos o Livro Didático para Educação Física, com o objetivo específico de trabalhar com tema Jogos Esportivos Coletivos, devendo este ser assim organizado:

Livro Didático para Jogos Esportivos Coletivos:													
Apresentação da situação:													
Esporte													
Jogos Esportivos Coletivos													
Características comuns													
Produção Inicial													
Módulo 1: JEC													
Princípios Operacionais Defensivos	<table border="1"> <tr> <td colspan="2">Elementos de Apoio e de Potencial</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Valor Sócio-Educativo:</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Curiosidades</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Valores de comportamento</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Fatos Históricos</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Personagens dos JEC do Brasil</td> </tr> </table>	Elementos de Apoio e de Potencial		Valor Sócio-Educativo:		Curiosidades		Valores de comportamento		Fatos Históricos		Personagens dos JEC do Brasil	
Elementos de Apoio e de Potencial													
Valor Sócio-Educativo:													
Curiosidades													
Valores de comportamento													
Fatos Históricos													
Personagens dos JEC do Brasil													
Princípios Operacionais Ofensivos													
Princípios Operacionais de Transição													
Regras de Ação													
Fundamentos Comuns													
Módulo 2: Modalidades Específicas:													
O Basquetebol													
O Handebol													
O Futsal													
O Voleibol													
Conhecendo outras modalidades pelo mundo.													
Produção final													

Quadro 2 – Módulos, Temas e Elementos de Apoio do Livro Didático em Jogos Esportivos Coletivos

A seguir, trabalharemos cada uma das etapas da SD, buscando organizar o processo de ensino e aprendizagem dos JECs, já ilustrando como pretendemos construir o LD acerca dos JECs.

3.1 A APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO:

Apresenta ao aluno o que será estudado, já o preparando para a produção inicial, que dará ao professor as bases para conduzir o trabalho ao longo dos módulos. Trata-se de um momento crucial que pode ser dividido em duas dimensões principais:

(1) Apresentar o problema: aqui deve ser explicitado ao aluno o que ele vai estudar e para onde se pretende direcionar os estudos, qual o objetivo final deste, mostrando o que eles devem

estar aptos a praticar e compreender ao final. Para o trato com os JECs sugerimos o levantamento de questões tais quais: o que é Esporte? O que são os JECs? Quais JECs você conhece? Quais suas características comuns? Quais suas diferenças?

(2) Preparar para os conteúdos: devem ser dados subsídios para que os alunos percebam a importância do que vai ser estudado, tendo uma dimensão deste conteúdo. Dolz,; Noverraz & Schneuwly (2004) apontam que o cerne de um debate pode, por exemplo, ser apresentado através da de breves tomadas de posição, de um tema geral. Em uma seqüência didática proposta para o estudo dos JECs, este é o momento de praticar algumas destas modalidades tendo como foco o levantamento de suas características intramodalidades para posterior identificação intermodalidades.

Vale destacar a importância que Dolz,; Noverraz & Schneuwly (2004, p.100), dão este momento, assim como da importância da interação com os alunos para sua preparação e execução.

A fase inicial de apresentação da situação permite, portanto, fornecer aos alunos todas informações necessárias para que conheçam o projeto (...) visado e a aprendizagem (...) a que está relacionado. Na medida do possível, as seqüências didáticas devem ser realizadas no âmbito de um *projeto* de classe, elaborado durante a apresentação da situação, pois este torna as atividades de aprendizagem significativas e pertinentes.

No quadro que se segue, é possível visualizar como se pretende abordar o momento da apresentação da situação no LD:

	Objetivos/ Competências	Estratégias de Abordagem	Dinâmicas	Exemplos
Apresentação da Situação				
Esporte	Compreender o esporte enquanto um Fenômeno sócio-cultural de múltiplas possibilidades e manifestações (na configuração social, saúde coletiva, econômica, política, mercadológica, entre outros) sem desconsiderar a prática de diferentes modalidades.	Informações sobre a História do Esporte, através de textos e figuras. Recorte de jornais, revistas e outros impressos;	Observar no cotidiano dos alunos onde o esporte está presente. Construção de um mural com matérias e fotos relacionadas ao esporte.	Buscar em jornais, revistas ou anote de propagandas da televisão a participação de atletas. Pergunte para seus pais, irmãos, amigos se eles praticam algum exercício físico ou esporte.

		Entrevistas; desenhos; quadrinhos.		
Jogos Esportivos Coletivos	Conceituar JEC e ser capaz de jogar jogos de equipe, pondo em prática os valores de coletividade.	Textos, fotos, desenhos de quadras. Levantamento dos conhecimentos dos alunos acerca dos JECs a partir de questionários.	Leituras, pesquisa sobre os diferentes JECs existentes.	Liste os JECs que você conhece. Liste os JECs que você assiste e os que você pratica. Quais você gostaria de praticar?
Características comuns	Ser capaz de reconhecer as proximidades entre os JEC, observando que todos têm um campo de jogo, um tempo determinado, duas equipes, um alvo a defender, um alvo a atacar e são regidos por regras.	Desenhos e observação de espaços de jogos e regras básicas dos JECs mais populares.	A partir de desenhos e regras básicas dos JECs mais populares procurar as semelhanças entre eles. Desenhos e estudo de quadras poliesportivas.	Observação de uma quadra poliesportiva e desenho de suas linhas. Que semelhanças você encontra entre o handebol e o basquetebol, o voleibol e o futebol? Crie um jogo tenha essas mesmas semelhanças.

Quadro 3 – Apresentação da Situação.

A seguir, apresentaremos alguns exemplos de como os conteúdos ligados à apresentação da situação serão abordados no LD:



Figura 4 – LD: Capa do Livro Didático em JECs.

Iniciando o Jogo

Ficha Cadastral

Esportes que eu conheço: _____

Esportes que eu pratico: _____

Esportes que eu gostaria de praticar: _____

Pessoas com as quais eu pratico esportes: _____

Locais onde eu pratico esportes: _____

Esportes que eu vejo passar na TV: _____

Esportes que eu gosto de assistir na TV: _____

Esportes que já assisti ao vivo: _____

Atletas que eu admiro: _____

Porque: _____

Você já reparou se as pessoas com as quais você convive pratica esportes ? E nas ruas ou lugares que você frequenta, você observa pessoas praticando esportes ?

As pessoas que moram em sua casa praticam esportes ? _____

Quais ? _____

Crianças pequenas podem praticar esportes ? E idosos ? _____

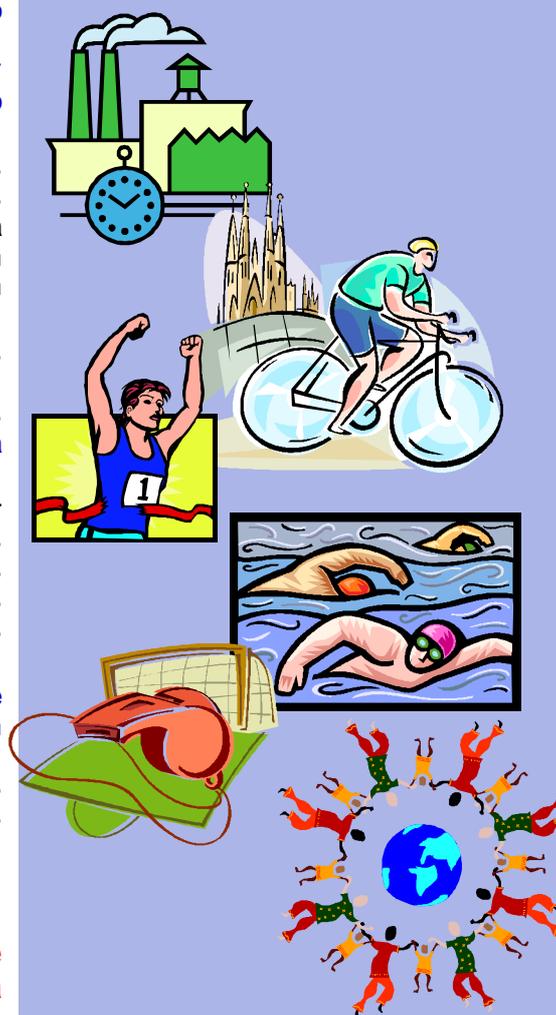
Quais ? _____

Figura 5 – LD: iniciando o jogo

Mas... O que é ESPORTE ???

- O Esporte é uma atividade criada pelo homem ao longo de milhares de anos. Sua forma atual começou a se estruturar na Inglaterra, no século XVII, pouco depois do surgimento das indústrias.
- Havia escolas onde estudavam os donos das indústrias. Essas escolas viram nas atividades físicas uma forma de educar os jovens, já que exigiam esforço, dedicação e a busca de um bom resultado, assim como no trabalho.
- Quando as competições entre diferentes escolas da Inglaterra foram surgindo, tornou-se necessário determinar regras para que todos competissem da mesma forma.
- Assim, as corridas passaram a ter distâncias determinadas, as piscinas deveriam ter o mesmo tamanho, os jogos deveriam permitir as mesmas forma de usar a bola em todas as escolas.
- Com tempo, as competições entre escolas passaram a envolver também universidades; com o tempo, apareceram as competições entre as cidades e hoje temos até competições entre quase todos os países do mundo, como os Jogos Olímpicos.

Assim, o Esporte é uma atividade humana com regras claras, na qual as pessoas interagem, se divertem e competem para ver quem faz mais pontos, gols, corre ou nada mais rápido, entre outros, exigindo alguma habilidade de quem o pratica.



Habilidade de quem pratica ? E quem pode praticar esportes ?

Figura 6 – LD: apresentando o esporte

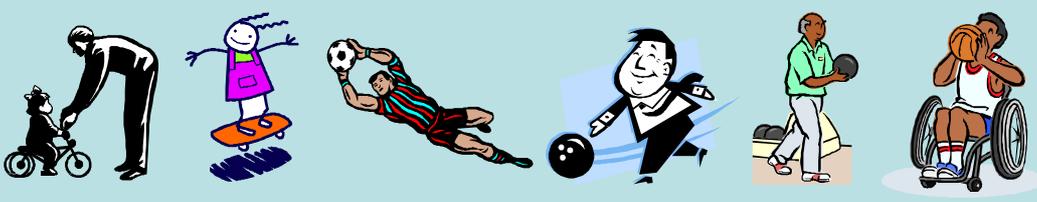
Aqui está a Inglaterra. Converse com seu professor de Geografia peça que ele mostre no mapa onde está a Inglaterra. Ah, veja se seu professor de História sabe um pouco mais sobre o surgimento do Esporte!!!



- Inicialmente, o Esporte era praticado pelos estudantes ingleses, principalmente pelos estudantes filhos dos homens mais ricos.
- Com o tempo, o Esporte foi ganhando as ruas, principalmente com o futebol.
- Depois, o Esporte passou a ser praticado por atletas amadores, ou seja, pessoas que se dedicavam a uma prática esportiva mas não ganhava dinheiro com ela.
- Houve um tempo, não muito distante, em que se pensava que o Esporte era só para pessoas muito fortes, muito rápidas e habilidosas, ou seja, era só para atletas profissionais, como aqueles que se na televisão.
- Mas, na aula de Educação Física você pratica esportes, não pratica ? Você é atleta profissional ? Então o Esporte não é só para profissionais, não é mesmo ? Dê uma olhada na ficha que você preencheu nas primeiras páginas deste livro, você deve ter apontado outras pessoas que você conhece e que pratica esportes, mostrando de novo que não é preciso ser super forte ou super habilidoso para praticar um esporte.
- Sendo assim, que tal estudarmos um pouco mais sobre isso ? ? ?

PENSE NISSO :

Todas as pessoas abaixo estão praticando esporte. Isso nos faz pensar que o esporte é para todos!!!



Mas, será que uma criança de 5 anos, outra de 10 anos, um atleta de 20 anos, um homem de 40 anos, um senhor de 75 anos e um atleta que usa deficiente físico praticam esporte da mesma forma?

Figura 7 – LD: expansão e personagens do esporte.

3.2 A PRIMEIRA PRODUÇÃO

No momento da produção inicial os alunos tentam executar uma primeira atividade. Propomos, para os JECs, a elaboração, por parte dos alunos, de jogos que tenham características semelhantes aos JECs. Isto deverá ser feito com base em conhecimentos prévios adquiridos no momento da “apresentação da situação”. Atividades teóricas como as propostas nas figuras 10 e 11 do primeiro módulo também podem ser tratadas para identificação do conhecimento inicial dos alunos acerca dos JECs.

Possivelmente os alunos ainda não terão suficientemente claras as concepções de JECs e o domínio das características dos mesmos, o que pode acarretar equívocos:

Cada aluno consegue seguir, pelo menos parcialmente, à instrução dada. Este sucesso parcial é, de fato, uma condição *sine qua non* para o ensino, pois permite circunscrever as capacidades de que os alunos já dispõem e, conseqüentemente, suas potencialidades. É assim que se definem o ponto preciso em que o professor pode intervir melhor e o caminho que o aluno tem ainda a percorrer: para nós, esta é a essência da avaliação formativa. Desta forma, a produção inicial pode "motivar" tanto a seqüência como o aluno. (DOLZ,; NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p.101)

Assim, este é um momento de diagnóstico do que os alunos conhecem, já que os pontos fortes e fracos ficam evidenciados, servindo como direcionamento da construção da seqüência didática, tendo em vista as necessidades e particularidades dos alunos, como apontam Dolz,; Noverraz & Schneuwly (2004, p.102), :

Para o professor, estas primeiras produções (...) constituem momentos privilegiados de observação, que permitem refinar a seqüência, modulá-la e adaptá-la de maneira mais precisa às capacidades reais dos alunos de uma dada turma.

Entretanto, este já constitui um primeiro momento de aprendizagem acerca do objeto de estudo:

(...) a produção inicial é igualmente o *primeiro lugar de aprendizagem* da seqüência. Com efeito, o simples fato de "fazer", de realizar uma atividade delimitada de maneira precisa constitui um momento de conscientização do que está em jogo e das dificuldades relativas ao objeto de aprendizagem. (DOLZ,; NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p.103)

3.3 OS MÓDULOS:

Tendo em vista todo este “mapeamento” e aprendizados preliminares ocorridos entre a *apresentação da situação e a produção inicial*, a construção modular das seqüências se mostra um facilitador para uma adaptação dos conteúdos para as necessidades e interesses dos alunos.

“Nos módulos, trata-se de trabalhar os *problemas* que apareceram na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los” (DOLZ.; NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p.103). Assim, após uma abordagem do todo, passa-se para a ênfase em momentos específicos e conteúdos pertinentes ao tema que exigem um tratamento diferenciado.

Na prática dos JECs, conforme apresentamos no capítulo anterior, apontamos a importância dos métodos globais para que estes sejam praticados com a compreensão do aluno no que concerne à lógica dos JECs e autonomia para tomar decisões individuais para o alcance de metas coletivas, que se afunilam na conquista de pontos e na obstrução do avanço da equipe adversária.

Na construção de um mediador escrito, o LD, coerentemente mantemos o mesmo pensamento, corroborando com Dolz.; Noverraz & Schneuwly (2004), quando estes apresentam sua proposta de Seqüência Didática com um movimento geral que vai do complexo para o simples, ou seja, o aluno tem uma dimensão inicial do todo, aprofunda-se em pontos específicos deste para que a compreensão possa ser ampliada.

Jogar JECs é um processo complexo, com vários níveis que funcionam simultaneamente no indivíduo que joga e entre os jogadores que interagem em uma equipe e com uma equipe adversária. Em cada um desses níveis, o aluno depara-se com problemas diversos, comuns entre os JECs e específicos de cada nova modalidade vivenciada. Assim, é necessário estimular os alunos para serem capazes de jogar e assistir jogos considerando diferentes níveis de complexidade, tanto dos jogos como das tarefas propostas pelo jogo.

Rojo (1999), ao apontar critérios de organização para progressões curriculares no ensino de Língua Portuguesa, apontou dois deles que se mostram igualmente importantes na Educação Física: o grau de complexidade do objeto de ensino-aprendizagem e as exigências das tarefas. Ressalta-se, ainda, a conexão que estes critérios devem ter com o projeto educativo e objetivos de ensino do estabelecimento no qual o professor atua.

O LD é apresentado neste estudo como um potencializador do trabalho do professor e um objeto concreto com o qual a criança consiga estabelecer relações com as práticas propostas pelo

professor de Educação Física ou Esportes, ampliando as possibilidades educacionais do fenômeno.

Assim, para a composição dos módulos foram selecionados os seguintes conteúdos: os Princípios Operacionais de Defesa, os Princípios Operacionais de Ataque, os Princípios Operacionais de Transição, as Regras de Ação e os Fundamentos Comuns aos diversos JECs; cabe ainda considerar especificidades das modalidades, sendo incluídas nesta proposta de LD as quatro modalidades de JECs mais praticadas no Brasil: o Basquetebol, o Futsal, o Handebol e o Voleibol.

No quadro a seguir, apontamos como tais conteúdos serão distribuídos ao longo dos dois módulos propostos:

3.3.1 Módulo 1:

	Objetivos/ Competências	Estratégias de Abordagem	Dinâmicas	Exemplos
Módulo 1: JEC				
Princípios Operacionais Defensivos	Reconhecer que há um alvo a ser protegido e estabelecer estratégias individuais e coletivas para tal; Reconhecer que há uma equipe adversária buscando aproximar-se do alvo e buscar dificultar esta aproximação Ter a atitude de tentar recuperar a bola individual e/ou coletivamente.	Desenho e relato de atividades vivenciadas na prática.	Desenhar a movimentação o tática de defesa de jogos feitos na prática. Elaborar, escrever e desenhar estratégias defensivas para jogos propostos pelo professor e pelos alunos.	No espaço abaixo, desenhe o alvo de um jogo que você participou na aula prática e posicione o seu time defendendo.
Princípios Operacionais Ofensivos	Reconhecer que há um alvo a ser atingido e estabelecer estratégias individuais e coletivas para tal; Reconhecer que é necessário aproximar-se do alvo e que há colegas que compõem uma equipe, sendo o aluno	Desenho e relato de atividades vivenciadas na prática.	Desenhar a movimentação o tática de ataque de jogos feitos na prática. Elaborar, escrever e	Faça o mesmo, mas agora posicione o seu time na ofensiva.

	capaz de interagir para chegar ao alvo. Saber preservar a bola em posse de sua equipe.		desenhar estratégias ofensivas para jogos propostos pelo professor e pelos alunos	
Princípios Operacionais de Transição	Reconhecer que, ao recuperar uma bola na defesa é necessário organizar-se taticamente – individual e coletivamente – para organizar o ataque. Reconhecer que, ao perder uma bola para a defesa ou concluir um ataque com sucesso é necessário organizar-se taticamente – individual e coletivamente – para organizara defesa.	Desenho e relato de atividades vivenciadas na prática.	Desenhar a movimentação o tática de transição de jogos feitos na prática. Elaborar, escrever e desenhar estratégias transitivas para jogos propostos pelo professor e pelos alunos	Faça o mesmo, mas agora posicione o seu time durante a transição da defesa para o ataque e do ataque para a defesa.
Regras de Ação	Saber comportar-se taticamente em jogos de equipe a partir da estrutura e lógica comuns aos mesmo. Saber ocupar os espaços da quadra. Saber posicionar-se para receber a bola de um companheiro. Saber posicionar-se para pressionar um adversário com posse da bola	Relatos de como os alunos e seus companheiros se organizaram na prática para atingir os objetivos ofensivos, defensivos e de transição.	Descrever atitudes individuais e coletivas de sucesso e insucesso ao organizar-se para cumprir os princípios operacionais. Análise de situações hipotéticas de jogo.	Ao progredir para o ataque, você tomou alguma atitude para receber a bola? Você observou se havia algum colega em uma situação mais favorável para fazer a cesta? Observe a situação abaixo, como você acha que cada jogador deveria agir? Se preferir você pode descrever mais de uma opção para cada jogador.
Fundamentos Comuns	Reconhecer a existência dos cinco fundamentos comuns aos JEC – controle de corpo, manejo de bola, passe, drible e finalização – e tê-los como	Observação da prática de jogos coletivos e das ações	Descrever a técnica individual relacionada a cada	Como chuta para fazer um gol? E para fazer um gol com as mãos, como você faz?

	recurso aliado á tática.	técnicas requeridas. Exemplos de diferentes técnicas para a realização de um mesmo fundamento.	fundamento. Destacar ações inusitadas realizadas pelos colegas e associar a cada um dos fundamentos comuns.	Em jogos onde o alvo ficava num ponto mais alto, como você fazia para arremessar a bola até ele?
--	--------------------------	--	---	--

Quadro 4: Módulo 1.

Na seqüência, ilustraremos parte do módulo 1, a fim de apresentarmos qual tratamento pretendemos dar a este conteúdo na concretização do LD. Serão exemplificados parte do conteúdo que trata das teorias que abordam os JECs, assim como dois fundamentos comuns aos mesmos: o controle de corpo e o passe.

Módulo 1: Jogos Esportivos Coletivos.



Figura 8 – LD: Capa do módulo 1

CARACTERÍSTICAS COMUNS

O QUE SÃO JECs ???



JECs é uma sigla para Jogos Esportivos Coletivos, que são os famosos jogos de equipe, onde dois times disputam entre si.

Existem vários JECs, com características que os aproximam:

- 🏀 Uma bola ou outro objeto esférico a ser lançado pelo indivíduo com a mão, o pé ou com o auxílio de um instrumento;
- 🏀 Um espaço demarcado de jogo;
- 🏀 Um alvo a ser atacado e outro a ser defendido;
- 🏀 Os integrantes de uma equipe, que ajudam a progressão da bola com diferentes partes do corpo;
- 🏀 Adversários que devem ser vencidos;
- 🏀 Regras do jogo a serem respeitadas.

Pense nessas características e faça uma lista com todos os jogos coletivos esportivos que você conhece.

Agora, escolha dois deles e anote as semelhanças e as diferenças gerais.

Semelhanças: _____

Diferenças: _____

Figura 9 – LD: JECs e suas proximidades.

TRABALHANDO EM EQUIPE:



Veja novamente as características comuns dos JECs e criem um novo jogo que tenha semelhanças com os que já existem.

Escolham um JEC. Que tal transformá-lo num jogo novo ?
Experimentem alterar um ou mais desses pontos:

- Espaço;
- Número de participantes;
- Tipo e número de bolas ou outros objetos;
- Tipo, número e posicionamento dos alvos;
- Partes do corpo com as quais é permitido o contato com a bola ou outros objetos;
- Regras;

Agora anote o jogo que vocês criaram no espaço abaixo:

NA QUADRA:

Junto com o seu professor, é hora de praticar os novos jogos criados pela turma!!!

Figura 10 – LD: criando JECs



Princípios Operacionais Ofensivos e Defensivos



Todos os jogos de equipe tem um objetivo principal: marcar pontos, seja através de cestas, gols ou cortadas. Mas, como fazer para conseguir isso?

Um professor francês, chamado Claude Bayer, diz que existem três etapas para se marcar pontos em um JEC:



•Na ofensiva:

- Estar com a bola e conservar a posse de bola;
- Progredir, ou seja, avançar em direção ao alvo;
- Finalizar e marcar pontos

Na defesa, você já sabe o que é mais importante, não é mesmo?
Não sofrer pontos!!!

Para isso, existem três preocupações básicas que você e seu time devem ter na defesa:

•Na Defensiva:

- Proteger o alvo;
- Impedir a progressão do adversário;
- Recuperar a posse de bola.



Na Quadra

Seu professor irá propor exercícios e jogos onde estes princípios estão presentes.
Fique ligado e tente segui-los!!!



Figura 11 – LD: princípios operacionais defensivos e ofensivos.

TRANSIÇÃO:

É a passagem da defesa para o ataque ou do ataque para a defesa. Ou seja, se você perde a bola no ataque e está voltando para marcar, este é o momento da transição defensiva. Agora, se você estava marcando e recupera a bola, esta passagem da defesa para o ataque se chama transição ofensiva.

Ação na transição defensiva:

Quando o seu time perde a bola no ataque, vocês precisam se reorganizar rapidamente para defender; para isso, é preciso ocupar rapidamente a quadra de defesa, observando a progressão do adversário e tentando atrasar o seu avanço.



Ação na transição ofensiva:

Já quando o seu time recupera a bola na defesa, vocês devem procurar avançar rapidamente para o alvo, para tentar marcar o ponto antes que a defesa se arrume; assim, aquele jogador que recupera a bola deve observar se algum companheiro de time melhor colocado para finalizar com velocidade.

Figura 12 – LD: transição defensiva e ofensiva.



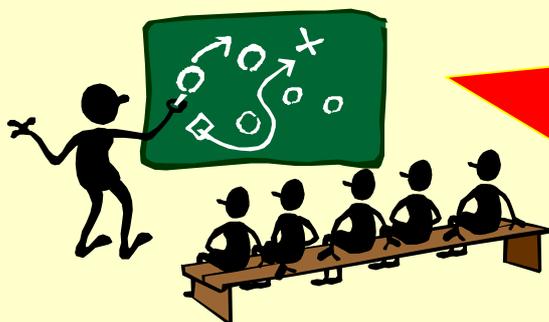
Regras de Ação

Mas, para que isso aconteça, o time deve organizar-se, montar estratégias para ficar com a bola, para aproximar-se do alvo e, finalmente, tentar fazer os pontos. É o que o professor Bayer chama de “regras de ação”.

As regras de ação são as maneiras como você e seus companheiros de equipe se distribuem na quadra para alcançar os objetivos do jogo.

No ataque, o objetivo principal é marcar pontos e, para isso, é necessário ocupar bem os espaços da quadra, tocar bem a bola entre os companheiros de equipe, saber observar se um colega está melhor posicionado para finalizar, entre outras ações.

Na defesa o mais importante é não levar pontos, então seu time deve ocupar bem os espaços da quadra para proteger o alvo e dificultar que a equipe adversária se aproxime do mesmo. Se vocês tiverem a oportunidade, também devem estar preparados para tentar roubar a bola da outra equipe, ou pelo menos dificultar a progressão até que eles errem e percam a bola.



Saber organizar-se taticamente é umas das melhores qualidades de uma equipe. Isto porque envolve saber posicionar-se em quadra tendo considerado o alvo, os colegas, os adversários, as regras do jogo e os objetivos de sua equipe.

Com a orientação do seu professor, você e sua turma farão muitos jogos de equipe neste período, para que vocês adquiram o que chamamos de “capacidade de ler o jogo”!!!

Figura 13 – LD: regras de ação

Controle de Corpo:

Como você já deve ter notado, os jogos de equipe são muito dinâmicos e exigem uma grande variedade de movimentos de quem joga, como correr em diversas direções, saltar, girar... A este conjunto de deslocamentos e movimentos realizados pelo jogador durante o jogo damos o nome de **CONTROLE DE CORPO**.



O **CONTROLE DE CORPO** pode ser entendido como o primeiro fundamento de qualquer esporte. Afinal, movimentar-se de forma coordenada e equilibrada é importante em qualquer atividade física, não é mesmo?

Nos jogos coletivos este fundamento é composto por 3 elementos básicos: SAÍDA RÁPIDA, PARADA BRUSCA E MUDANÇA DE DIREÇÃO.

PENSE NISSO

Será que o controle de corpo não está presente em outros jogos ou brincadeiras que você já conhece ou pratica? Por exemplo, no pega-pega, o controle de corpo está presente todo o tempo, certo?

Mãos à obra: prepare uma lista com jogos e brincadeiras nos quais o controle de corpo é importante:

NA QUADRA!!!

Agora, organize com o seu professor uma lista com os jogos e brincadeiras mais lembrados pela turma. Vocês poderão eleger 3 ou 5 jogos e brincadeiras que envolvam bastante o **CONTROLE DE CORPO** e.... partir para a prática!!!

Figura 14 – LD: Controle de corpo – parte 1

Anote aqui os exercícios, jogos e brincadeiras de controle de corpo que você mais gostou de praticar.

Que tal continuar fazendo essas práticas no intervalo ? Você também pode ensinar para os seus colegas no bairro, no clube... Experimente!!! Vai ser super legal dividir com mais amigos o que você está aprendendo!

FAÇA AS CONTAS:

Se em uma partida de basquetebol, pelas regras oficiais, dura 40 minutos, estando em quadra 10 jogadores e apenas uma bola ao mesmo tempo, em média, quanto tempo cada jogador vai estar com a posse da bola? E quanto tempo cada jogador vai estar sem a bola?

Cada jogador, teoricamente, fica com a posse de bola apenas 10% do tempo em que está jogando. Isso significa que em 90% do tempo em que está em quadra o jogador de basquetebol está sem a bola. Embora estes cálculos sejam apenas hipóteses, mostram que o **CONTROLE DE CORPO** é um fundamento mais importante e necessário do que se poderia imaginar...

Além de ser indispensável para os deslocamentos e melhor habilidade com bola, facilita o jogo sem bola, como acontece quando precisamos nos desmarcar de um adversário, realizar um corta-luz ou nos deslocamentos de defesa. Saber jogar bem sem a bola permite ao jogador de basquetebol ocupar melhor os espaços da quadra, melhorando sua percepção do jogo e favorecendo o jogo em equipe.



Figura 15 – LD: Controle de corpo – parte 2

Passe

O **PASSE** é um fundamento de posse de bola, necessariamente coletivo, já que pode ser definido como a troca da bola entre jogadores da mesma equipe. Esta é a única maneira de uma equipe se deslocar ou aproximar-se da cesta sem driblar e sem cometer violações.

Este fundamento envolve, também, a recepção de bola, já que sempre que um jogador realiza um lançamento um outro deverá recepcioná-la. Os passes podem ser de curta, média ou longa distância. Embora os esportes coletivos permitam ao jogador criar diferentes maneiras de passar, como as relacionadas no quadro abaixo:



- Com as duas mãos
- Com uma das mãos
 - Com os pés
 - Alto
 - Baixo
- Rolando a bola



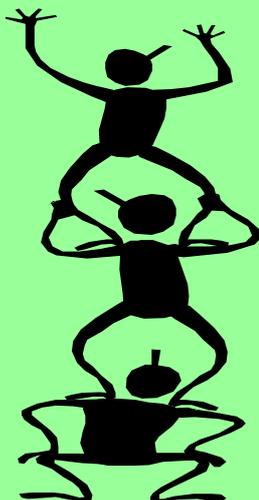
Na quadra...,

Agora que você já conhece alguns dos passes mais usados no, que tal praticá-los?

Aproveite para experimentar outras formas de trocar a bola com um ou mais companheiros, como por trás do corpo, por exemplo. Como você já tem um quadro com os passes mais utilizados, faça uma pesquisa entre toda a sua turma e, no quadro abaixo, anote os novos tipos de passes descobertos por vocês:

Figura 16 – LD: Passe – parte 1

Pense Nisso



O passe é o fundamento do basquetebol que liga toda a equipe, ou no mínimo dois jogadores; afinal, não é permitido realizar um passe para si mesmo, não é mesmo? Você já notou o quanto é importante um bom relacionamento entre os companheiros de um time? A **COOPERAÇÃO** pode ser a palavra-chave para um bom relacionamento entre as pessoas, seja numa equipe de esportes, na sua família ou na sua classe. Para fortalecer suas amizades, saber compreender o outro e estar pronto para colaborar é indispensável, tanto na quadra de basquetebol como nos outros campos da sua vida!!



Você Sabia???

Você já ouviu falar em **ASSISTÊNCIA**?

Assistência é um passe realizado para um companheiro que fica em uma posição favorável para converter um ponto; ou seja: é quando um jogador passa a bola para um outro, deixando este livre de marcação pra concluir o ponto. Um jogador só terá realizado a assistência se o companheiro para o qual ele passou a bola converter o arremesso.

Sugestão: Quando um jogador realiza uma assistência, ele faz a parte mais difícil, que é encontrar espaços para deixar o companheiro frente à frente com o alvo. Sendo assim, que tal valorizarmos este passe perfeito para que outro jogador converta uma cesta?

Como? É fácil: no jogo da aula de hoje, o professor ou algum outro aluno pode anotar o placar e, além de dos pontos ou gols valerem pontos, as assistências podem valer 1 ou 2 pontos extras. Que tal?

Figura 17 - LD: Passe – parte 2

3.3.2 Módulo 2:

	Objetivos/ Competências	Estratégias de Abordagem	Dinâmicas	Exemplos
Módulo 2: Modalidades Específicas				
O Basquetebol	Conhecer a história, as regras básicas e lógica de cada modalidade, focando agora suas especificidades, ainda que de forma introdutória.	Descrever a história e regras básicas de cada modalidade específica. Estudo do meio: assistir a jogos de equipes formais e analisar a partir de estudo dirigido.	Momento histórico: texto narrativo com o surgimento de cada modalidade. Estudo das regras básicas de cada modalidade.	A partir da observação do jogo dos alunos da oitava série, o que mais você gostou na modalidade? E o que menos você gostou? O basquetebol surgiu em uma escola americana devido a condições climáticas e necessidades e preferências dos alunos. Reúnam-se em grupos de cinco alunos e descrevam como vocês acham que seria um jogo adequado às condições de nossa escola/clube e preferências de nossos alunos?
O Handebol				
O Futsal				
O Voleibol				
Conhecendo outras modalidades pelo mundo.	Conhecer outras modalidades não praticadas tradicionalmente no Brasil e ser capaz de associá-las a questões culturais.	Pesquisa bibliográfica, entrevistas e desenhos relacionados a JECs praticados de forma mais regional em diferentes locais do Brasil e do mundo.	Apresentação de jogos coletivos ou JECs que acontecem em regiões específicas do Brasil e do mundo. Apontar semelhanças e diferenças entre as modalidades.	No “Jogo da Péla” praticado pelos Índios Astecas, você observa as mesmas características comuns dos JECs de hoje? Em grupos, adapte as regras deste jogo para que ele possa ser praticado por toda a turma. Na aula prática, todos os alunos praticarão o jogo nas regras de cada grupo.

Quadro 5 – Módulo 2.

Exemplificaremos o módulo 2 do LD tomando como exemplo a modalidades basquetebol.

Módulo 2: Modalidades Específicas:



Figura 18 – LD: capa módulo 2.

Basquetebol



Figura 19 – LD: capa Basquetebol.



Conhecendo o Basquetebol:



Você já ouviu falar sobre basquetebol, não é mesmo?

Mas será que você saberia escrever o que é o basquetebol? Mãos à obra: aproveite as linhas abaixo e responda o que é esse tal de basquetebol:

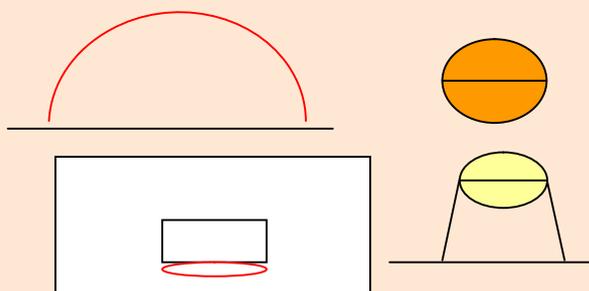
A Quadra de Basquetebol:

1. Círculo Central

2. Linha de 3 Pontos

3. Aro (cesta) + Tabela

4. Garrafão



Os elementos acima constituem a quadra de basquetebol. Relacione os elementos com sua figura e, a seguir, inclua na quadra abaixo estes desenhos.



A quadra oficial de basquetebol deve medir 28 metros de comprimento por 15 metros de largura. Deve ter um círculo central e dois garrafões, próximos às linhas de fundo da quadra, onde também se localiza a tabela e a cesta (aro). Para completar, temos a linha de 3 pontos.

“O Basquetebol é jogado por duas equipes de cinco jogadores cada uma. O objetivo de cada equipe é o de jogar a bola dentro da cesta do adversário e evitar que a outra equipe se apodere dela ou faça pontos. A bola poderá ser passada, arremessada, batida por tapas, rolada ou driblada em qualquer direção, respeitadas as restrições impostas pelas regras do jogo.”

(definição pela Regras Oficiais do Basketball, Fiba 2000-2002)

Figura 20 – LD: conhecendo o basquetebol.

A História do Basquetebol:

O basquetebol foi criado no ano de 1891, na cidade de Springfield (estado de Massachussets, nos Estados Unidos), em uma escola da Associação Cristã de Moços.

Naquele ano, o inverno era bastante rigoroso e impossibilitava a prática dos esportes favoritos pelos alunos: o beisebol e o futebol americano, pois os campos eram abertos e estavam cobertos pela neve. Foi então que o diretor do colégio pediu a um dos professores do colégio, o canadense James Naismith, que pensasse em um tipo de jogo que pudesse ser praticado também em ambientes fechados, como salas de ginásticas.



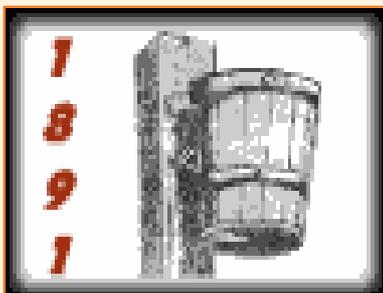
Fonte:www.cbb.com.br

James com seu filho Jimmy

James Naismith nasceu em 1861. Formou-se em Artes em 1883 e, em 1890 formou-se pastor (era casado e teve 5 filhos). Criou o basquete em 1891, mas conseguiu o diploma de Ed. Física somente em 1910. Foi professor e diretor universitário em diversas áreas, além de técnico de basquetebol, carreira que encerrou em 1912, com 53 vitórias e 58 derrotas. Faleceu em 1940 aos 79 anos.

Após muitas reflexões, James Naismith pediu a um funcionário que trouxesse duas caixas para serem fixadas na parede; o funcionário não encontrou as caixas, mas trouxe dois cestos de pêssago, que foram pendurados na sala de ginástica. A partir daí, o professor Naismith criou 13 regras, que constituíram um jogo chamado por ele de BASKETBALL (que em português significa bola ao cesto).

Os alunos logo gostaram desse novo jogo, que foi se espalhando pelas escolas da Associação Cristã de Moços do mundo todo, chegando ao Brasil logo em 1894, com o nome de BASQUETEBOL.



Assim era a cesta de pêssagos usada quando o basquetebol foi inventado. Era fechada embaixo porque só valiam os pontos quando a bola permanecia lá dentro. As cestinhas com redes, presas em aros de ferro, foram adotadas em 1896. Ao lado da cesta, sempre havia uma escada ou um bastão para sua retirada. Logo depois, criou-se um dispositivo para abrir o fundo da rede com a ajuda de um barbantinho. O formato atual passou a ser utilizado em 1898.

Figura 21 – LD: história do basquetebol.

Pontuação:

O Basquetebol é um jogo no qual 2 equipes buscam fazer o maior número de pontos, acertando a bola na cesta. As cestas podem valer 1, 2 ou 3 pontos. *Na quadra acima, que você completou, desenhe um jogador arremessando para 3 pontos, outro para 2 pontos e um outro para 1 ponto.*



Regras Gerais (segundo a FIBA – Federação Internacional de Basquetebol):

- Tempo de jogo: oficialmente, o basquetebol é jogado em 4 tempos de 10 minutos cada.
- A equipe de posse da bola tem 8 segundos para passar da meia quadra de defesa para a meia quadra de ataque e o total de 24 segundos para concluir um ataque.
- Um jogador pode ficar 5 segundos de posse da bola sem driblar, sendo também 5 segundos o tempo para cobrar um lateral ou lance-livre. O tempo máximo para um atacante que participa da jogada ofensiva permanecer na área restritiva (garrafão) é de 3 segundos.
- Após passar para o campo de ataque, a equipe atacante não pode mais levar a bola à quadra de defesa.
- Linhas: no basquetebol, linha é fora; portanto, se a bola ou o jogador passar pelas linhas laterais ou de fundo, a posse de bola será do adversário.
- Um jogador de posse da bola só pode movimentar-se com a mesma driblando, não podendo andar com a bola na mão, nem mesmo conduzi-la durante o drible. Aliás, se um jogador estiver driblando parar e segurar a bola, ele não poderá voltar a bater bola, tendo como opções passar a bola para um companheiro ou arremessar para a cesta.
- A única situação na qual um jogador pode dar dois passos com a bola na mão é na execução da bandeja, mas estes passos devem ser ritmicos.
- Não é permitido ao jogador saltar com a bola na mão e retornar ao solo com a mesma.

Faltas (existem 5 tipos de faltas):

PESSOAL: contato ilegal fora do ato de arremesso ou no ato de arremesso.

TÉCNICA: atitude antidesportiva de um atleta em quadra ou membro do banco.

ANTIDESPORATIVA: falta pessoal grave cometida por um jogador em quadra.

DESQUALIFICANTE: falta agressiva física ou moralmente.

DUPLA: quando dois adversários cometem a falta ao mesmo tempo.



As regras esportivas são determinadas por uma entidade superior para que todos joguem da mesma forma, possibilitando as competições.

Mas será que essas regras não podem ser modificadas quando jogamos entre amigos?

Experimente: organize, com o seu professor, um tribunal para discussão das regras do basquetebol. Serão necessários um júri e duas equipes: uma defendendo as regras e outra contra as regras. O júri determina o vencedor.

Figura 22 – LD: regras do basquetebol.

3.4 ELEMENTOS DE APOIO E DE POTENCIAL VALOR SÓCIO-EDUCATIVO:

Mesmo os JECs constituindo um ambiente formativo por excelência, uma vez que oferece inúmeras e imprevisíveis situações-problema a serem superadas (GARGANTA, 1995, p.11), é importante que o professor enfatize os momentos de aprendizagem social que os mesmo favorecem. Desta forma, também o LD, enquanto mediador, deve abordar tais temas, que estarão inseridos ao longo dos módulos, como mostra a tabela a seguir:

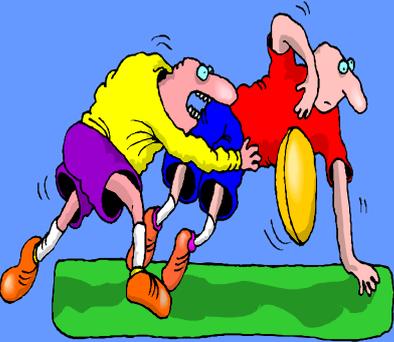
	Objetivos/ Competências	Estratégias de Abordagem	Dinâmicas	Exemplos
Elementos de Apoio e potenciais de potencial valor sócio-educativo				
Curiosidades	Dar ao aluno subsídios para que este observe e analise momentos, atitudes e outras situações curiosas nos JECs profissionais.	Fotos e relatos de fatos inusitados de partidas oficiais ou situações de treinamento no Esporte e suas modalidades de JECs	Leitura e anotações de novidades e fatos curiosos acontecidos ao longo das aulas com o aluno e/ou seus colegas	Diário de relatos das aulas. Pesquisa em jornais, revistas, livros e sites, em especial autobiográficos, sobre momentos curiosos da vida esportiva de atletas.
Valores de comportamento	Ser capaz de observar, analisar e discutir o esporte e as situações vivenciadas na prática dos JECs, possibilitando a transformação de valores; Ser capaz de estabelecer relações pessoais de valor – tais como cooperação, empatia e respeito – para o desenvolvimento de um jogo coletivo, estabelecendo metáforas com a vida.	Fotos e relatos de fatos e partidas esportivas onde é possível ao aluno estabelecer metáforas com a vida.	Leitura e anotações de conflitos de grupo ou momentos importantes de valor moral acontecidos ao longo das aulas com o aluno e/ou seus colegas	Diário de relatos das aulas. Pesquisa em jornais, revistas, livros e sites, em especial autobiográficos, de relatos de atletas destacando a relação que estes fazem das lições aprendidas no Esporte com a vida.
Fatos Históricos	Conhecer momentos importantes para o desenvolvimento dos JECs no Brasil.	Fotos e relatos de momentos históricos relevantes de partidas oficiais ou	Pesquisa e entrevistas com ex-atletas, dirigentes ou torcedores, em especial	Entrevistar ex-atletas do bairro ou cidade. Pesquisar na divisão, secretaria ou outro órgão de fomento do esporte na comunidade do

		situações de treinamento no Esporte e suas modalidades de JECs	daqueles da própria comunidade em que o aluno se insere.	aluno, assim como em clubes esportivos.
Personagens dos JEC do Brasil	Reconhecer a importância de alguns atletas, técnicos para o crescimento dos JEC no Brasil	Fotos e relatos de atletas que conquistaram títulos ou desbravaram novas frentes para os JECs brasileiros no país e no mundo.	Pesquisa e entrevistas com atletas de projeção da e/ou na comunidade do aluno. Atividades de estudo do meio.	Estudo do meio: assistir a jogos oficiais de JECs.

Quadro 6: elementos de apoio e potenciais de potencial valor sócio-educativo

Embora apontamentos feitos neste quadro estejam disseminados ao longo de diferentes momentos em que exemplificamos o LD em JECs, na página seguinte trazemos um exemplo de intensificação na possibilidade de reflexão acerca de valores e modos de comportamento a partir do LD.

SACA ESSA!!!



Será que vencer é o mais importante e para isso vale tudo: agredir um adversário ou até “passar por cima” de outras pessoas?!?




Qual a importância do jogo em equipe?



Você acha que o que você aprende no esporte está presente em outros momentos da sua vida? Será que o esporte pode contribuir para um mundo mais feliz? Como?



Em quais aspectos seu técnico(a) ou professor(a) o auxilia no esporte? Em que ele mais ele poderia contribuir?



O que é mais importante para você: que sua equipe vença os jogos ou que todos participem?

Figura 23 – LD: refletindo acerca de valores através do esporte.

3.5 A PRODUÇÃO FINAL:

Dolz,; Noverraz & Schneuwly (2004, p.106), nos trazem que a seqüência didática é “finalizada com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e instrumentos elaborados separadamente nos módulos”. Os autores trazem ainda que este momento tem como foco o aluno, trazendo vantagens para este que adequamos para o conteúdo JECs:

- Indica-lhe os objetivos a serem atingidos e dá-lhe, portanto, um controle sobre seu próprio processo de aprendizagem (O que aprendi? O que resta a fazer?);
- Serve de instrumento para regular e controlar seu próprio comportamento de jogador e espectador, seja durante ou após o jogo, em uma análise individual ou coletiva.
- Permite-lhe avaliar os progressos realizados no domínio trabalhado.

Como produção final, sugere-se que os alunos joguem e descrevam, ao final, quais foram suas atitudes táticas, opções técnicas e sentimentos vividos ao longo do jogo, assim como aponte comportamentos observados nos colegas, também nesse três níveis. Este seria o momento final também do LD em Educação Física que tem como foco os JECs.

Alguns pontos a serem observados pelos alunos serão estimulados pelo próprio LD e outros poderão ser acrescentados pelo professor, a fim de que se constitua o que Dolz,; Noverraz & Schneuwly (2004, p.107), chamam de “avaliação somativa”, sugerindo que se elabore uma grade com onde pontos essenciais sejam apresentados, servindo como suporte para a auto-avaliação do aluno e critérios menos subjetivos para que o professor avalie o que o aluno apreendeu ao final da seqüência didática.

A seguir, apontamos um exemplo de proposta para a produção final, não descartando outras possibilidades.

Agora é com você!!!

- Qual dos jogos coletivos praticados ao longo das aulas você mais gostou ?
- Quais características dos JECs este jogo tem ?
- Quais são as características específicas desse jogo ?
- Quais atitudes técnicas e táticas são esperadas do jogador que o pratica ?
- Quais atitudes morais são esperadas de um jogador que o pratica ?

Seu professor irá selecionar os três jogos mais citados pelos alunos da turma e, com a ajuda de vocês, serão organizados mini-torneios desses jogos.

Observe, analise e anote os comportamentos dos seus colegas e os seus ao longo dos torneios. Será que durante a competição vocês vão atingir os comportamentos táticos e morais esperados ? !? !? Aproveite o espaço abaixo e coloque suas conclusões:

Figura 24 – LD: produção final.

Considerações Finais

O presente estudo cumpre o objetivo de apresentar uma proposta concreta para o trato com JECs nas aulas de Educação Física ao propor um livro didático que trate das questões teóricas relativas a este tema, que devem ser agregadas à prática do professor, tanto no ensino formal como não formal. Mas este não é um estudo conclusivo, ao contrário, respeitando a instabilidade do conhecimento, sugere novas discussões acadêmicas, novos temas para futuros estudos de graduação, pós-graduação e subsídios para a construção de novos modelos ou seqüências didáticas para o trato com o esporte nas aulas de Educação Física, como nas sugestões que se seguem:

- Discutir com maior profundidade acerca de quais são os pressupostos paradigmáticos que regem as pesquisas em esporte;
- Aprofundamento dos estudos epistemológicos acerca da Pedagogia do Esporte;
- Esclarecimento de quais são os pressupostos filosóficos que regem a organização e prática pedagógica do professor de esportes;
- Refletir de forma permanente como se ensinar o esporte, muito embora o foco principal deste processo nos parece claro: o aluno.
- O aluno, por sua vez, faz parte de um sistema composto por outros alunos, professores, pais e outras pessoas que se relacionam no ambiente esportivo; mais, este mesmo aluno frequenta outros ambientes: como ajudar prepará-lo para uma sociedade plural?
- Qual a repercussão de um livro didático na educação física? Até que ponto será necessário um trabalho de capacitação dos professores para que estes utilizem este

novo facilitador de forma autônoma, sendo capaz de escolher quando e o que utilizar ao longo de suas aulas?

- E os JECs, alvo de tantos estudos, mas sempre com novos desafios para os estudiosos, como no caso do voleibol, uma modalidade coletiva, mas com tantas especificidades em função da rede que divide os campos defensivo e ofensivo e impede que os jogadores utilizem simultaneamente os mesmos.

Além de fomentar novos estudos, apontamos ainda a necessidade de darmos continuidade a este estudo a fim de finalizarmos a elaboração do LD e encaminharmos o mesmo para a utilização em salas de aula, ginásios, praças de esporte, entre outros locais. Mostra-se necessário, ainda, novos projetos que envolvam LD e Educação Física, visto que são vastos os conteúdos desta disciplina passíveis de ter uma abordagem teórica voltada para os alunos, tais como as lutas, as diferentes ginásticas, artes circenses, jogos populares, introdução ao treinamento esportivo, diferentes modalidades esportivas e enfoques ao fenômeno esporte, dentre outros temas.

Nesta dissertação abordamos teoricamente o esporte, os JECs, buscando apontar um novo material didático a ser agregado ao processo de ensino e aprendizagem dos JECs: o livro didático, na expectativa que este seja mais um recurso agregado à prática docente e não um determinante da mesma.

Para realizar esta proposta, apresentamos inicialmente a concepção de esporte aqui abarcada, assim como da Pedagogia do Esporte. Contemplamos também o estudo dos JECs a partir de suas teorias, buscando potencializar a sua prática, tendo em vista a formação de jovens mais criativos, inteligentes e atuantes tanto no ambiente esportivo como além deste.

Entretanto, os conhecimentos disponíveis na produção literária e acadêmica da Educação Física não se mostraram suficientes para sustentar a proposta de um LD. Assim, recorremos a autores especialistas no tema, tendo como base a área da lingüística, na qual também conhecemos

o conceito de Sequência Didática, que foi determinante para a organização dos conteúdos a serem tratados no LD sobre JECs.

Na seqüência, indicamos como os JECs podem ser objeto de estudo não apenas através da prática, mas também a partir de outras estratégias de aula, apontando o livro didático como mediador entre a criança e uma compreensão mais ampla do esporte e dos JECs. Vale considerarmos a possibilidade de adaptações para a adequação deste material para outros instrumentos, sejam impressos ou em outros suportes (audiovisuais, softwares, CD-Rom, Internet, etc.), como observa Choppin (2004).

No ingresso no curso de mestrado da Unicamp tínhamos a preocupação em trabalhar neste projeto a fim de contribuir com os profissionais que atuam na prática dos JECs, buscando diminuir a distância entre a produção acadêmica e o que lá acontece. A partir do LD, considerando-o um mediador entre a criança e os JECs, o LD ajuda o professor na organização dos conteúdos do trabalho, sem substituí-lo, tampouco sem diminuir sua importância ao longo do processo de ensino aprendizagem, uma vez que ele continuará a ser o principal mediador do processo, inclusive optando por adotar ou não o LD e, se optar por incluí-lo como material didático, escolher por nossa proposta, outras que virão ou ainda construir seu próprio material didático.

Os Jogos Esportivos Coletivos mostram-se como um campo profícuo de pesquisa em diversas áreas das Ciências do Esporte, assim como um ambiente rico para intervir no ser humano em sua plenitude, considerando-o em sua complexidade. Facilita, ainda, a relação entre as pessoas que compõem uma equipe e ainda interagem com adversários, contemplando um dos grandes desafios do nosso tempo: a Convivência. Esperamos que o estudo acerca dos JECs e

livro didático construídos nesta dissertação possam ser um estímulo para novos estudos e uma referência para novas práticas.

Referências Bibliográficas

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas:** bases para uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BALBINO, H.F. **Pedagogia do treinamento:** método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos. 2005. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BAYER, C. **O Ensino dos Desportos Coletivos.** Editions Vigot, Paris, 1994

BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In ABREU, M. (org) **Leitura, história e história da leitura.** Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2000. p. 529-575

BETTI, M. **Educação física e sociedade.** São Paulo: Movimento, 1991.

_____. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n.2, p. 282-287, 1992.

BENTO, J. O. **Desporto, saúde, vida: em defesa do desporto.** Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

BENTO, J. O. **Contextos da Pedagogia do Desporto:** perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

BENTO, J.O. **Desporto:** discurso e substância. Porto: Campo das Letras, Universidade do Porto. 2004.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos:** o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 1999. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CARMO, S.C.O. **O livro como recurso didático no ensino do futebol.** 1999. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo. V.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). Disponível em: <<http://www.olympic.org>>. Acesso em : 20 de Agosto de 2006

DAOLIO, J. **Jogos Esportivos Coletivos**: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 99-103, 2002.

DEMARTINI, Z.B.E.; LANG, A.B.S.G. **Educando Para o Trabalho**: família e escola como agências educadoras. São Paulo: Loyola, 1985.

DIETRICH, K.; DURRWACHTER, G.; SCHALLER, H.J. **Os grandes jogos**: metodologia e prática. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico: 1984.

DOLZ, J.; M. NOVERRAZ & B. SCHNEUWLY Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: R. H. R. Rojo & G. S. Cordeiro (orgs, trads) **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Tradução de trabalhos de Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz & colaboradores, p. 95-128. Campinas: Mercado de Letras :2004.

ESTEVES DE VASCONCELOS, M.J. **Pensamento Sistêmico**: o novo paradigma da ciência. São Paulo: Papyrus, 2003.

FERREIRA, H.B.; GALATTI, L.R.; PAES, R.R. **Pedagogia do Esporte**: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino e aprendizagem do basquetebol. In: PAES, R.R.; BALBINO, H.F; **Pedagogia do Esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, J. B., SCAGLIA A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GALLAHUE, D. L. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2001.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do Esporte**: discutindo o processo de ensino-aprendizagem na modalidade basquetebol. 2002. 98f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GALATTI, L.R., PAES, R.R. Fundamentos da Pedagogia do Esporte no Cenário Escolar. In: **Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal Vol. 6, Nº 9, p.16-25, jul.-dez. 2006. Disponível em: <<http://www.unipinhal.edu.br/movimentopercepcao>>

GARDNER, H. **Inteligências**: um conceito reformulado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 2. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1995. p. 11-25.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GHIRALDELLI JR., P. **O Que é Pedagogia**. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

GONÇALVES, C. A Educação para os valores no desporto juvenil. In: **Encarte do Ano Europeu da Educação Para o Desporto 2004**. Bruxelas, Media Consulta, 2004.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Jaú Sedia X Edição dos Jogos Regionais dos Idosos de 2006**. Disponível em: <<http://www.fundosocial.sp.gov.br/Not2006/not0206D.htm>> Acesso em: 19 de ago. 2006.

GRECO, J. P., BENDA, R. N. (Org.). **Iniciação desportiva universal**. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 1998.

IBGE. **Anuário estatístico do Brasil**, 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

LAJOLO, M. Livros didáticos: um (quase) manual de usuário. In: **Em Aberto**, n. 69, ano 16. 1996, pp.3-9.

LAMAS, L E SEABRA, F. “Estratégia, tática e técnica nas modalidades esportivas coletivas: conceitos e aplicações”. In: ROSE JR. **Modalidades Esportivas Coletivas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2006. p. 40-59

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos: para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, A. **O treino dos jovens desportistas**. Actualizações de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v. 1, n. 1, p. 130-37, jan. 2001.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. Vol.II. São Paulo: EPU, 1974.

MONTAGNER, P. C. **Esporte de competição X educação**: o caso do basquetebol. 1993. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

MUNAKATA, K. (1999) Livro didático: produção e leituras. In M. ABREU (org) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras/ALB. p. 577-595

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Disponível em: <<http://www.onu.org>>. Acesso em : 20 de Setembro de 2006.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. 3.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. Esporte educacional. In: I CONGRESSO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA E II CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MOTORA, 1998, Foz do Iguaçu. **Anais...** 1998, p.109-114.

_____. **Educação física escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ed. Ulbra, 2001.

_____. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**. São Paulo: Artmed, 2002. p. 89-98.

ROCHA, H. , CORDOVIL, J. O ensino do rugby. In: GRAÇA, A. , OLIVEIRA. J. (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3. ed. Porto: Universidade do Porto, 1998. p. 219-244.

ROJO, R. H. R **Praticando os PCNs**: dos Parâmetros Curriculares Nacionais à Prática de Sala de Aula, durante o **9º InPLA - Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada**, 01/05/1999, LAEL/PUC-SP

SANTANA, W.C. Pedagogia do Esporte na Infância e Complexidade. in:PAES, R.R.; BALBINO, H.F. **Pedagogia do Esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2005. pp.1-22.

SCAGLIA, A. Os jogos/brincadeiras de bola com os pés e o futebol: o início de uma profícua história sistêmica/complexa. In: **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, jan./jun.. 2005. Disponível em:
<<http://www.unipinhal.edu.br/movimentopercepcao>>

SOARES et.al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TEIXEIRA, H.V.; PINI, M.C. Aulas de Educação Física: 1. Grau. São Paulo: IBRASA. 1978.

TEIXEIRA, H.V. **Trabalho Dirigido de Educação Física**. São Paulo: Saraiva, 1981.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

THADEI, J. L. M. **Letramento e temas transversais nas séries iniciais do Ensino Fundamental** – para além da transversalidade temática. Dissertação de mestrado. São Paulo: LAEL/PUC-SP.

TRINDADE, P.M. Pedagogia do Esporte: contribuições para um envelhecimento bem-sucedido. In: PAES, R.R.; BALBINO, H.F; **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

TUBINO, M.J. G. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: IBRASA, 1987.

TURNER, A. **Teaching for understanding: Myth or reality**, Joped, v. 67, n.4, pp. 46-48. 1996.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. SP, Martins Fontes, 1987

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. São Paulo: Manole, 1999.

WERNER, P.; THORPE, R. e BUNKER, D. **Teaching Games for Understanding: evolution of a model**. Joped, v. 67,n. 1, pp.28-33. 1996.